



What's your power?

L. J. SMITH
The
SECRET CIRCLE
THE CAPTIVE

The SECRET CIRCLE



L. J. SMITH

The
SECRET CIRCLE

THE CAPTIVE

shadow
Hunters

Ela estava sentada num quarto claro e ensolarado. Sua cadeira era baixa no chão, o encosto de madeira fino tão desconfortável que tinha que se sentar ereta. As roupas também eram desconfortáveis; um boné tão apertado quanto uma toca de natação, e algo firme na sua cintura que mal lhe deixava respirar. No seu colo, repousava um livro.

Era o Livro das Sombras de Diana! Mas não, a capa era diferente, um couro vermelho em vez de marrom. Enquanto folheava, via que a escrita no começo era bem parecida, e os títulos de alguns dos feitiços eram os mesmos dos que haviam no de Diana.

Um Encanto para Curar uma Criança Doente. Fazer Galinhas Dormirem. Para Proteção Contra Fogo e Água. Manter o Mal Inofensivo.

Manter o Mal Inofensivo!

Seus olhos se moveram rapidamente pelas palavras atrás desse.

Enterre o objeto maligno em argila ou areia boa e úmida, bem coberto. O poder de cura da Terra lutará com o veneno, e se o objeto não estiver muito corrompido, será purificado.

É claro, pensou Cassie. É claro.

O sonho estava esgotando-se. Ela podia sentir a cama de Diana sob ela. Mas também podia uma fraca voz, chamando um nome:

— Jacinth! Você está aí? Jacinth!

Fogo, pensou Cassie. Tudo que via ao seu redor eram cores ardentes de outono. O laranja-amarelado do bordo, o vermelho brilhante de sassafrás, o carmesim de arbustos de sumagre. Era como se o mundo todo flamejasse com o elemento de Faye.

E eu estou presa bem no meio.

A sensação enjoativa no fundo do estômago de Cassie piorava com cada passo que ela dava na estrada Crowhaven.

A casa amarela vitoriana no fim da estrada estava elegante como sempre. Um prisma pendurado na janela da torre mais alta lançava, com a luz do sol, faíscas de cores diferentes do arco-íris. Uma garota de cabelo longo e marrom claro lhe chamava da varanda.

— Depressa, Cassie! Você está atrasada!

— Desculpe — Cassie gritou de volta, tentando acelerar o passo quando o que realmente queria fazer era dar meia-volta e correr na direção oposta. Teve a repentina e inexplicável convicção que seus pensamentos privados deviam estar aparecendo no seu rosto. Laurel iria olhar para ela só uma vez e saberia tudo o que acontecera com Adam na noite passada e tudo sobre a barganha com Faye.

Mas Laurel só a pegou pela cintura e lhe empurrou para dentro, guiando até o quarto de Diana. Diana estava parada na frente do grande armário de madeira de nogueira; Melanie estava sentada na cama. Sean estava sentado desconfortavelmente no assento em frente à janela, esfregando os joelhos com as palmas.

Adam estava de pé ao lado dele.

Ele ergueu o olhar quando Cassie entrou.

Cassie encontrou aqueles olhos azuis acinzentado por só um instante, mas foi tempo suficiente. Era a cor do oceano no seu ponto mais misterioso, iluminado pelo sol na superfície, mas com profundezas incompreensíveis mais abaixo. O resto de seu rosto era o mesmo de sempre: cativante e intrigante, orgulho salientado nas altas maçãs e boca determinada, mas sensibilidade e humor também ressaltando-se ali. Seu rosto parecia diferente só porque na noite passada Cassie viu aqueles olhos azuis à meia-noite com paixão, e sentiu aquela boca...

Nenhuma *palavra, olhar* ou *ação*, falou para si mesma ferozmente, fitando o chão uma vez que não ousava olhar para a frente de novo. Mas seu coração martelava tanto que ela esperava ver a frente do suéter vibrando. Oh, céus, como ela poderia continuar com aquilo e manter seu juramento? Levou uma incrível quantidade de energia para se sentar com Melanie e não olhar para ele, bloquear de sua mente o calor carismático da presença dele.

É melhor você se acostumar com isso, disse para si. Porque vai fazer muito disso daqui para frente.

— Muito bem; estamos todos aqui — disse Diana. Ela foi para a porta e a fechou. — Esse é um encontro fechado — continuou, virando-se ao grupo. — Os outros não foram convidados pois não tenho certeza se têm os mesmos interesses sinceros que nós.

— Isso é falar com gentileza — disse Laurel em voz baixa.

— Eles vão ficar chateados se descobrirem — disse Sean, os olhos negros passando entre Adam e Diana.

— Então deixe-os ficar — Melanie disse sem emoção. Seus frios olhos cinza se fixaram em Sean e ele enrubesceu. — Isso é muito mais importante do que qualquer ataque que Faye possa ter. Temos que descobrir o que aconteceu com aquela energia sombria... agora.

— Acho que sei como — disse Diana. Ela tirou uma bolsa branca de veludo uma delicada pedra azul numa corrente de prata.

— Um pêndulo — Melanie disse de imediato.

— Sim. Isso é peridoto — Diana falou para Cassie. — É uma pedra

visionária... Certo, Melanie? Geralmente, usamos quartzo limpo como pêndulo, mas dessa vez acho que peridoto é melhor; será provavelmente mais fácil encontrar traços da energia sombria. Vamos levá-lo ao lugar onde a energia sombria escapou, e ele irá se alinhar na direção que a energia tomou e começar a oscilar.

— Assim esperamos — murmurou Laurel.

— Bem, essa é a teoria — disse Melanie.

Diana olhou para Adam, que estivera anormalmente quieto.

— O que você acha?

— Acho que vale a pena tentar. Mas vai ser necessário muito poder mental para controlá-lo. Teremos todos que nos concentrar; especialmente quando não somos um Círculo inteiro. — Sua voz era calma e serena, e Cassie o admirou por isso. Ela manteu o rosto virado na direção de Diana, mesmo que na verdade seus olhos estivessem fixos no armário de madeira de nogueira.

Diana se virou para Cassie.

— E você?

— Eu? — perguntou Cassie, assustada, tirando os olhos da porta do armário. Não esperava que lhe perguntassem alguma coisa; não sabia nada sobre pêndulos ou peridoto. Para o seu terror, sentiu o rosto corar.

— Sim, você. Você pode ser nova nos métodos que usamos, mas um monte de vezes você tem *sensações* sobre as coisas.

— Ah. Bem... — Cassie tentou procurar pelas suas sensações, arrastando-se para chegar além da culpa e terror que eram predominantes. — Acho... que é uma boa ideia — falou finalmente, sabendo como aquela resposta era estúpida. — Por mim tudo bem.

Melanie revirou os olhos, mas Diana assentiu de forma tão séria quanto fizera com Adam.

— Muito bem, então, a única coisa a fazer é tentar — disse, abaixando o peridoto e sua corrente de prata na palma da mão esquerda e fechando-a firmemente. — Vamos.

Cassie não conseguiu tomar fôlego; ainda se recuperava do impacto dos claros olhos verdes de Diana, levemente mais escuros que o peridoto,

mas com aquela mesma transparência delicada, como se houvesse luz brilhando atrás deles.

Eu não vou conseguir, pensou. Estava tão surpresa em ver como tudo agora estava inflexível e simples que realmente olhou para Diana nos olhos.

Eu *não* vou conseguir. Terei que contar a Faye... não, contarei a Diana. É isso. Vou contar a Diana eu mesma antes que Faye possa, e eu vou *fazê-la* acreditar em mim. Ela entenderá; Diana é tão boa, terá que entender.

Todos se levantaram. Cassie se levantou também, virando na direção da porta para esconder a agitação — eu devia *contar agora? Pedir para ela esperar um minuto?* — quando a porta se abriu no seu rosto.

Faye estava parada do outro lado.

Suzan e Deborah estavam atrás dela. A garota de cabelo loiro-avermelhado tinha um olhar maldoso, e a carranca habitual da motociclista estava ainda mais obscura que o normal. Atrás delas estavam os irmãos Henderson, Chris com a testa franzida e Doug com um sorriso extravagante e perturbador.

— Indo a algum lugar sem a gente? — perguntou Faye. Ela estava falando com Diana, mas os olhos permaneciam fixos em Cassie.

— Não agora — murmurou Laurel.

Diana soltou o fôlego.

— Não achei que estaria interessada — disse. — Vamos traçar a energia sombria.

— Não estou interessada? Quando o resto de vocês estão tão ocupados? É claro, só posso falar por mim mesma, mas tenho interesse em tudo que o Círculo faz. E você, Deborah?

A carranca da garota motociclista se alterou brevemente num sorriso malicioso.

— Estou interessada — falou ela. — E você, Suzan?

— Estou interessada — Suzan concordou.

— E você, Chris?

— Estou...

— *Certo* — disse Diana. Suas bochechas ficaram coradas; Adam se aproximou dela pelo lado. — Já entendemos. Somos melhores como um Círculo completo, afinal; mas onde está o Nick?

— Não faço ideia — disse a voz fria de Faye. — Ele não está em casa. Diana hesitou, então deu de ombros.

— Vamos aproveitar ao máximo o que temos — disse. — Vamos para a garagem.

Gesticulou para Melanie e Laurel e elas foram primeiro, passando pelo grupo de Faye, que parecia querer ficar e discutir um pouco mais. Adam olhou para Sean e o tirou da porta, depois se juntou aos Henderson. Deborah e Suzan olharam para Faye, logo antes de seguirem os garotos.

Cassie ficara no fundo, esperando a chance de falar com Diana sozinha. Mas Diana parecia ter esquecido dela; estava ocupada lidando com Faye. Finalmente, cabeça erguida, passou pela alta garota que ainda estava mais ou menos bloqueando a passagem.

— Diana... — chamou Faye. Diana não olhou para trás, mas os ombros se tencionaram: estava ouvindo. — Você irá perder todos eles — disse Faye, rindo com seu riso despreocupado enquanto Diana continuava descendo a escadaria.

Mordendo o lábio, Cassie avançou furiosamente. Um bom empurrão na barriga de Faye. Mas Faye a rodeou docilmente, bloqueando completamente o vão da porta.

— Ah, não, você não. Temos que conversar — disse ela.

— Eu não quero conversar com você.

Faye lhe ignorou.

— Está aqui? — Ela se moveu rapidamente até o armário de madeira de nogueira e puxou uma das maçanetas, mas a gaveta estava trancada. Todas estavam. — Droga. Mas você pode descobrir onde ela guarda a chave. Eu a quero assim que possível, entendeu?

— Faye, você não está me escutando! Eu mudei de ideia. Não vou fazer isso depois de tudo.

Faye, que estava rondando o quarto como uma pantera, tirando vantagem dessa única oportunidade de examinar as coisas de Diana, parou

de andar. Virou-se lentamente para Cassie, sorrindo.

— Ah, Cassie — disse. — Você realmente me mata.

— Estou falando *sério*. Mudei de ideia. — Faye só sorriu para ela, encostada na parede e sacudindo a cabeça. Seus olhos dourados brilhavam de diversão, o cabelo negro caindo pelos ombros conforme a cabeça se movia. Ela nunca pareceu mais bonita... ou mais perigosa.

— Cassie, venha aqui. — A voz de Faye estava levemente afiada de impaciência, como uma professora que reclamava muito de um aluno no fundo da sala. — Deixe-me te mostrar uma coisa — continuou Faye, pegando Cassie pelo cotovelo e arrastando-a até a janela. — Agora, olhe ali. Que você vê?

Cassie parou de lutar e olhou. Via o Clube, a galera do colégio de Nova Salém, os adolescentes que amedrontavam — e aterrorizavam — estudantes e alunos igualmente. Ela os via reunidos na entrada da garagem de Diana, as cabeças brilhando nos primeiros raios do pôr do sol: o loiro-avermelhado de Suzan transformado só em vermelho, os cachos escuros de Deborah tocados de rubi, o cabelo longo e marrom claro de Laurel, o curto cabelo ruivo de Melanie e o amarelo desganhado dos irmãos Henderson todos realçados pelo brilho rubro no céu.

E ela via Adam e Diana, um perto do outro, o cabelo prateado de Diana caindo no ombro de Adam. Ele estava segurando-a de forma protetora, seu próprio cabelo escuro como vinho.

A voz de Faye veio de trás de Cassie.

— Se você contar a ela, irá matá-la. Irá destruir a fé dela em tudo que já acreditou. E você irá tirar a única coisa que ela tem a confiar. É isso o que você quer?

— Faye... — agitou-se Cassie.

— E, acidentalmente, você será banida do Clube. Sabe disso, não sabe? Como acha que Melanie e Laurel vão se sentir quando ouvirem que você bagunçou o namoro de Diana? Nenhum deles irá falar com você de novo, nem formar um Círculo completo. O pacto também será destruído.

Cassie fechou a mandíbula. Queria bater em Faye, mas isso não ajudaria de nada. Porque Faye estava certa. E Cassie pensava que podia

aguentar ser banida, ser uma excluída na escola de novo; até pensava que podia aguentar destruir o pacto. Mas a imagem do rosto de Diana...

Mataria Diana. Quando Faye terminasse de contar como, iria. A fantasia de Cassie de confessar a Diana e fazer Diana entender desapareceu como uma bolha de sabão num prego.

— E o que eu quero é tão razoável — continuava Faye, quase cantando. — Eu só quero que você lhe na caveira por um tempinho. Sei o que estou fazendo. Você irá conseguir isso para mim, não vai, Cassie? Não vai? Hoje?

Cassie fechou os olhos. Nas pálpebras fechadas, a luz era vermelha como chamas.



Em algum lugar no primeiro andar, Cassie parou sentindo culpa. Ela não sabia exatamente como aconteceu. Mas era *necessário*, se fosse sobreviver a isso. Estava fazendo tudo o que podia para proteger Diana — e Adam, também, de uma forma. Adam nunca deveria saber sobre a chantagem de Faye. Então, Cassie faria o que fosse preciso para proteger os dois, mas, por Deus, não sentiria culpa bem no meio daquilo.

E de alguma forma tinha que dar um jeito em Faye, pensou, marchando atrás da alta garota, passando pelo escritório do pai de Diana. Ela tinha que impedir que Faye fizesse algo muito radical com a caveira. Não sabia como; tinha que pensar a respeito disso mais tarde. Mas, de alguma forma, faria.

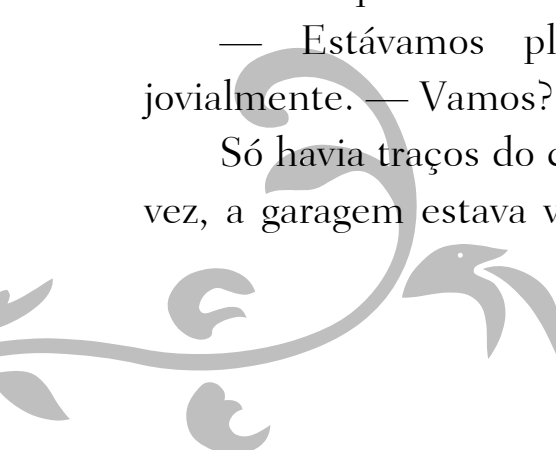
Se Faye olhasse agora para trás, Cassie pensou, iria se surpreender ao ver o rosto da garota atrás dela. Pela primeira vez na sua vida, Cassie sentia que os olhos eram severos, como o aço azul de um revólver ao invés do azul suave de flores silvestres.

Mas agora tinha que parecer neutra — composta. O grupo na entrada da garagem olhou quando ela e Faye saíram pela porta.

— Por que demoraram tanto? — perguntou Laurel.

— Estávamos planejando matar todos vocês — Faye disse jovialmente. — Vamos? — Gesticulou em direção à garagem.

Só havia traços do círculo de giz de ontem deixado no chão. Mais uma vez, a garagem estava vazia de carros — tinham sorte pelo pai de Diana



trabalhar tanto no escritório de advocacia.

Diana, o punho esquerdo ainda fechado, se aproximou da parede da garagem, diretamente atrás do lugar onde Cassie estivera sentada quando realizaram a cerimônia da caveira. Cassie a seguiu e então respirou fundo ríspidamente.

— Está *queimado*. — Não percebera isso na noite passada. Bem, claro que não; estava muito escuro.

Diana assentia.

— Espero que ninguém continue discutindo sobre a suposta existência de uma energia sombria — disse, com um olhar voltado a Deborah e Suzan.

A madeira e reboco da parede da garagem estava chamuscada num círculo de aproximadamente quarenta e cinco centímetros de diâmetro. Cassie olhou para ele, e então para o resto do círculo de giz no chão. Estivera sentada ali, mas parte dela estivera dentro da caveira. Diana falou a todas elas para olhar nela, se concentrar, e de repente Cassie se encontrou dentro dela. Foi onde viu — sentiu — o poder sombrio. Começou a correr para fora, aumentando, determinado a sair do cristal. E vira um rosto...

Ficou grata, de repente, pela voz calma de Adam.

— Bem, sabemos em que direção começou. Vamos ver se o cristal concorda.

Estavam todos em volta de Diana. Ela olhou para eles, então estendeu o punho esquerdo, a palma para cima, e abriu a mão. Pegou a ponta superior da corrente de prata com a mão direita e a esticou, de forma que o peridoto descansasse em sua palma.

— Concentrem-se — disse. — Terra e Ar ajudem-nos a ver o que precisamos ver. Mostre os traços da energia sombria para nós. Todos se concentrem no cristal.

Terra e Ar, vento e árvore, mostrem-nos o que precisamos ver, pensou Cassie, a mente automaticamente formando uma frase do simples conceito. A madeira da parede, o ar externo; aquilo que precisava ajudá-los. Ela se encontrou murmurando as palavras em voz baixa e rapidamente

parou, mas os olhos verdes de Diana brilharam para ela.

— Continue — disse Diana tensa numa voz baixa, e Cassie recomeçou, sentindo-se autoconsciente.

Diana removeu a mão que segurava o cristal.

Ele rodopiou na corrente, torcendo-se até a corrente estar enroscada firmemente, e depois se torcendo para o outro lado. Cassie observou o borrão verde pálido, murmurando cada vez mais rápido os versos. *Terra e Ar...* Não, era inútil. O peridoto estava só girando loucamente como um cume enlouquecido.

De repente, com golpes amplos e largos, o cristal começou a balançar para frente e para trás.

A respiração de alguém sibilou no outro lado do círculo.

O peridoto se esticou; não se torcia mais, mas balançava constante e firmemente.

Como um pêndulo, percebeu Cassie. Diana não estava fazendo aquilo; a mão que segurava à corrente permanecia parada. Mas o peridoto balançava muito, para trás no centro do círculo de giz no chão e para frente no lugar queimado na parede.

— Bingo — disse Adam suavemente.

— Conseguimos — sussurrou Melanie. — Muito bem, agora vocês vão ter que desfazer o alinhamento para sair. Andem, com cuidado, até a porta, e então tentem voltar a esse exato lugar no outro lado da parede.

Diana molhou os lábios e assentiu, então, segurando a corrente de prata sempre na mesma distância do corpo, virou-se calmamente e fez o que Melanie disse. O pacto se quebrou para lhe dar espaço e se reagrupou em torno dela no lado de fora. Encontrar o lugar certo não foi difícil; havia outro círculo queimado na parede externa, um pouco mais fraco que o de dentro.

Quando Diana trouxe o cristal ao alinhamento mais uma vez, este recomeçou a balançar. Direto para o lugar queimado, direto para fora. Descendo a estrada Crowhaven, na direção da cidade.

Um calafrio subiu pela espinha de Cassie.

Todo mundo olhou para todo mundo.

Segurando o cristal longe dela, Diana seguiu a direção da oscilação. Todos avançavam atrás dela, apesar de Cassie notar que o grupo de Faye mantinha a retaguarda. A própria Cassie ainda estava lutando em cada segundo para não olhar para Adam.

Árvores farfalharam em volta. Bordo vermelho, faia, olmo — Cassie podia identificar várias delas agora. Mas tentou manter os olhos na oscilação rápida do pêndulo.

Andaram e andaram, seguindo a curva da estrada Crowhaven em direção à água. Agora, grama e sebes cresciam pobremente no solo arenosos. A pedra verde pálida balançou num ângulo, e Diana virou para segui-lo.

Agora rumavam ao oeste, seguindo uma estrada suja e profundamente esburacada. Cassie nunca esteve ali antes, mas os outros membros do Círculo obviamente já — trocavam olhares cautelosos. Cassie viu uma grade à frente, e depois uma linha irregular de lápides.

— Ah, ótimo — murmurou Laurel do lado de Cassie, e de algum outro lugar no fundo, Suzan disse:

— Eu não acredito nisso. Primeiro temos que andar por quilômetros, e agora...

— Qual é o problema? Só vamos visitar alguns de nossos ancestrais debaixo da terra — disse Doug Henderson, seus olhos azul-esverdeados brilhando estranhamente.

— Cala a boca — disse Adam.

Cassie não queria entrar. Vira vários cemitérios na Nova Inglaterra — parecia que tinha um em cada rua de Massachusetts, e ela foi ao funeral de Kori na cidade. Esse não era tão diferentes dos outros: era uma terra quadrada e pequena com várias lápides espalhadas, várias delas quase completamente gastas com o tempo. Mas Cassie mal pôde seguir os outros na escassa grama marrom entre os túmulos.

Diana os levou direto para o meio do cemitério. A maioria das lápides eram pequenas, quase mais baixas que os joelhos de Cassie. Tinham formas de arco, com dois arcos menores em cada lado.

— Quem quer que tenha esculpido esses, tinha um terrível senso de

humor — tomou fôlego. Várias lápides estavam gravadas com feias caveiras, algumas delas aladas, outras em frente a ossos cruzados. Uma tinha um esqueleto inteiro, segurando um sol e uma lua nas mãos.

— A morte vence — disse Faye suavemente, tão perto que Cassie sentiu calor atrás do pescoço.

Cassie deu um pulo, mas se recusou a olhar para trás.

— *Assustador* — disse Laurel quando Diana diminuiu o passo.

O céu escurecia. Estavam no centro do cemitério, e uma fria brisa soprou na pouca grama, trazendo um fraco cheiro de sal com ela. Os cabelos na parte de trás do pescoço de Cassie formigavam.

Você é uma bruxa, lembrou a si mesma. Deveria amar cemitérios. São provavelmente seu habitat natural.

O pensamento não lhe deixou menos assustada, mas agora o medo se misturou com algo mais — um tipo de estranha animação. A escuridão se reunindo no céu e nos cantos do cemitério parecia mais próxima. Ela era parte disso, parte de todo um mundo novo de sombras e poder.

Diana parou.

A corrente de prata era uma linha fina na luz, com uma bola pálida abaixo. Mas Cassie podia ver que o peridoto não mais balançava como um pêndulo. Em vez disso, mexia-se erratically, em círculos. Ia por um tempo para um lado, depois diminuía a velocidade e voltava para o outro lado.

Cassie olhava para ele, então olhou para o rosto franzido de Diana. Todos observavam a pedra circulando em silêncio.

Não conseguiu mais aguentar.

— O que significa? — sibilou para Laurel, quem apenas sacudiu a cabeça. Diana, porém, olhou para cima.

— Tem algo errado com ele. Trouxe-nos até aqui... e depois simplesmente parou. Mas se encontramos o lugar, não deveria estar se mexendo. A pedra só devia meio que apontar e tremer; certo, Melanie?

— Como um cachorro direito — disse Doug, com seu sorriso malicioso.

Melanie o ignorou.

— Essa é a teoria — disse. — Mas nunca tentamos antes. Talvez signifique... — Sua voz falhou enquanto olhava em volta do cemitério, depois deu de ombros. — Eu não sei o que significa.

O calafrio atrás do pescoço de Cassie aumentava. A energia sombria veio aqui... e fez o quê? Desapareceu? Se dissipou? Ou...

Laurel respirava rápido, seu rosto élfico anormalmente tenso. Cassie instintivamente se aproximou um pouco dela. Ela, Laurel e Sean eram os juniores, os membros mais novos do Círculo, e bruxa ou não, os braços de Cassie ficaram arrepiados.

— E se ainda estiver aqui, em algum lugar... esperando? — perguntou.

— Duvido — disse Melanie, a voz calma e inflexiva como sempre. — Não poderia vagar sem ser restaurada de alguma forma; iria simplesmente evaporar. Veio-se aqui e *fez* algo, ou... — Contudo, novamente só pôde terminar a frase com um dar de ombros.

— Mas o que poderia fazer aqui? Não estou vendo nenhum sinal de dano, e sinto... — Ainda franzindo a testa, Diana pegou o peridoto na mão esquerda e o segurou. — Esse lugar está confuso, estranho, mas não sinto nenhum dano que a energia sombria pode ter causado. Cassie?

Cassie tentou procurar pelas sensações. Confusão — como Diana disse. E sentiu medo e raiva e todos os tipos de emoções agitadas — mas talvez fosse só *ela*. Ela não estava no estado para ler qualquer coisa claramente.

— Eu não sei — teve que dizer a Diana. — Não gosto daqui.

— Pode ser, mas não é isso. Eu não vejo queimaduras que a energia sombria tenha deixado nem sinto nada destruído ou ferido — disse Diana.

— Por que você está perguntando a *ela*, aliás? — disse Deborah, numa voz impaciente, virando a cabeça de cabelos negros para Cassie. — Ela nem é uma de nós...

— Cassie faz mais parte do Círculo do que você — interrompeu Adam, anormalmente breve. Cassie viu o olhar entretido que Faye o lançou e quis intervir, mas Diana concordava calorosamente com Adam, e Deborah controlando-se, fitando os dois. Parecia que um argumento

estava para sair.

— Silêncio! — gritou Laurel agudamente. — Ouçam! — Cassie ouviu assim que as vozes morreram; o quieto barulho de passos nos pedregulhos no lado da estrada. Era notável apenas na quietude mortal do crepúsculo outonal.

— Tem alguém vindo — disse Chris Henderson. Ele e Doug estavam equilibrados para uma briga.

Estavam todos terrivelmente nervosos, percebeu Cassie. O barulho de passos soava alto como bombinhas, irritando seus nervos tensos. Viu uma forma obscura ao lado da pista, e então viu Adam avançar, ficando na frente de Diana e dela. Vou ter que falar com ele sobre isso, pensou irrelevante.

Os passos pararam, e a forma obscura veio na direção deles. Adam e os irmãos Henderson pareciam prontos para agarrá-lo. Disputa esquecida, Deborah também estava pronta. Sean agachava-se atrás de Faye. O coração de Faye começou a martelar.

Então percebeu um ponto vermelho, como um pedaço de carvão minúsculo queimando, flutuando perto da figura, e ela ouviu uma voz familiar.

— Se me querem, já conseguiram. Quatro contra um devia ser meio justo.

Com um salto, Chris Henderson saiu correndo.

— Nick!

Doug sorriu, enquanto ainda conseguia parecer que ia pular na figura que se aproximava. Adam relaxou e recuou.

— Tem certeza, Adam? Podemos resolver isso aqui e agora — disse Nick quando alcançou o grupo, a ponta do cigarro brilhando enquanto inalava. Os olhos de Adam se estreitaram, e então Cassie viu o sorriso intrépido que ele abrira no Cape Cod, quando quatro caras com uma arma o caçaram.

O que havia de errado com ele, o que havia de errado com todo mundo essa noite? imaginou. Estavam agindo como loucos.

Diana abaixou uma mão restrigente no braço de Adam.

— Sem luta — disse calmamente.

Nick olhou para ela, depois deu de ombros.

— Meio assustado, você, não é? — disse, observando o grupo.

Sean emergiu de trás de Faye.

— Sou só muito nervoso.

— É, deve ser... de uma árvore — disse Faye com desdém.

Nick não sorriu, mas, por outro lado, Nick nunca sorria. Como sempre, seu rosto era bonito porém frio.

— Bem, talvez você tenha um motivo para estar nervoso; pelo menos alguns de vocês — disse.

— Que significa isso? Viemos aqui procurando a energia sombria que escapou na noite passada — disse Adam.

Nick ficou parado, como se uma nova ideia lhe prendesse, e então o cigarro brilhou de novo.

— Vai ver vocês estão olhando no lugar errado — disse sem expressão.

— Nick, você poderia simplesmente nos contar o que quer dizer? — disse Diana numa voz calma.

Nick olhou para todos eles.

— Eu quero dizer — disse deliberadamente — que, enquanto vocês estão passeando aqui, apareceu um grupo no Devil's Cove, tirando as pedras de cima do velho Fogle.

Fogle? Cassie não se lembrava do nome. E então de repente viu na mente — num prato de ferro num escritório com uma mesa de madeira.

— Nosso diretor? — ofegou.

— Exatamente. Disseram que ele foi pego numa *avalanche*.

— Uma avalanche? — perguntou Laurel, descrente. — Nessa região?

— Como então você explica o bloco de duas toneladas de granito que estava em cima dele? Sem mencionar todas as coisas menores.

Houve um momento de chocado silêncio.

— Ele está... — Cassie não terminou a pergunta.

— Ele não estava com a melhor das aparências quando tiraram aquele bloco dele — disse Nick e, então, com menos sarcasmo: — Está morto desde ontem à noite.

— Oh, céus — sussurrou Laurel. Houve outro silêncio, mais chocado e ainda mais longo dessa vez. Cassie sabia que estavam todos vendo a mesma coisa: uma caveira de cristal cercada por um círculo protetor de velas... e uma das velas se apagando.

— Foi culpa de Faye — começou Sean com um lamento, mas Faye o interrompeu sem nem virar a cara.

— Foi culpa dele.

— Esperem aí — disse Diana. — Não sabemos se a energia sombria tem algo a ver com isso. Como *podéria*, quando sabemos que ela veio aqui e depois parou?

— Não acho que isso é muito conforto — Melanie falou em voz baixa. — Porque se não foi a energia sombria, quem foi?

Havia um tipo de estranho deslocamento no grupo, como se todos estivessem recuando e olhando para todos os outros. Cassie sentiu um vazio na boca do estômago novamente. O diretor era — tinha sido — um renegado, que odiava bruxas. E isso significava que todos tinham um motivo — especialmente alguém que culpava os renegados pela morte de Kori Henderson. Cassie olhou para Deborah, e depois para Chris e Doug.

A maioria do grupo fazia o mesmo. Doug olhou para trás, depois abriu um sorriso malicioso e desafiador.

— Quem sabe fomos nós que fizemos isso — disse, os olhos brilhando.

— Fizemos? — disse Chris, confuso.

Deborah só tinha desprezo.

Mais um momento de silêncio, quebrado por Suzan numa voz petulante.

— Olhem, já é uma terrível notícia sobre Fogle, mas temos que ficar em pé aqui para sempre? Meus pés estão me matando.

Adam pareceu se sacudir.

— Ela tem razão; devíamos sair desse lugar. Não há nada a ser feito aqui. — Ele pôs um braço em volta de Diana e gesticulou para todos à frente.

Cassie demorou-se. Queria falar uma coisa com Diana.

Mas Diana agora se movia, e Cassie não teve a chance. Com os Henderson na frente, o grupo ia numa direção diferente da qual vieram, andando até o nordeste do cemitério. Quando se aproximaram da estrada, Cassie notou o chão levantado. Havia um pequeno barranco de terra coberta de grama perto da grade nesse lado; quase tropeçou ao passar. Mas ainda mais estranho era o que via quando eles passaram por ela e ela olhou para trás.

A frente do barranco tinha placas de pedra, e havia uma porta de ferro, talvez com sessenta centímetros quadrados, posta entre elas. A porta tinha uma dobradiça de ferro e um cadeado nele, mas não podia ser aberta de qualquer forma. Posto logo acima havia um grande e irregular bloco de cimento. Grama crescia em volta do cimento, mostrando que ele estava ali faz tempo.

As mãos de Cassie estavam frias, o coração martelava e ela estava tonta. Tentou pensar, notando com somente parte da mente que estava passando por túmulos mais recentes agora, placas de mármore com a escrita não gasta pelo tempo. Tentava imaginar o que havia de errado com ela — era só reação a todos os eventos dos passados dia e noite? Era por isso que ela estava tremendo?

— Cassie, você está bem? — Diana e Adam se viraram. Cassie ficou grata pela crescente escuridão quando encarou os dois e tentou clarear a mente.

— Claro. Só... me senti estranha por um minuto. Mas espere, Diana. — Cassie se lembrou do que queria dizer. — Sabe, você estava perguntando sobre as minhas sensações antes... bem, eu tenho uma sensação sobre o sr. Fogle. Acho que a energia sombria teve algo a ver com isso, de alguma forma. Mas... — Fez uma pausa. — Mas eu não sei. Tem algo estranho acontecendo.

— Você pode repetir isso — disse Adam, e estendeu a mão na direção do braço dela para fazê-la se mover mais uma vez. Cassie o evitou e atirou-lhe um olhar repreensivo enquanto Diana não olhava. Ele olhou para a própria mão, assustado.

Havia algo estranho acontecendo, algo mais estranho do que qualquer

um deles podia imaginar, pensou Cassie.

— O que é aquilo lá atrás, com a porta de ferro?

— Está ali há mais tempo do que posso lembrar — disse Diana, distraída. — Algo a ver com o armazenamento, eu acho.

Cassie olhou para trás, mas agora o barranco estava perdido na escuridão. Abraçou-se, enfiando as mãos debaixo dos braços cruzados para esquentá-las. O coração ainda martelava.

Vou perguntar para a vovó Howard sobre isso, decidiu. O que quer que fosse não era um abrigo de armazenamento, sabia disso.

Então notou que Diana brincava com algo no pescoço enquanto andava perdida em pensamentos. Era uma fina corrente dourada, e na sua ponta pendurava-se uma chave.

— **A**cho — Melanie começou calmamente — que é hora de falar sobre a caveira. Adam nunca nos contou exatamente como a achou...

— É, vocês têm sido muito sigilosos sobre isso — interferiu Faye.

— ... mas talvez a hora chegou.

Diana e Adam se entreolharam, e então Diana assentiu levemente.

— Tudo bem, então, conte. Tente não deixar nada de fora.

Depois da caminhada de volta do cemitério, se amontoaram, todos os doze, no quarto de Diana. Cassie olhou para o grupo e percebeu que estava dividido. Suzan, Deborah e os irmãos Henderson estavam sentados num lado, perto de Faye, enquanto Laurel, Melanie, Adam e Sean estavam no outro lado, perto de Diana.

Pelo menos, pensou Cassie, observando os olhos incomodamente agitados de Sean, ele estava sentado no lado de Diana por um momento. Poderia mudar a qualquer hora. E Nick também — Nick podia apoiar Diana um dia, e depois com nenhum motivo aparente apoiar Faye em seguida. Nick sempre foi um fator desconhecido.

E, uma voz dentro dela sussurrou, você também.

Mas aquilo era ridículo. Nada — nem Faye — podia fazer Cassie não apoiar Diana. Não quando realmente contava.

Adam começou a falar numa voz baixa e pensativa, parecendo que tentava se lembrar precisamente.

— Não foi em Cape Cod, foi mais ao norte, mais perto de Boston. Todo mundo sabe que há dezessete ilhas na Baía de Boston; estavam todas

desertas e cobertas de algas. Bem, encontrei uma décima oitava. Não era como as outras; era plana, cheia de areia e não aparentava ter recebido pessoas ali faz tempo. E havia algo estranho nela... Já estive no lugar antes, mas nunca o vi. Era como se meus olhos de repente se abrissem depois... — Parou.

Cassie, olhando para o reflexo da luz no lustroso chão de tábuas de pinheiro de Diana, sentiu que estava se sufocando. Não ousou respirar até Adam continuar:

— ... depois de trabalhar em barcos de pesca o verão todo. Mas quando tentei ir para a ilha, o leme resistiu, tentando me manter longe ou me encalhar nas rochas. Tive que brigar com ele para controlar o barco; e tive que invocar a Terra e a Água ou nunca conseguiria. Quando estava finalmente seguro, olhei para as pedras e vi o naufrágio de outros barcos. Ninguém que chegou lá vivo foi embora vivo. — Respirou fundo e lentamente. — Assim que pisei na areia, podia *sentir* que a ilha inteira era elétrica. Sabia que era o lugar mesmo antes de ver o círculo de pedras no meio. Assim como Black John descreveu. Urze marinho crescia nas pedras, mas o centro era limpo e foi onde eu cavei. Um minuto depois, minha pá atingiu algo sólido.

— E então? — perguntou Diana.

— Então eu tirei dali. Me senti... não sei, tonto, quando vi. O sol brilhava na areia e meio que me cegou. Então enrolei a caveira na minha camisa e fui embora. A ilha não lutou quando eu fui; era como uma armadilha desarmada. Isso foi em... vejamos, vinte e um de setembro. Assim que voltei à Baía, quis voltar a Nova Salém, mas tinha algumas coisas para cuidar. Não pude começar até o dia seguinte, e sabia que eu me atrasaria para a iniciação de Kori. — Ele parou e lançou um olhar apoloético a Doug e Chris.

Não disseram nada, mas Cassie sentiu olhou adejarem em sua direção. A iniciação de Kori se tornara a iniciação de Cassie, porque naquela manhã Kori foi encontrada morta na base das escadas do colégio.

— Qual é o objetivo de toda essa narrativa? — perguntou Faye, a voz rouca chateada. — A menos — se endireitou, parecendo mais interessada

— que vocês achem que o resto das Ferramentas Mestres estejam naquela ilha.

— Eu já disse — falou Adam. — Não havia mais nada lá, Faye. Só a caveira.

— E o objetivo é que precisamos saber mais sobre a caveira — informou Diana. — Por bem ou por mal, estamos presos com ela agora. Acho que não devíamos devolvê-la à ilha...

— *Devolva!* — exclamou Faye.

— ... onde qualquer um pode encontrá-la, agora que o feitiço protetor está quebrado. Não é seguro lá. Não sei se algum outro lugar será seguro.

— Bem, agora — murmurou Faye, aparentemente sonolenta. — Se é muito problema para você, eu ficaria feliz em tomar conta dela.

Diana só lhe atirou um olhar que dizia que Faye era a última pessoa que ela pediria para tomar conta da caveira. Mas, Cassie notou com uma sensação de declínio, os olhos cor de âmbar de pesadas pálpebras não estavam fixos no rosto de Diana. Estavam apontados na pequena chave dourada no pescoço de Diana.

Alguém bateu na porta.

Cassie se assustou, tão bruscamente que Laurel se virou e olhou para ela em surpresa. Mas era só o pai de Diana, que chegara em casa com uma pasta saliente na mão.

O sr. Meade examinou o quarto abarrotado em suave surpresa, como se ele não conhecesse todas essas pessoas. Cassie imaginou de repente quanto ele sabia sobre o Círculo.

— Vão todos ficar para o jantar? — perguntou a Diana.

— Ah... não — disse Diana, olhando para um relógio elegante branco e dourado no criado-mudo. — Não percebi que já tinha passado das sete, pai. Vou terminar aqui rápido.

Ele assentiu, partindo, não antes de dar mais uma olhada rápida e incerta no quarto.

Molas da cama rangeram e tecido roçou quando todos se levantaram.

— Amanhã podemos nos encontrar no colégio — disse Melanie. — Mas eu *tenho* que estudar hoje à noite; essa semana inteira que passou foi

perdida e eu tenho um teste de biologia.

— Eu também — disse Laurel.

— Tenho dever de álgebra — disse Suzan, e Deborah murmurou:

— Significando que você tem uma semana inteira de filmes no VCR.

— Muito bem, nos encontramos amanhã — disse Diana. Desceu para o primeiro andar com eles. Faye conseguiu pegar o braço de Cassie enquanto os outros saíam, e ela sussurrou em seu ouvido:

— Pegue hoje à noite. Me ligue e venho recolhê-la; então devolvemos antes de amanhecer. Ela não vai nem notar que sumiu.

Cassie puxou o braço com rebeldia. Mas, na porta, Faye lhe lançou um olhar significativo, e o lampejo naqueles olhos cor de âmbar a alarmou. Ela fitou Faye por um longo tempo, então assentiu levemente.

— Você quer que eu fique? — Adam dizia a Diana.

— Não — disse Cassie rapidamente, antes que Diana pudesse responder. Olharam para ela, assustados, e ela completou: — Eu fico e ajudo a fazer o jantar, se estiver tudo bem, Diana. Falei para minha vó e minha mãe que estaria fora e provavelmente elas já comeram.

A bondade de Diana ficou reconhecível.

— Ah... é claro que pode ficar, então — disse ela. — Ficaremos bem, Adam.

— Certo. — Adam lançou um olhar acre, no qual ela retornou de modo enfadonho. Ele saiu, seguindo Chris e Doug para a escuridão. O tremeluzir de um fósforo à frente mostrou onde Nick estava. Cassie olhou para o céu noturno, que brilhava impetuosamente com estranhas mas sem nenhum traço da lua, e então recuou quando Diana fechou a porta.

O jantar foi calmo, com o sr. Meade sentado ali, folheando um jornal, ocasionalmente olhando sobre os óculos de leitura para as duas garotas. Mais tarde, voltaram para cima para o quarto de Diana. Cassie percebeu que precisava protelar.

— Sabe, você nunca me falou sobre essa pintura — disse, apontando.

Decorando as paredes de Diana havia seis pinturas. Cinco delas eram bem similares, preto-e-branco com uma aparência levemente antiquado. Diana contou que era pinturas de deusas gregas: Afrodite, a linda porém

instável deusa do amor; Ártemis, a feroz caçadora virgem; Hera, a arrogante rainha dos deuses; Atena, a calma deusa da sabedoria de olhos cinzas; e Perséfone, quem amava flores e todas as coisas brilhantes.

Mas a última pintura era diferente. Era colorida, e o estilo era mais abstrato, mais moderno. Mostrava uma mulher jovem sob um céu estrelado, enquanto uma lua crescente brilhava prateada no seu cabelo ao vento. Vestia uma simples peça branca, cortada alta para mostrar uma liga na coxa. No braço, havia um bracelete dourado, e na cabeça um diadema fino com uma lua crescente.

Era a roupa que Diana vestia nos encontros do Círculo.

— Quem é ela? — disse Cassie, fitando a linda garota na pintura.

— Diana — Diana disse esquisitamente. Cassie se virou para ela, e ela sorriu. — A deusa Diana — acrescentou. — Não a Diana romana; outra. Ela é mais velha que as deusas gregas, e era diferente delas. Era uma Grande Deusa; comandava tudo. Era deusa da noite, da lua e das estrelas; há uma história que uma vez transformou todas as estrelas em ratos para impressionar as bruxas na terra. Então, ela foi feita a Rainha das Bruxas.

Cassie sorriu.

— Acho que seria necessário mais que isso para impressionar Faye.

— Provavelmente. Alguns dizem que sua lenda foi baseada numa pessoa verdadeira, que ensinou magia e era uma campeã entre mulheres pobres. Outros dizem que era foi primeiro a Deusa do Sol, mas então foi afugentada pelos Deuses do Sol masculinos e virou para a noite. Os romanos a confundiram com a deusa grega Ártemis, você sabe, a caçadora, mas ela era muito mais que isso. Enfim, sempre foi a Rainha das Bruxas.

— Como você — disse Cassie.

Diana riu e sacudiu a cabeça.

— Não posso ser *sempre* líder — disse. — Tudo depende do que acontecer entre agora e dez de novembro. É o dia da votação de liderança.

— Por que dez de novembro?

— É o meu aniversário; o de Faye também, por coincidência. Você tem que ter dezessete anos para ser líder permanente, e é lá que nós duas

seremos.

Cassie ficou surpresa. Diana só tinha dezesseis anos, como ela? Sempre pareceu tão madura, e era sênior. Mas era ainda mais estranho que Faye fosse tão nova, e que as primas tinham o mesmo dia de aniversário.

Olhou para Diana, sentada ali na cama. Linda como a garota da última pintura, Diana era mais linda. Com o cabelo daquela cor indescritível, como a luz do sol e da lua tecidas juntas, e um rosto de uma flor, olhos como joias verdes, Diana lembrava algo de um conto de fadas ou lendas, ao invés de uma pessoa real. Mas a bondade e... bem, *pureza* que brilhavam nos olhos de Diana eram bem reais, pensou Cassie. Cassie tinha orgulho de ser sua amiga.

Então a luz lampejou na chave dourada no pescoço de Diana e ela se lembrou do que estava ali para fazer.

Não posso, pensou Cassie, quando o estômago se revirou tontamente. Podia sentir o martelar lento e doentio do coração. Bem nesse minuto no seu próprio pescoço estava pendurado o colar de lua crescente que Diana lhe dera na iniciação. Como podia roubar de Diana, enganar Diana?

Mas já passara por tudo aquilo antes. Não tinha escapatória. Faye faria exatamente o que ameaçara — Cassie sabia disso. A única forma de salvar Diana era enganando-a.

É para o seu próprio bem, Cassie disse a si própria. Então só pare de pensar a respeito. Faça o que tem que fazer e supere isso.

— Cassie? Você parece chateada.

— Eu... — Cassie começava a dizer “não, é claro que não”, e mudava de assunto da forma que geralmente fazia quando alguém lhe pegava sonhando acordada. Mas então teve uma ideia. — Não estou no ânimo de ir para casa sozinha — disse, fazendo uma careta. — Não é só andar... é aquela casa. Range a noite toda e às vezes nem consigo dormir. Especialmente se estou pensando na... na...

— Só isso? — disse Diana, sorrindo. — Bem, é fácil resolver isso. Durma aqui. — Cassie se espantou com a facilidade que Diana fez a oferta. — E se está preocupada com a caveira — continuou Diana — ,

pode parar. Ela não vai a lugar nenhum, e não fará mais nada para machucar alguém. Eu prometo.

O rosto de Cassie queimou e ela teve que lutar para não olhar para o armário. Nunca teria mencionado a caveira: não conseguiria pronunciar a palavra.

— Certo — disse, tentando manter a voz calma. — Obrigada. Vou ligar para a minha mãe e dizer a ela que vou ficar.

— Podemos dirigir até sua casa para que possa se vestir na manhã; vou arrumar o quarto de hóspedes. — Quando Diana saiu, as vozes na mente de Cassie se agitaram. Sua *ladrazinha*, gritavam para ela. Sua *traidorazinha sórdida, idiota, mentirosa...*

Silêncio! Cassie gritou de volta para elas, com tanta força que realmente fizeram silêncio.

Ligou para a mãe.

— O quarto de hóspedes está pronto — disse Diana, reaparecendo quando Cassie desligou o celular. — Mas se você ficar com medo de noite, pode vir aqui.

— Obrigada — disse Cassie, genuinamente grata.

— Para que servem grandes irmãs?

Se sentaram e conversaram por um tempo, mas nenhuma delas dormira muito na noite anterior, e quando o ponteiro do relógio estava perto de dez, as duas já bocejavam.

— Vou tomar banho hoje à noite para que você possa tomar um de manhã — falou Diana. — A água quente não dura muito por aqui.

— Não tem um feitiço para cuidar disso?

Diana riu e jogou um livro nela.

— Aqui, veja se pode encontrar um.

Era o Livro das Sombras que Diana trouxera na iniciação de Cassie, o livro que estivera na família de Diana desde que as primeiras bruxas chegaram a Nova Salém. As frágeis páginas amarelas tinham um cheiro de fungos que fez Cassie torcer o nariz, mas ficou contente em ter a chance de examiná-lo. No início do livro a escrita era pequena e quase ilegível, mas depois a letra ficava estilizada e bela, uma escrita nítida.

Autores diferentes, pensou Cassie, gerações diferentes. As notas em Post-it e emblemas de plástico em quase cada página eram o trabalho da atual geração.

Era cheio de feitiços, descrições de encontros de pactos, rituais e histórias. Cassie estudou as páginas atentamente, os olhos se movendo em fascinação de um título ao seguinte. Alguns dos feitiços eram esquisitos e arcaicos; outros eram como algo retirado de um livro moderno de psicologia popular. Alguns eram eternos.

Um Encanto para Curar uma Criança Doente, leu. Fazer Galinhas Dormirem. Para Proteção Contra Fogo e Água. Para Superar um Mau Hábito. Lançar Medo e Emoções Malignas. Encontrar Riquezas. Alterar a Sorte. Desviar o Mal.

Um Talismã de Força chamou sua atenção.

Pegue uma pedra lisa e afiada, e sobre o rosto entalhe o sol nascente e uma lua crescente, virados para cima. Na inversão, as palavras:

Força da pedra

Fortaleça meus ossos

Poder da luz

Sustente minha luta

Eu poderia usar esse, pensou Cassie. Continuou folheando as páginas.

Um Feitiço Contra Doença Contagiosa. Manter o Mal Inofensivo. Provocar Sonhos.

E então, como se sua consciência culpada tivesse convocado, outro feitiço apareceu diante de seus olhos. Para um *Amor Desleal*.

Sob a luz de uma lua cheia, pegue um fio de cabelo do amante e faça nós nele, dizendo:

A paz não acharás

*Amigos não manterás
Amantes não terás
E nada colherás
Repouso não farás
A fome não saciarás
A sede não mitigarás
Da tristeza não se livrarás
As dívidas não pagarás
Não escaparás do temor
Arrepende-te do dia
Em que traíste meu amor.*

O pulso de Cassie palpitava. Alguém realmente colocaria uma maldição dessas em alguém que amava, independente de como fosse infiel?

Ainda fitava a página quando houve um movimento à porta. Fechou rapidamente o livro quando Diana entrou, o cabelo enrolado numa toalha. Mas os olhos dela foram atraídos instantaneamente à corrente dourada que Diana abaixava no criado-mudo. Ficou ali ao lado de uma pedra redonda com um conjunto espiral nela, o cinza torcido com azul pálido e salpicado de cristais de quartzo. A rosa de calcedônia que Diana dara a Adam, e que Adam dera a Cassie. Agora estava de volta ao seu lugar de direito, pensou Cassie, e algo no seu coração ficou entorpecido.

— O banheiro é todo seu — disse Diana. — Aqui tem um pijama... ou você quer uma camiseta?

— Um pijama já dá — disse Cassie. O tempo todo que se lavava e trocava de roupa, continuava vendo a chave. Se ao menos Diana deixasse ali...

Ainda estava no criado-mudo quando enfiou a cabeça de volta no quarto de Diana. Diana já estava na cama.

— Quer que eu feche a porta?

— Não — disse Diana, estendendo uma mão para desligar a luz. —

Só deixe aberta um pouco. Boa noite.

— Boa noite, Diana.

Mas quando chegou ao quarto de hóspedes, Cassie se jogou em dois travesseiros e ficou fitando o teto. Estranhamente, estava quase pacífica, deitada ali e sabendo que no momento não havia nada a ser feito a não ser esperar. Podia ouvir o barulho do oceano atrás da casa de Diana, agora mais alto, mais suave.

Ela esperou um longo tempo, ouvindo os sons calmos. Se sentiu relaxada, até pensar em se levantar. Então o coração começou a martelar.

No fim, teve certeza que Diana devia já estar dormindo. Agora, pensou. Se você não se mexer agora, nunca mais irá.

Prendendo a respiração, trocou o peso do corpo na cama e abaixou as pernas. O chão de madeira rangeu levemente enquanto o cruzava, e ela congelava toda vez.

Do lado de fora do quarto de Diana, ficou parada aguçando os ouvidos. Não conseguia ouvir nada. Colocou a mão na porta e lentamente, gradualmente, empurrou-a.

Com cuidado, os pulmões queimando já que estava com medo de respirar muito alto, colocou um pé dentro da soleira e deixou o peso descer nela.

Diana era uma forma sombria na cama. Por favor que os olhos dela não estejam abertos, pensou Cassie.

Teve a fantasia terrível que Diana estava só deitada ali espiando-a. Mas quando deu outro passo lento e cuidadoso para dentro, e depois mais outro, pôde ver que os olhos de Diana estavam fechados.

Ah, meu Deus, pensou Cassie. Tenho que respirar. Abriu a boca e exalou e inalou em silêncio. O coração a balançava e ela se sentiu tonta.

Dê passos minúsculos, pensou. Rastejou mais para dentro do quarto ainda estar de pé diretamente ao lado de Diana.

No criado-mudo, a poucos centímetros do rosto adormecido de Diana, estava a chave.

Sentindo que se mexia em câmera lenta, Cassie estendeu a mão, colocou-a com a palma para baixo na chave. Não queria fazer nenhum

barulho, mas enquanto deslizava o colar em sua direção, a corrente chocalhou. Fechou os dedos sobre ela e segurou firmemente.

Agora, se afastar. Se forçou a sair, o tempo todo olhando sobre o ombro para a cama — Diana estava acordando?

Alcançou o armário, e o buraco de chave pequeno de ferro.

Encaixar a chave. Estava tateando; os dedos estavam desajeitados como salsichas. Por um momento, entrou em pânico, pensando, e se essa não fosse a chave certa? Mas finalmente a enfiou e virou.

A tranca fez um clique.

Um quente alívio passou por Cassie. Conseguiu. Agora tinha que pegar a caveira e ligar para Faye... e se Faye não atendesse? E se o pai de Diana a pegasse ligando no meio da noite, ou se Diana acordasse e encontrasse a caveira desaparecida...?

Mas, quando abriu a porta do armário, o mundo borrou e ficou escuro diante dos seus olhos.

A luz do corredor brilhava no armário. Era escura, mas clara o suficiente para mostrar que toda a cautela de Cassie fora em vão, e todos os seus medos em conseguir a caveira para Faye eram sem sentido.

O armário estava vazio.

Cassie não soube por quanto tempo ficou ali, incapaz de pensar ou se mexer. Mas, finalmente, fechou a porta do armário com mãos trêmulas e o trancou.

Se não está aqui, então *onde* está? Onde? ela se perguntou freneticamente.

Não pense nisso agora. Devolva a chave. Ou você quer que ela acorde enquanto você está aqui a segurando?

A jornada de volta ao criado-mudo de Diana pareceu durar uma eternidade, e seu estômago doía como se alguém a chutasse ali. A chave tiniu quando ela o recolocou no criado-mudo e a chave se prendeu à sua mão suada. Mas a respiração de Diana permaneceu suave e constante.

Agora *saía*, ordenou-se. Precisava ficar sozinha, para tentar pensar. Na pressa de sair, esqueceu de verificar aonde colocava os pés. Uma tábua rangeu.

Só siga em frente, não importa, pensou. Aí, ouviu algo que parou seu coração. Um movimento na cama. E depois a voz de Diana.

— Cassie?



— Cassie? É você?
Um assombro enjoativo formigou nos nervos de Cassie. Então, ela ouviu a própria voz dizendo, quando se virou:

— Eu... eu estava assustada... não queria te incomodar...

— Ah, não seja boba. Venha se deitar — disse Diana, sonolenta, dando tapinhas na cama ao seu lado e fechando de novo os olhos.

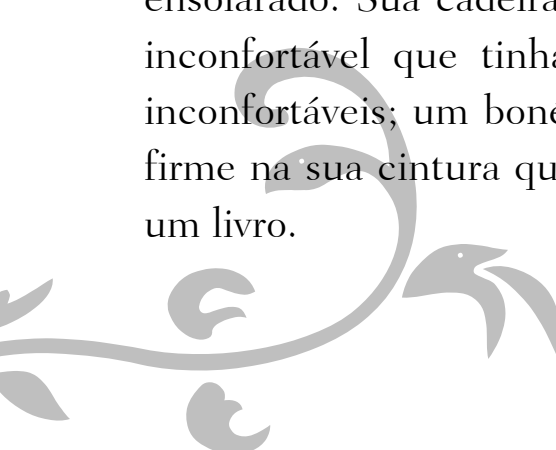
Funcionou. Cassie arriscou que Diana só acordara naquele momento, e ela ficou bem. Mas Cassie sentiu que estava vacilando quando foi para o outro lado da cama e se deitou, virada de costas para Diana.

— Mais nenhum pesadelo — murmurou Diana.

— Nenhum — sussurrou Cassie. Não poderia levantar agora e ligar para Faye, mas não se importava. Estava muito cansada de estresse, de tensão, de medo. E algo fundo dentro dela estava feliz por não seguir com aquilo aquela noite. Ela fechou os olhos e escutou os barulhos externos até cair no sono.

No sonho, ela estava num navio. O convés subia e descia sob ela, e ondas se erguiam negras nos lados. Perdido, perdido... O que estava perdido? O navio? Sim, mas algo mais. Perdido para sempre... Nunca encontrará novamente...

Então o sonho mudou. Ela estava sentada num quarto claro e ensolarado. Sua cadeira era baixa no chão, o encosto de madeira fino tão desconfortável que tinha que se sentar ereta. As roupas também eram desconfortáveis; um boné tão apertado quanto uma toca de natação, e algo firme na sua cintura que mal lhe deixava respirar. No seu colo, repousava um livro.



Era o Livro das Sombras de Diana! Mas não, a capa era diferente, um couro vermelho em vez de marrom. Enquanto folheava, via que a escrita no começo era bem parecida, e os títulos de alguns dos feitiços eram os mesmos dos que haviam no de Diana.

Um Encanto para Curar uma Criança Doente. Fazer Galinhas Dormirem. Para Proteção Contra Fogo e Água. Manter o Mal Inofensivo.

Manter o Mal Inofensivo!

Seus olhos se moveram rapidamente pelas palavras atrás desse.

Enterre o objeto maligno em argila ou areia boa e úmida, bem coberto. O poder de cura da Terra lutará com o veneno, e se o objeto não estiver muito corrompido, será purificado.

É claro, pensou Cassie. É claro.

O sonho estava esgotando-se. Ela podia sentir a cama de Diana sob ela. Mas também podia uma fraca voz, chamando um nome:

— Jacinth! Você está aí? Jacinth!

Cassie acordou.

As cortinas azuis de Diana estavam incandescentes com a luz que retiam. Alegres barulhos de olaria entravam no quarto. Mas tudo que Cassie podia pensar era sobre o sonho.

Devia ter lido aquele feitiço no Livro das Sombras de Diana na noite passada, inconscientemente absorvido-o enquanto folheava as páginas. Mas por que se lembrar disso de forma tão anormal?

Não importava. O problema estava resolvido, e Cassie estava tão feliz que estava quase abraçando o travesseiro. É claro, é claro!

Antes da cerimônia da caveira, Diana dissera que a caveira devia estar enterrada para purificação — em areia úmida. Adam a encontrara na ilha enterrada em areia. Logo atrás da porta traseira da casa de Diana havia uma praia inteira de areia. Cassie podia ouvir o oceano rompendo nela nesse exato minuto.

A pergunta era: ela poderia encontrar o *lugar* exato na areia que a caveira foi enterrada?

Faye estava na aula. E estava furiosa.

— Eu esperei a noite toda — sibilou, pegando Cassie pelo braço. — O que aconteceu?

— Não consegui pegar. Não estava lá.

Os olhos dourados de Faye se estreitaram e os longos dedos de unhas vermelhas no braço de Cassie apertaram ainda mais.

— Você está mentindo.

— Não — disse Cassie. Lançou um olhar agonizado em volta e depois sussurrou: — Acho que sei onde está, mas você tem que me dar tempo.

Faye lhe fitava, aqueles olhos estranhos investigando os dela. Depois, ela relaxou levemente e sorriu.

— É claro, Cassie. Todo o tempo que precisar. Até sábado.

— Isso não é tempo suficiente...

— Terá que ser, não é? — Faye pronunciou as palavras com lentidão. — Porque, depois disso, eu vou contar a Diana. — Ela soltou e Cassie andou até a sua própria mesa. Não havia mais nada a ser feito.

Tiveram um minuto de silêncio no começo da aula em homenagem ao sr. Fogle. Cassie passou esse minuto fitando os dedos entrelaçados, pensando reciprocamente na coisa escura e impetuosa dentro da caveira e os olhos azul-esverdeados e inclinados de Doug Henderson.

No almoço, havia uma nota presa na porta de vidro nos fundos do refeitório. *Do lado de fora, na frente*, dizia. Cassie virou as costas para ela e quase topou com Adam.

Ele se aproximava com uma bandeja cheia, e a levantou para impedir que Cassie batesse nela, derramando tudo nele.

— Opa — disse ele.

Cassie corou. Mas, quando ficaram um encarando o outro, descobriu um problema mais sério. Adam parou de sorrir, ela não conseguia parar de corar, e nenhum deles parecia estar indo a algum lugar.

Olhos no refeitório estavam neles. Um *déjà vu*, Cassie pensou. Toda vez que estou aqui, sou o centro das atenções.

Finalmente, Adam fez uma tentativa fracassada de pegar o cotovelo

dela, impediu-se e a gesticulou para frente cortesmente. Cassie não sabia como, mas Adam conseguia demonstrar cortesia como nenhum outro garoto que ela já tivesse conhecido. Parecia vir naturalmente a ele.

Garotas olhavam ao passar, algumas delas lançando olhares laterais a Adam. Mas esses eram diferentes dos outros laterais que Cassie vira na praia em Cape Cod. Ali, ele estava vestido com roupas sujas de pesca, e as amigas de Portia desviavam o olhar em desdém. Esses olhares eram tímidos, ou convidativos, ou esperançosos. Adam só tirava o cabelo vermelho da testa e sorriu para eles.

Do lado de fora, os membros do Clube estavam reunidos nos degraus. Até Nick estava ali. Cassie começou a andar na direção deles, e então uma grande forma saltou e plantou as patas dianteiros nos ombros dela.

— Raj, saia! O que é que você está fazendo? — gritou Adam.

Uma língua molhada e quente lambia o rosto de Cassie. Ela tentou afastar o cachorro, puxando o pelo no pescoço dele, e acabou por abraçá-lo.

— Acho que ele está só dizendo “oi” — ofegou.

— Ele é geralmente tão bem em esperar fora do campus até eu sair do colégio. Não sei porque... — Adam se interrompeu. — Raj, saia — murmurou numa voz alterada. — *Agora!* — disse, estalando os dedos.

A língua parou, mas o pastor alemão permaneceu no lado de Cassie quando esta desvia as escadas. Ela deu tapinhas na cabeça do cachorro.

— Raj geralmente odeia pessoas novas — observou Sean quando Cassie e Adam se sentaram. — Então como ele pode gostar tanto de você?

Cassie podia sentir os olhos brincalhões de Faye nela e deu de ombros inconfortavelmente, fitando o saco de almoço. Então algo ocorreu a ela: uma daquelas respostas atrevidas que ela geralmente só pensava no dia seguinte.

— Deve ser meu novo perfume. *Eau* de carne assada — disse, e Laurel e Diana riram. Até Suzan sorriu afetado.

— Muito bem, vamos voltar ao trabalho — disse Diana então. — Eu trouxe vocês aqui fora para garantir que ninguém ouvisse. Alguém tem novas ideias?

— Qualquer um de nós *poderia* ter matado-o — disse Melanie calmamente.

— Só *alguns* de nós têm motivos para isso — respondeu Adam.

— Por quê? — disse Laurel. — Quero dizer, só porque o sr. Fogle era detestável não é um motivo para assassiná-lo. E pare de sorrir assim, Doug, a menos que realmente tenha feito alguma coisa.

— Vai ver Fogle sabia muito — disse Suzan inesperadamente. Todos se viraram para ela, mas ela continuou desenrolando um bolinho sem olhar para cima.

— Então? — Deborah falou finalmente. — Que isso significa?

— Bem... — Suzan levantou os olhos azuis para olhar para o grupo. — Fogle sempre vinha aqui no raiar do dia, não vinha? E o escritório dele é bem ali, não é? — Ela assentiu, e Cassie seguiu o olhar até uma janela no segundo andar do prédio feito de tijolos vermelhos. Então Cassie olhou para a colina, até o ponto em que Kori foi encontrada morta.

Houve uma pausa, e então Diana disse:

— Ah, meu Deus.

— Que foi? — perguntou Chris, olhando em volta. Deborah abriu um olhar zangado e Laurel pestanejou. Faye ria.

— Ela está dizendo que ele pode ter visto o assassino de Kori — disse Adam. — E então, quem quer que tenha matado ela, o matou para impedir que falasse. Mas *sabemos* que ele estava aqui naquela manhã?

Cassie agora observava a janela no segundo andar até a chaminé que se erguia do teto da escola. Estava frio na manhã que encontraram Kori morta, e o diretor tinha uma lareira em seu escritório. Será que fumaça saía da chaminé naquela manhã?

— Sabe — disse suavemente a Diana —, acho que ele *estava* aqui.

— Então deve ser isso — Laurel disse animada. — E significaria que não foi um de nós que matou-o; porque quem matou ele também matou Kori. E nenhum de nós teria feito *isso*.

Diana estava aparentemente bastante aliviada, e os membros do Círculo assentiram. Uma voz baixa dentro de Cassie tentava dizer algo, mas ela a retraiu.

Nick, por outro lado, franzia o lábio.

— E quem além de um de nós teria sido capaz de derrubar uma avalanche em alguém?

— Qualquer um com uma vara ou uma barra — vociferou Deborah. — Aquelas pedras no penhasco no Devil's Core estavam só empilhadas de um jeito estranho. Um renegado poderia ter derrubado-as facilmente. Assim, voltamos à questão de qual deles derrubou-as; se ainda temos que nos perguntar. — Havia uma luz de caçadora em seu rosto, e Chris e Doug ficaram ansiosos.

— Deixe Sally em paz até descobrirmos isso — Diana disse simplesmente.

— E Jeffrey — acrescentou Faye guturalmente, com um olhar significativo. Deborah olhou para ela, antes finalmente de abaixar os olhos.

— Agora que resolvemos *isso*, tenho um verdadeiro problema para discutir — disse Suzan, limpando migalhas de pão da frente do suéter, um processo interessante em que Sean e os Henderson assistir avidamente. — O Baile é em menos de duas semanas, e eu não sei ainda quem chamar. E não tenho nenhum *sapato*...

O encontro se degenerou, e logo após isso o sinal tocou.

— Quem você vai chamar para o Baile? — Laurel perguntou a Cassie naquela tarde. Estavam saindo do colégio de carro com Diana e Melanie.

— Ah... — Cassie foi pega de surpresa. — Eu não pensei nisso ainda. Eu... Nunca convidei um garoto para dançar na minha vida.

— Bem, agora é hora de começar — Melanie falou. — Geralmente, os renegados não nos convidam; eles são um pouquinho assustados. Mas você pode ter qualquer garoto que quiser; só o escolha e diga para aparecer.

— Simples assim?

— É — Laurel respondeu alegremente. — Assim. É lógico, Melanie e eu não convidamos geralmente garotos que estão comprometidos. Mas

Faye e Suzan... — Ela revirou os olhos. — Elas *gostam* de pegar garotos comprometidos.

— Eu notei — disse Cassie. Não houve perguntas sobre com quem Diana iria dançar. — E Deborah?

— Na maioria das vezes, Deb fica sozinha — disse Laurel. — Ela e os Henderson saem juntos; jogando cartas e outras coisas na sala das caldeiras. E Seam vai de garota em garota; nenhuma delas gosta dele, mas têm muito medo de se recusarem. Você vai ver lá; é engraçado.

— Provavelmente não vou ver — disse Cassie. A ideia de se aproximar de algum garoto e mandá-lo escoltá-la era simplesmente impensável. Impossível, mesmo se fosse uma bruxa. Ela também podia falar isso para todo mundo agora e deixá-los se acostumarem. — Provavelmente não vou. Não gosto muito de dançar.

— Mas você *tem* que ir — disse Laurel, desanimada, e Diana disse:

— É a maior diversão... sério, Cassie. Olhe, vamos direto para a minha casa e falar sobre garotos que você pode convidar.

— Não, eu tenho que ir direto para casa — Cassie disse rapidamente. Tinha que ir para casa porque tinha que procurar a caveira. As palavras de Faye ressoavam no fundo de sua mente o dia todo, e agora inundaram a voz de Diana. *Todo o tempo que precisa. Até sábado.* — Por favor, só me deixe na minha casa.

Num silêncio espantado e um pouco ferido, Diana aquiesceu.

Por toda aquela semana, Cassie procurou a caveira.

Procurou na praia onde acontecera sua iniciação, onde tocos de velas e poças de cera derretida ainda podiam ser vistos meio enterrados na areia. Ela olhou na praia sob a casa de Diana, entre as plantas e tábuas. Procurou na costa de uma ponta a outra, andando nas dunas todas as tardes e noites. Fazia sentido que Diana marcasse o lugar de alguma forma, mas com que tipo de marca? Qualquer pedaço de naufrágio na areia poderia servir.

Conforme cada dia passava, ela ficava cada vez mais preocupada. Tinha tanta certeza que podia encontrar; era só uma questão de procura. Mas agora parecia que ela já tinha olhado em cada centímetro da praia por

quilômetros, e tudo que encontrou eram destroços marinhas e algumas garrafas velhas de cerveja.

Na manhã do sábado, ela saiu pela porta da frente e viu um carro vermelho claro rodeando o beco sem saída passando perto da casa da avó. Não havia nenhuma casa naquele ponto da pequena península onde a estrada terminava, mas o carro rodeava ali. Quando Cassie ficou parada na porta, o carro se virou e passou lentamente em frente à casa dela. Era o Corvette ZR1 de Faye, e Faye estava nele, um braço lânguida saindo pela janela.

Quando passou por Cassie, Faye levantou a mão e ergueu um dedo, sua longa unha brilhante ainda mais vermelha que a pintura do carro. Aí, se virou e falou, sem voz, três simples palavras.

Pôr do sol.

Continuou sua viagem sem olhar para trás. Cassie a fitou enquanto esta partia.

Cassie sabia o que ela queria dizer. No pôr do sol, ou Cassie trazia a caveira para Faye, ou Faye contava para Diana.

Eu *tenho* que encontrá-la, pensou Cassie. Não me importo se tenho que escavar cada centímetro quadrado de areia daqui até o continente. Eu tenho que *encontrar*.

Mas aquele dia foi igual aos outros. Rastejou de joelhos na praia perto da área da iniciação, ficando com areia dentro dos jeans e dos sapatos. Não encontrou nada.

O oceano corria e uivava ao seu lado, o cheiro de sal e algas marinhas decadentes enchendo as narinas. Conforme o sol deslizava cada vez mais longe ao oeste, a lua crescente sobre o oceano brilhava mais clara. Cassie estava exausta e aterrorizada, e desistia da esperança.

Então, conforme o céu escurecia, ela viu o anel de pedras.

Passara por ele uma dúzia de vezes. Eram pedras de fogueira, manchadas de preto com carvão. Mas o que estavam fazendo tão perto da água? Numa maré alta, pensou Cassie, estariam cobertas. Ela se ajoelhou ao lado delas e tocou a areia no centro.

Úmida.

Com os dedos tremendo levemente, cavou ali. Cavou cada vez mais fundo até os dedos tocarem algo sólido.

Cavou em volta daquilo, sentindo a curva de sua força, até amolecer areia suficiente para levantar o objeto. Era surpreendentemente pesado e coberto com um fino tecido branco. Cassie não precisava tirar o tecido para saber o que era.

Estava quase abraçando-o.

Conseguiu! Encontrou a caveira, e agora podia levar para Faye...

A sensação de triunfo morreu dentro dela. Faye. Como realmente poderia levar a caveira para Faye?

O tempo todo que ficou procurando a caveira, *encontrá-la* não era real para ela. Não pensara no que aconteceria depois que simplesmente pusesse as mãos nela.

Agora que estava mesmo segurando-a, agora que a possibilidade estava diante dela... não poderia fazer isso.

O pensamento daqueles olhos dourados e cobertos examinando-a, daqueles dedos com as longas unhas vermelhas apertando-a, deixou Cassie enjoada. Uma imagem passou brevemente pela sua mente, de um falcão de olhos dourados com as garras estendidas. Uma ave de rapina.

Não podia continuar com isso.

Mas e Diana? A cabeça de Cassie se inclinou em exaustão, em derrota. Não sabia o que fazer com Diana. Não sabia como resolver nada. Tudo o que sabia era que não podia passar a caveira para Faye.

Alguém deu uma tossidela logo atrás dela.

— Eu sabia que você ia conseguir — disse Faye na voz rouca quando Cassie, ainda de joelhos, se virou para olhar. — Tinha completa fé em você, Cassie. E minha fé está agora justificada.

— Como você sabia? — Cassie estava aos seus pés. — Como sabia onde eu estava?

Faye sorriu.

— Eu te disse que tenho amigos que veem muito. Um deles só me trouxe a notícia.

— Não importa — disse Cassie, impetuosamente se acalmando. —

Você não pode ficar com ela, Faye.

— É aí que você se engana. Eu *vou* ficar. Sou mais forte que você, Cassie — disse Faye. E, como estava ali de pé na pequena duna sobre Cassie, alta e atordoante vestindo calças pretas e um *top* escarlate frouxo, Cassie sabia que era verdade. — Eu vou levar a caveira. Você pode correr até Diana se quiser, mas vai chegar tarde demais.

Cassie a fitou por um longo minuto, respirando rápido. Finalmente, disse:

— Não. Eu vou com você.

— Quê?

— Eu vou com você. — Em contraste a Faye, Cassie era pequena. E estava suja e desarrumada, com areia em cada centímetro das roupas e debaixo das unhas, mas era inflexível. — Você disse que só queria a caveira para “dar uma olhada rápida”. Foi por isso que concordei em pegá-la para você. Bem, agora eu a achei, mas não vou deixar você sozinha com ela. Vou com você. Quero observar.

As sobrancelhas negras de Faye, curvadas como as asas de um corvo, se ergueram mais.

— Então voyerismo é sua ideia de diversão.

— Não, é sua; não, alias, é a dos seus *amigos* — disse Cassie.

Faye riu.

— Você não é uma minhoca tonta tanto assim então, não é? — disse. — Muito bem; venha. Ainda que se unir a nós é mais divertido que assistir.

Faye fechou a porta do quarto atrás de Cassie. Andou em direção ao armário e tirou algo dele. Era um acolchoado, não com padrão rosa como o da cama, mas cetim vermelho.

— Minha reserva — disse Faye, com um sorriso curvado. — Para ocasiões especiais. — Lançou-o para a cama, então começou a acender as velas no quarto que emitiam cheiros pungentes e inebriantes. Aí, abriu

uma caixa de veludo.

Cassie assistiu. Dentro havia uma confusão de pedras soltas, algumas polidas, algumas inteiras. Eram de um verde escuro e ametista, preto, amarelo-enzofre, rosa pálido e laranja manchado.

— Encontre as vermelhas — disse Faye.

Os dedos de Cassie já estavam de qualquer forma se coçando para pegá-las. Começou a procurar pela desordem arco-íris.

— Essas pedras preciosas, granadas, são boas — disse Faye, aprovando algumas pedras bordô. — E cornalinas também, se não são muito laranjas. Agora, deixe-me ver: opala cor de fogo para paixão, jaspe vermelha para estabilidade. E um ônix preto para rendição ao seu ser sombrio. — Ela sorriu estranhamente para Cassie, que ficou rígida.

Sem se preocupar, Faye arrumou as pedras num círculo no acolchoado. Em seguida desligou a luz e o quarto era somente iluminada pelas velas.

— Agora — disse Faye —, a nossa convidada.

Cassie achou que essa era uma forma estranha de se colocar, e ela sentiu um enjoo no estômago quando Faye abriu a mochila. Prometeu a si mesma que impediria que Faye fizesse algo terrível demais com a caveira... Mas como?

— O que você está planejando fazer com ela? — perguntou, tentando manter a voz calma.

— Só dar uma olhada — murmurou Faye, mas não prestava muita atenção em Cassie. Olhava para baixo enquanto tirava o tecido branco, molhado e coberto de areia, revelando o domo brilhante da caveira de cristal. Enquanto Cassie assistia, Faye levantou a caveira ao nível de seus olhos, mexendo nela com os dedos. Reflexos das chamas das velas dançaram nas profundezas do cristal.

— Ah — disse Faye. — Olá. — Ela olhava nos buracos vazios dos olhos como se olhasse para um amante. Se inclinou e levemente beijou os sorridentes dentes de quartzo.

Em seguida, abaixou a caveira no centro do círculo de pedras.

Cassie engoliu em seco. A sensação enjoativa piorava ainda mais; se

sentia mais enjoada a cada minuto.

— Faye, você não devia formar um círculo de velas também? E se...

— Não seja tola. Nada vai acontecer. Eu só quero ver qual é o problema dessa amiguinha aqui — murmurou Faye.

Cassie não acreditou.

— Faye... — Estava começando a entrar em pânico. Foi uma má ideia, sempre foi uma má ideia. Não era forte suficiente para impedir Faye de fazer qualquer coisa. Nem sabia o que Faye estava fazendo.

— Faye, você não precisa preparar...

— Silêncio — Faye disse agudamente. Pairava sobre a caveira, analisando-a, meio reclinada sobre a cama.

Estava tudo acontecendo muito rápido. E não era seguro. Cassie tinha certeza disso. Podia sentir uma escuridão redemoinhando dentro da caveira.

— Faye, o que você vai fazer com ela?

Mais escuridão, subindo como o mar. Como Faye podia ser tão poderosa, para tirar essa escuridão da caveira tão rapidamente? E tudo isso sozinha, sem um coven para cuidar de sua retaguarda?

O rubi em forma de estrela no pescoço de Faye piscou, e pela primeira vez Cassie notou pedras iguais nos dedos de Faye. Todas essas pedras vermelhas — para aumentar a energia do ritual? Para elevar o poder da bruxa... Ou da caveira?

— Faye!

— Cala a boca! — disse Faye. Inclinou-se mais sobre a caveira, a boca aberta, a respiração vindo rápido. Cassie quase podia ver a escuridão na caveira, girando, erguendo-se como fumaça.

Não olhe! Não lhe dê mais poder! a voz em sua cabeça gritava. Cassie, em vez disso, fitou Faye urgentemente.

— Faye, o que você está tentando fazer... não é o que você acha! Não é seguro!

— Me deixe em paz!

Redemoinhando, erguendo-se, cada vez mais alta. A escuridão no início era fina e transparente, mas agora era grossa e grande. Cassie não

olhava, mas podia sentir. Estava quase no topo da caveira, desenrolando-se, volvendo-se.

— Faye, cuidado!

A garota de cabelo preto estava diretamente sobre a caveira, diretamente no caminho da escuridão ascendente. Cassie a agarrou, puxando-a.

Mas Faye era forte. Rosnando algo incoerente, ela tentou se soltar de Cassie. Cassie lançou um olhar em direção à caveira. Parecia sorrir insanamente para ela, a fumaça espiralando dentro dela.

— *Faye* — gritou, puxando os ombros da outra garota.

As duas caíram para trás. No mesmo instante, pelo canto do olho, Cassie viu a escuridão se libertar.

Faye guinchou, se lançando para longe de Cassie. — Sua forasteira idiota! Tinha apenas começado e você estragou tudo!

Cassie estava deitada de costas, ofegando. Levantou-se apontando para o alto, trêmula.

— Isso foi o que eu arruinei —, disse ela sua voz fraca por causa da falta de ar e do medo. Faye olhou para o teto, para o círculo negro carbonizado no gesso branco.

— Estava vindo diretamente para você —, disse Cassie, irritada demais a ponto de gritar. — Você não vê?

Faye apenas olhou para ela, cílios negros sob os olhos dourados especulativos e então, olhou para a caveira.

Cassie se inclinou e cobriu a caveira com um pano.

— O que você está fazendo?

— Eu o estou guardando —, disse Cassie ainda sem fôlego. — Diana estava certa. Eu estava certa, se eu tivesse escutado a mim mesma. É perigoso de segurar.

Ela esperava que Faye explodisse, e até mesmo brigasse com ela. Mas Faye olhou a mancha no teto e disse pensativa:

— Eu acho que é questão de um pouco mais de proteção. Se pudéssemos capturar a energia alfa...

— Você está louca —, Cassie disse sem rodeios — E —, acrescentou ela — nosso trato está acabado, fiz o que você mandou: Eu trouxe a caveira. Você o usou, e você quase morreu. Portanto, agora acabou.

A expressão relaxada de Faye desapareceu.

— Ah, não Cassie —, ela disse com um sorriso começando a aparecer em seus lábios, mas seus olhos estavam predatórios. Implacáveis. — Isso é só o começo. Você não vê? — Ela começou a rir. — Você é minha prisioneira agora mais do que nunca. Não é mais apenas o Adam, posso dizer isso sobre Diana. Como você acha que a Princesa da Pureza vai se sentir quando souber que sua “irmãzinha” roubou a caveira? E depois o trouxe para eu usá-lo? — Ela riu ainda mais, parecendo encantada. — Oh Cassie, você devia ver seu rosto.

Cassie se sentiu como se estivesse se sufocando. O que Faye disse era verdade. Se Diana descobrisse que Cassie tinha desenterrado a caveira, que ela tinha mentido para ela, que toda a história do domingo passado sobre estar com muito medo de ir para casa tinha sido um truque... Assim como a última vez que tinha estado nessa sala, Cassie sentiu seu espírito, sua vontade, se esvaindo. Ela estava mais presa do que nunca. Ela estava perdida.

—Você guarde a caveira agora—, disse Faye como se fosse totalmente ideia dela. — E depois, bem, vou pensar em outra coisa que quero de você. Enquanto isso, fique disponível. É o bastante.

Eu te odeio, Cassie pensou, com uma raiva impotente. Mas Faye estava ignorando Cassie completamente, se abaixando para pegar os gatinhos eriçados, um cinza e um laranja, que tinha fugido da explosão de poeira. Os gatinhos vampiros, Cassie se lembrou distraidamente, os únicos com gosto por sangue humano. Aparentemente eles não tinham gostado do negócio com a caveira.

— E quanto a isso? —, Cassie disse apontando para a mancha escura no teto de Faye. — Você não acha que é irresponsável deixá-lo solto? Ele poderia sair e matar alguém...

— Eu duvido —, Faye disse encolhendo negligentemente os ombros. — Mas suponho que teremos que esperar e ver.

Ela acariciou o gatinho laranja, e seu pelo começou a se eriçar novamente.

Cassie só podia olhar para ela, lágrimas enchendo os seus olhos. Ela pensou que podia controlar Faye, mas estava errada. E agora essa nova

energia sombria poderia estar aprontando alguma coisa e ela não podia detê-la.

Você poderia contar a Diana, uma voz em seu interior disse, mas ela nem sequer fingiu ouvi-la. Ela nunca poderia dizer a Diana; ela perdeu essa chance. As coisas tinham ido longe demais com Faye.

— Cassie, você está preocupada quanto a alguma coisa ? — Laurel tinha interrompido, com uma faca branca em suas mãos.

— Eu? Não, por quê? — Cassie se sentia como se seu coração fosse sair pela boca.

— Por que você parece meio nervosa —, Laurel gentilmente talhou uma raiz de hamamélis com a faca. — Agora, isso não vai doer nada... Você tem muitas raízes e voltarão a crescerem a partir de... — ela murmurou suavemente. — Isso não é sobre o Baile, não é? — ela perguntou, erguendo seus olhos novamente.

— Não, não — disse Cassie. Ela nem tinha pensado no Baile essa semana. Ela não conseguia pensar em nada, exceto na energia sombria. Esperando a cada dia um novo desastre.

Mas hoje era quinta e nada tinha acontecido ainda. Nenhuma avalanche, nenhum corpo encontrado, nenhum desaparecido. Ah, se ela pudesse se deixar pensar que nada iria acontecer... A energia que ela e Faye haviam liberado era pequena, e talvez tivesse desaparecido. Cassie sentiu uma paz deliciosa tomar conta de seus pensamentos.

Laurel tinha mudado para um maço de tomilho.

— Não é tarde demais para mudar de ideia quanto ao Baile —, disse ela. — Eu gostaria que você fosse. Dançar é muito natural para as feiticeiras... É como um de nossos feitiços:

"O homem para mulher, mulher para o homem,
Desde que o mundo começou.
Coração para coração, de mão em mão,

Desde que o mundo começou. "

Ela acrescentou, olhando pensativa para Cassie:

— Não havia um cara que você conheceu no verão e que estava interessada? Nós bem que poderíamos fazer um feitiço para atraí-lo até aqui...

— Não! —, Cassie disse. — Quero dizer, eu realmente não quero ir para o Baile, Laurel. Eu não me sentiria confortável.

— Obrigada —, Laurel disse. Por um instante, Cassie pensou que ela estava falando com ela, mas na verdade, era com o tomilho. — Me perdoe, mas eu precisava de parte da raiz também, mas eu trouxe isso para ajudar a crescer novamente, e ela tirou um cristal rosa do bolso, colocando-o na terra. — Por acaso, Cassie você não encontrou o seu tipo de cristal ainda?

— Não — Cassie disse. Ela pensou na confusão de cristais da caixa de Faye. Ela gostava de usar eles, mas nenhum demonstrou afinidade por *ela*, o que ela precisava, como uma bruxa.

— Você vai, não se preocupe —, Laurel assegurou-lhe. — Só vai aparecer um dia, e você saberá.

Ela se levantou com o tomilho na mão.

— Tudo bem, vamos lá dentro e eu vou lhe mostrar como fazer uma infusão. Ninguém deve brincar com ervas, a menos que saiba exatamente o que estão fazendo. E se você mudar de ideia quanto ao Baile, sopa de tomilho ajuda a superar a timidez.

Cassie fez uma busca ao redor procurando por energia negativa, e então seguiu Laurel.

No dia seguinte, na aula de história americana, Diana espirrou. Ms. Lanning parou de falar e disse, "Saúde" distraidamente. Cassie mal notou no momento. Mas então, no final da aula, Diana espirrou de novo, e continuou espirrando. Cassie olhou para ela. Os olhos de Diana estavam vermelhos e lacrimejantes. Seu nariz estava ficando cor de rosa, também, enquanto ela o enxugava com um lenço de papel.

Naquela noite, invés de ir ao Jogo de abertura, Diana ficou em casa, na cama. Cassie que não sabia nada de futebol além de gritar quando todo mundo gritava, estava preocupada com ela. Não podia ter nada a ver com a energia sombria, poderia?

— Aplauda — , Laurel disse, cutucando ela. — Para a rainha do Baile. Sally realmente parece quase bonita, não é?

— Me diz —, disse Cassie, aplaudindo mecanicamente. — Laurel, como que nenhuma de nós é Rainha do Baile? Ao invés de uma estranha?

— Diana não queria ser —, Laurel disse sucintamente. — E Deb e as outras acham isso muito bobo. Mas do jeito que Jeffrey Lovejoy está olhando para Sally, acho que Faye cometeu um erro. Ela o convidou para vir ao Baile com ela, mas ele já tinha convidado a Sally e ele é um lutador. Seria interessante ver quem conseguiria ficar com ele.

— Nem me diga —, disse Cassie. — Eu vi a ultima briga entre Faye e Sally; essa eu posso perder.

Mas não foi assim que aconteceu.

Cassie estava na horta quando o telefone tocou. Ela teve que passar pela cozinha e pelo corredor até alcançar o telefone.

— Alô, Cassie? A voz era tão baixa e sussurrada que era quase irreconhecível. — É a Diana.

Medo correu pela espinha de Cassie. A energia sombria...

— Oh Diana, está *tudo* bem?

Houve uma explosão de riso abafado.

— Não entre em pânico. Eu não estou morrendo. É apenas um resfriado.

— Você parece horrível.

— Eu sei. Estou completamente miserável, e eu não posso ir ao Baile, e eu liguei para te pedir um favor.

Cassie congelou com uma intuição súbita. Sua boca se abriu, e depois fechou de novo em silêncio. Mas Diana estava falando.

— Jeffrey ligou para Faye para lhe dizer que ele vai com Sally afinal de contas, e Faye ficou chocada. Então, quando ela soube que eu estava doente, ela telefonou para dizer que iria com Adam, porque ela sabia que eu quero que ele vá mesmo que eu não possa. E eu quero, eu não quero que ele perca isso só por causa de mim. Então eu disse a ela que não poderia porque eu já lhe pedi para ir com ele .

— *Por quê?* — Cassie deixou escapar, e então pensou: Faça uma pergunta estúpida. . .

— Porque a Faye está à espreita — , Diana disse pacientemente. — E ela gosta de Adam, e com o humor que ela está hoje, ela vai tentar qualquer coisa. Essa é a única coisa que eu não suportaria, Cassie, ela por as mãos em Adam. Eu simplesmente não conseguia.

Cassie procurou em volta de algo para sentar-se.

— Mas Diana ... Eu nem sequer tenho um vestido. Eu estou toda enlameada...

— Você pode ir para Suzan . Todas as outras meninas estão lá. Elas vão cuidar de você.

— Mas... Cassie fechou os olhos. — Diana, você simplesmente não entende. Eu não posso. Eu..

— Oh, Cassie, eu sei que é pedir muito. Mas eu não sei a quem mais recorrer. Se Faye for atrás de Adam...

Foi a primeira vez que Cassie ouvia tal nota de desespero na voz de Diana. Ela parecia à beira das lágrimas. Cassie apertou a mão na testa. — Okay. Ok, eu vou com ele. Mas...

— Obrigado, Cassie! Agora vá para a casa de Suzan! Eu conversei com ela e Laurel e Melanie. Eles vão te arrumar. Vou conversar com Adam.

E aquela, Cassie pensou impotente, era uma conversa que poderia perder também.

Talvez Adam os livrasse disso de alguma maneira, Cassie pensou enquanto estacionava o Rabbit na garagem de Suzan. Mas ela duvidava disso. Quando Diana colocava alguma coisa na cabeça, ninguém poderia fazê-la mudar de ideia.

A casa de Suzan tinha pilares. A mãe de Cassie disse que era uma

imitação grega ruim, mas Cassie secretamente pensava que era impressionante. O interior era esplendoroso, e o quarto de Suzan era um luxo por si só.

Era de todas as cores do mar: areia, conchas, pérolas, caramujos. A cabeceira de cama Suzan foi moldada como uma concha gigante recortado. Mas o que chamou a atenção de Cassie eram os espelhos, ela nunca tinha visto tantos espelhos em um só lugar.

— Cassie!

Laurel estourou atrás dela, fazendo com que Cassie por sua vez, se assustasse. — Eu tenho isso! — Laurel anunciou triunfalmente às outras meninas, segurando um cabide de plástico embrulhado. Dentro Cassie vislumbrou algum material, pálido e brilhante.

— É um vestido que Granny Quincey me deu este verão, mas eu não o usei e nunca usarei. Não é meu estilo, mas vai ser perfeito para você, Cassie.

— Oh, Deus —, foi tudo Cassie poderia pensar em dizer. Ela mudou de ideia, ela não poderia fazer isso apesar de tudo. — Laurel — obrigado —, mas eu poderia arruiná-lo...

— Não a deixe falar — Melanie ordenou do outro lado do quarto. — Coloque-a em uma banheira, ela bem que precisa de uma.

— Dessa forma —, disse Suzan, gesticulando com os dedos espalmados. — Eu não posso fazer nada até que minhas unhas estejam secas, mas todo o material está lá dentro.

— Mix banho de beleza —, regozijou-se Laurel, examinando a variedade de garrafas nas prateleiras douradas no banheiro de Suzan. Havia todos os tipos de garrafas, algumas de boca larga e algumas pequenas, o verde e o azul brilhante a distancia.

— Aqui, isso é ótimo: tomilho, hortelã, alecrim, lavanda... O cheiro é maravilhoso, e é tranquilizante, também...

Ela espalhou flores secas de cores vivas na água fumegante.

— Agora entre e se esfregue. Oh, isso é bom —, continuou ela, cheirando a outra garrafa. — Shampoo de camomila. Clareia o cabelo e faz aparecer luzes loiras. Use isso!

Cassie obedeceu atordoada. Ela se sentiu como se tivesse acabado de ser introduzida no campo de treinamento.

Quando ela voltou para o quarto, Melanie dirigiu-a para sentar-se e manter uma toalha quente no rosto. — É uma resina perfumada impregnada com as virtudes misteriosas de bálsamos tropicais — , disse Melanie, na leitura de um Livro das Sombras. — Clareia a pele e a deixa brilhante, e ele realmente deixa, também. Portanto, mantenha isso em seu rosto enquanto eu faço o cabelo.

— Melanie é maravilhosa com o cabelo —, Laurel disse quando Cassie corajosamente escondeu o rosto no pano.

— Sim, mas não vou fazer isso nela — disse Melanie em tom crítico. — Vou deixá-lo em um macio natural, caindo em torno de seu rosto. Ligue a baby-liss na tomada, Suzan!

Enquanto Melanie trabalhava, Cassie podia ouvir Deborah e Laurel conversando no fundo do closet de Melanie.

— Suzan — Laurel gritou. — Eu nunca vi tantos pares de sapatos na minha vida. O que você faz com todos eles?

— Eu não sei. Apenas gosto de comprá-los. O que é muito bom para as pessoas que os querem emprestados —, Suzan respondeu.

— Agora, vamos colocá-la no seu vestido —, disse Melanie algum tempo depois. — Não, espera. Vamos lhe dar um pouco de vaidade, Suzan vai fazer a sua maquiagem.

Inutilmente, Cassie tentou protestar enquanto Melanie colocava uma toalha em torno de seu pescoço. — Não, está tudo bem, eu posso fazer a maquiagem sozinha e...

— Não, você quer que a Suzan faça — disse Laurel imergindo do closet. — Eu prometo Cassie, basta esperar para ver.

— Mas eu não quero usar muita maquiagem, isso não combina comigo...

— Sim, você vai. E vai parecer muito como você mesma.

— Bem, alguém decida isso logo, pelo amor de Deus! — disse Suzan, em pé envolta em um hobbie com uma esponja de pó compacto, impaciente. — Eu tenho o que fazer também, né, vocês sabem.

Cassie se rendeu, sentando em um banquinho.

— Hummm —, disse Suzan, olhando Cassie de cima para baixo. — Hummm...

A meia hora seguinte foi preenchida com instruções desconcertantes.

— Olhe para cima —, ordenou Suzan segurando um delineador marrom. — Olhe para baixo... Tipo... Senão seus olhos vão doer. E ninguém vai poder dizer que você está maquiada. E agora... Um pouco de sombra amendoada...

Ela mergulhou um pequeno pincel em um pó, e sacudiu para remover o excesso. — Agora, só um pouco de azul marinho no canto para te dar um ar de mistério...

Olhos fechados, Cassie relaxou. Foi divertido. Sentiu-se ainda mais decadente e mimada quando Laurel disse:

— Vou fazer as suas unhas.

— O que você está usando? — Cassie perguntou confiantemente.

— Infusão de hamamélis e Chanel Flamme Rose Polonês —, Laurel respondeu, e ambas riram.

— Não afaste minha mão — disse Suzan, irritada. — Agora, sugue as suas bochechas como um peixe. Pare de rir. Você tem bochechas grandes, então só vou destacá-las um pouco. Agora faça assim; vou passar brilho nos seus lábios.

Quando ela finalmente se afastou para olhar sua obra, todas as garotas se amontoaram para ver, até mesmo Deborah.

— E finalmente... Um pouco de perfume aqui e aqui —, disse Suzan. Ela tocou a garganta de Cassie os lóbulos das orelhas e os pulsos com algo que cheirava maravilhosamente e selvagem.

— O que é isso? — Cassie perguntou.

— Mignonette, tuberosa e ylang-ylang —, disse Suzan. — Isso faz você irresistível. E eu deveria saber.

Alarme lanceou através de Cassie, de repente, mas antes que ela tivesse tempo para pensar, Laurel estava a transformá-la, soltando a toalha do pescoço. — Espere, não olhe até que você tenha se calçado... Agora! Laurel disse em júbilo. — Olhe para isso!

Cassie abriu os olhos e respirou fundo. Então, mal sabendo o que ela estava fazendo, ela aproximou-se do espelho de corpo inteiro, para a desconhecida linda refletida lá. Ela mal podia resistir, chegando a tocar o vidro com a ponta dos dedos.

A menina no espelho tinha um fino, cabelo castanho-claro agitando suavemente em volta de seu rosto. As luzes brilhavam quando Cassie moveu a cabeça, por isso deve ser seu, mas não poderia ser, Cassie pensou. Seus olhos não têm essa aura, de sonho misterioso. Sua pele não tinha aquele brilho, e ela não cora dessa forma, destacando as maçãs do rosto. E seus lábios definitivamente não pareciam tão beijáveis.

— É o batom —, explicou Suzan. — Não o borre.

— É possível —, disse Melanie — que você tenha ido longe demais, Suzan.

— Você gosta do vestido? — Laurel perguntou. — É o comprimento perfeito, curto o suficiente, mas ainda assim romântico.

A menina no espelho, aquela com os ossos delicados e pescoço do cisne, virou de lado a lado. O vestido era prateado e brilhante, como metros da luz das estrelas, e isso fez Cassie se sentir como uma princesa. Sapatos de Suzan são, apropriadamente, parecidos com sandálias de cristal.

— Oh, obrigada! — Cassie disse, girando para olhar para as outras meninas. — Quero dizer... Eu não sei como dizer obrigado. Quero dizer, eu finalmente pareço uma bruxa!

Elas caíram na gargalhada, exceto Deborah, que lançou um olhar enojado para o teto. Cassie abraçou Laurel, e então, impulsivamente, abraçou Suzan, também.

— Bem, você é uma bruxa —, disse Suzan razoavelmente. — Eu vou te mostrar como fazê-lo sozinha, se quiser.

Cassie sentiu algo parecido com humildade. Ela tinha pensado que Suzan era apenas uma cabeça oca, mas não era verdade. Suzan amava a beleza e era generosa em partilhá-la com outras pessoas. Cassie sorriu para os olhos azuis e sentiu como se tivesse inesperadamente fazendo um novo amigo.

— Espere, quase esqueci! — Melanie disse. — Você não pode ir a um baile sem um único cristal ao seu nome.

Ela remexeu em sua bolsa de lona, e então disse:

— Aqui, isso vai ser perfeito, mas era da minha bisavó.

Ela ergueu um colar: uma corrente fina com uma lágrima de quartzo claro. Cassie tomou-a carinhosamente e colocou-a em torno de seu pescoço, admirando a maneira como ele estava no oco de sua garganta. Então ela abraçou Melanie também.

Do andar de baixo uma campainha tocou fraca, e, mais perto, uma voz masculina gritou: — Para sair gritando! Você vai conseguir isso, Suzan?

— É um dos caras! — Suzan disse, jogada em uma emoção. — E nós não estamos prontas. Você é a única vestida, Cassie. Corre até lá, e acalme-o antes que meu pai desça!

— Olá, Sr. Whittier, desculpe, Sr. Whittier —, Cassie ofegou quando ela correu escada abaixo. Não foi até que ela estava na porta que ela pensou: Oh, por favor, por favor, por favor, que seja qualquer um dos outros. Não deixe que seja ele. Por favor.

Adam estava lá quando ela abriu a porta.

Ele estava com um sorriso irônico, apropriado para um cara que foi ordenado no último minuto para escoltar a melhor amiga de sua namorada para uma dança. O sorriso desapareceu instantaneamente quando ele viu Cassie.

Por um longo momento ele simplesmente olhou para ela. Seu próprio sorriso exultante desbotou, e eles ficaram olhando um para o outro.

Adam engoliu em seco, começou a dizer algo, então desistiu e ficou em silêncio novamente.

Cassie ouviu as palavras de Suzan: *Ele vai fazer você irresistível*. Oh, o que ela fez?

— Vamos cair fora —, disse ela, e sua voz era tão suave como quando ela disse a Faye sobre a energia sombria. — Vamos dizer a Diana que eu fiquei doente também.

— Nós não podemos — disse ele, igualmente suave, mas muito intenso. — Ninguém vai acreditar e, além disso...

O sorriso fez uma tentativa de reaparecer.

— Seria uma vergonha para que você perder o Baile. Você está... Ele fez uma pausa. — Linda.

— Então você —, disse Cassie, e tentou vir para cima com um sorriso irônico de si própria. Ela tinha a sensação de que acabou vacilando.

Cassie respirou fundo, mas naquele momento ela ouviu uma voz vinda do segundo andar.

— Aqui —, Laurel disse, inclinando-se sobre a balaustrada para lançar a Cassie uma pequena bolsa de contas. — Leve-a para a dança, Adam, dessa forma ela vai ter uma chance com alguns caras que estão disponíveis.

E do quarto, Suzan chamou: — Mas não muitos Cassie, deixe alguns para nós!

— Vou tentar afastar alguns deles — Adam respondeu, e Cassie sentiu seu pulso acelerado acalmar um pouco. Eles tiveram suas partes ruins agora. Era como atuar numa peça, e tudo que Cassie tinha que fazer era lembrar do seu papel. Ela tinha certeza de que Adam poderia lidar com o seu ... Bem, quase certeza. Algo em seus olhos deu um arrepio na espinha de Cassie.

— Vamos —, disse Adam. Cassie respirou fundo, e com ele penetrou na penumbra diante dela.

Eles dirigiram para a escola. Apesar da tensão entre eles, a noite parecia clara e fria e cheia de magia, e o ginásio foi transformado. Era tão grande que parecia parte da noite, e as luzes cintilantes tecidas em torno dos tubos e vigas sob a cabeça eram como estrelas.

Cassie procurou por todos os outros membros do Círculo. Ela não viu nenhum. O que ela viu foram pessoas de fora olhando com surpresa para ela e Adam. E nos olhos dos meninos que havia algo mais do que surpresa, algo que Cassie não estava acostumada. Era o tipo de caras que parecem boquiabertos quando Diana queria parecer particularmente bonita.

Um calor repentino e um brilho que não tinha nada a ver com a arte de Suzan varreu Cassie. Ela sabia que estava corando. Ela sentiu conspícua e oprimida e, ao mesmo tempo entusiasmada e animada. Mas através da mistura de emoções selvagens, uma coisa ficou clara como diamantes brilhantes dentro dela. Ela estava aqui para brincar por uma parte e manter seu juramento de ser fiel à Diana. O que era o que importava, e ela se agarrou a isso.

Mas ela não podia ficar aqui com todo mundo olhando para ela por mais tempo, era muito constrangedor. Ela virou-se para Adam.

Era um momento estranho. Eles não podiam sentar-se juntos em algum canto escuro, o que nunca faria. Então ele deu um sorriso torto e disse: — Quer dançar?

Aliviada, Cassie balançou a cabeça, e saíram para a pista de dança. Em questão de segundos, eles foram cercados por outras pessoas.

E então a música começou suave e doce.

Eles olharam um para o outro, irremediavelmente, no desânimo. Eles

estavam no meio da pista de dança; para sair teriam que forjar seu caminho através da multidão. Cassie olhou nos olhos de Adam e viu que ele estava tão confuso quanto ela.

Então Adam disse baixinho: — É melhor não ser muito visível —, e ele a levou em seus braços.

Cassie fechou os olhos. Ela estava tremendo, e ela não sabia o que fazer.

Lentamente, quase como se compelido, Adam colocou sua bochecha contra seu cabelo.

Eu não vou pensar em nada, não vou pensar em tudo, Cassie disse a si mesma. Eu não vou sentir. . . Mas isso era impossível. Ela não podia deixar de sentir. Estava escuro como o crepúsculo e Adam estava segurando ela e ela podia sentir seu cheiro de folhas de outono e o vento do oceano.

Dançar é uma coisa muito mágica - oh -, Laurel estava certa. Cassie poderia imaginar bruxas nos séculos passados a dançar sob as estrelas da música doce selvagem, e então deitadas sobre a grama verde e macia.

Talvez entre os ancestrais de Cassie tinha havido alguma bruxa que tinha dançado assim em uma clareira enluarada. Talvez ela dançou sozinha até que ela percebeu uma sombra entre as árvores e ouviu as flautas. E então talvez ela e o deus da floresta tinham dançado juntos, enquanto a lua brilhava prateada ao redor deles. . . .

Cassie podia sentir o calor, o curso da vida, nos braços de Adam. O cordão de prata, ela pensou. O laço misterioso, invisível que a conectava a Adam desde o início. . . agora ela podia senti-lo novamente. Ela se juntou a eles de coração a coração, foi atraindo-os irresistivelmente para se unir.

A música parou. Adam voltou ligeiramente e ela olhou para ele de canto, e o formigamento no pescoço com a perda de seu calor. Seus olhos estavam estranhos, a escuridão apenas afiada com a prata, assim como uma lua nova. Lentamente, ele inclinou-se para que seus lábios estivessem quase tocando os dela e ficou lá. Ficaram assim durante o que pareceu uma eternidade e, em seguida, Cassie virou a cabeça.

Não foi um beijo, ela pensou enquanto se moveram para sair do meio da multidão. Ele não contava. Mas não havia nenhuma maneira de que

poderiam dançar juntos novamente e ambos sabiam disso. Os joelhos de Cassie tremiam.

Encontrar algumas pessoas para se juntarem e rápido, pensou ela. Ela olhou em volta desesperadamente. E, para seu alívio enorme ela vislumbrou uma garota elegante e uma cabeça de longos cabelos castanho-claro entrelaçados com flores minúsculas. Era Melanie e Laurel, em uma animada conversa com dois rapazes de fora. Se tivessem visto o que aconteceu na pista de dança um minuto atrás. . .

Mas Laurel virou a Adam e disse: — Oh, lá está você! — e o sorriso de Melanie foi bastante normal. Cassie estava grata de falar com elas, enquanto os rapazes falavam sobre futebol. Sua leveza, inspirada na magia da dança, começaram a retornar.

— Há Deborah. Ela sempre fica uma dança antes de ir para a sala da caldeira com os Henderson—, Laurel murmurou, sorrindo maliciosamente.

— O que eles fazem lá?— Cassie perguntou enquanto ela seguiu o olhar de Laurel. Deborah estava usando uma micro-saia-preta e um chapéu de motociclista decorado com uma faixa de ouro. Seu cabelo estava principalmente nos olhos. Ele parecia grande.

— Jogar cartas e beber. Mas não, não o que você está pensando. Nenhum dos caras se atreveria a tentar alguma coisa com Deb, ela pode se terrível com todos eles. Eles estão apenas jogando com ela.

Cassie sorriu, e então ela viu outra pessoa, e seu sorriso desapareceu.

— Falando de terrível...— ela disse suavemente.

Faye estava com um vestido cor de fogo, sexy e elegante, com corte em seu estilo aberto. Seu cabelo estava preto e brilhante, caído indomado pelas costas. Ela era como uma criatura exótica que tinha andado no campus por acidente.

Faye não viu as três meninas examinando ela. Toda a sua atenção parecia estar focado em Nick.

Cassie ficou surpresa por Nick estar aqui, ele não era o tipo de ir a bailes. Ele estava de pé ao lado de uma guria loira estranha que parecia francamente assustada. Enquanto Cassie observava, Faye andou até ele e colocou suas mãos com unhas vermelhas sob o braço dele.

Nick olhou para o lado e endureceu. Ele lançou um olhar frio sobre seus ombros, para Faye. Então, deliberadamente, ele deu de ombros da mão a fora, curvando-se para a loirinha, cujos olhos se arregalaram. Ao longo de todo o incidente seu rosto permaneceu como inverno e mais remoto do que nunca.

— Uh-oh — Laurel sussurrou. — Faye está tentando cobrir suas apostas, mas Nick não está cooperando.

— É culpa dela própria —, disse Melanie. — Ela se manteve após Jeffrey até o último minuto.

— Eu acho que ela ainda está atrás dele agora —, disse Cassie.

Jeffrey estava saindo da pista de dança com Sally. Sua expressão era exatamente o oposto do inverno, ele parecia como se ele estivesse tendo um tempo maravilhoso, mostrando seu sorriso de matar em todas as direções. Orgulhoso, Cassie pensou, de ter a rainha do Baile em seu braço. Mas era engraçado, ela pensou no minuto seguinte, a rapidez com que as pessoas pararam de sorrir quando se depararam com Faye.

Jeffrey tentou conduzir Sally de volta para a pista de dança, mas Faye progrediu tão rapidamente como uma pantera à espreita para cortá-los. Em seguida, ela e Sally estavam em um lado de Jeff, como um grande cão preto brilhante e um terrier cor de ferrugem brigando por um osso, alto e magro.

— Isso é estúpido —, disse Laurel. — Faye poderia ter quase qualquer cara aqui, mas ela só quer aqueles que são um desafio.

— Bem, não é nosso problema —, disse Melanie sensata. Ela se virou para o garoto estranho ao lado dela e sorriu, e eles foram juntos para a pista de dança. Laurel olhou irritada por um instante, depois sorriu, encolheu os ombros para Cassie, e recolheu seu próprio parceiro.

Cassie os observou partirem com o coração apertado.

Ela tinha sido capaz de bloquear a presença de Adam para os últimos minutos, mas aqui eles estavam sozinhos novamente. Determinadamente, ela olhou ao redor por alguma distração. Houve Jeffrey, ele estava com problemas de verdade agora. A música começou, Faye estava sorrindo um sorriso, preguiçoso e perigoso para ele, e Sally estava eriçado e parecendo

alarmada. Os três estavam em um triângulo perfeito, ninguém se movendo. Cassie não via como Jeffrey poderia escapar.

Então, ele olhou para cima em sua direção.

Sua reação foi surpreendente. Seus olhos se arregalaram. Ele piscou. Ele olhou para ela como se nunca tivesse visto uma garota antes. Então ele se afastou da Faye e Sally como se tivesse esquecido a sua existência.

Cassie ficou consternada, confusa, mas lisonjeada. Uma coisa que certamente estava fora de seu dilema atual com Adam. Quando ela se virou e olhou nos olhos de Adam, ela o viu entender, mesmo sem concordar.

Jeffrey estava segurando a mão para ela. Ela pegou e deixou-o levá-la para a pista de dança. Ela lançou um olhar de novo para Adam e viu que sua expressão era um paradoxo: a aceitação misturado com algo mais sombrio, mais perturbador.

Era outra dança lenta. Cassie estava a uma distância decente de Jeffrey, olhando incerta para seus sapatos. Eles eram sapatos escuros com borlas, o esquerdo um pouco arranhado. Quando ela finalmente olhou para seu rosto, seu constrangimento desapareceu. Aquele sorriso não era apenas cego, mas abertamente deslumbrado.

Quando nos conhecemos ele estava tentando me impressionar, Cassie pensou vertiginosamente. Agora ele está impressionado.

Ela podia ver a valorização em seus olhos, sentiu isso no jeito que ele segurou-a.

— Nós fazemos um bom casal —, disse ele. Ela riu. — Espero que Sally não enlouqueça.

— Não é com Sally que estou preocupada. É ela.

— Faye. Eu sei.

Ela desejava que ela pudesse ter algum conselho para ele. Mas ninguém sabia como lidar com Faye.

— Talvez seja melhor você não se preocupar demais. O que Diana dirá quando descobrir que você estava aqui com Adam?

— Diana me pediu para vir com ele, porque estava doente— disse Cassie. — Eu não queria nem e...

— Hey. Hey. Eu só estava brincando. Toda a gente sabe que Di e seu príncipe consorte são praticamente casados. Embora talvez ela não tivesse perguntado-lhe se ela soubesse o quão bonita você está.

Ele ainda estava brincando, mas Cassie não gostou. Ela olhou ao redor da pista de dança e viu Laurel, que piscou por cima do ombro do seu parceiro. Suzan estava dançando, também, muito próximo com um menino musculoso, seu cabelo vermelho-ouro brilhando na escuridão.

E depois acabou. Cassie olhou para Jeffrey e disse: — Boa sorte com Faye —, que era o melhor que podia oferecer-lhe. Ele mostrou o sorriso de novo.

— Eu posso lidar com isso —, disse ele confiante. — Você não quer dançar novamente? Não? Você tem certeza?

— Obrigado, mas é melhor eu voltar —, murmurou Cassie, preocupada com a maneira como ele estava olhando para ela. Ela conseguiu escapar de sua mão e começou a fugir para o canto, mas antes que pudesse chegar outro guri a pediu para dançar.

Ela não podia ver Adam em qualquer lugar. Talvez ele tivesse saído se divertir, ela esperava que sim. Ela disse "sim" para o guri.

Ela não parou com ele. Todos os tipos de caras, veteranos e calouros, atletas e representantes de classe, estavam vindo até ela. Ela viu os olhos dos meninos desviarem de suas próprias acompanhantes para olhar para ela enquanto ela dançava.

Eu não sabia dançar era assim. Eu não sabia que nada era assim, pensou. No momento em que ela foi totalmente varrida na magia da noite, e ela empurrou toda a reflexão incômoda para o mais longe que pôde. Ela deixou a música levá-la e deixar-se ser apenas por um tempo. Então ela viu o rosto de Sally pela visão periférica.

Jeffrey não estava com ela. Cassie não via Jeffrey há algum tempo. Mas Sally estava focada em Cassie, especificamente, e sua expressão era venenosa.

Quando a dança acabou, Cassie fugiu do rapaz ao lado, que tentou interceptá-la, e se dirigiu para Laurel. Laurel cumprimentou-a com alegria.

— Você é a bela do baile —, disse ela excitada, dobrando seu braço

com Cassie e acariciando a mão de Cassie. — Sally está furiosa. Faye está furiosa. Todo mundo está furioso.

— É o perfume. Eu acho que Suzan usou demais.

— Não seja boba. É você. Você é uma gazela perfeita. Não, um unicórnio branco. Hum, acho que até mesmo o Adam reparou.

— Oh, eu duvido —, ela disse levemente. — Ele está apenas sendo educado. Você sabe como é Adam.

— Sim —, disse Laurel. — Sir Adam o Cavaleiro. Ele se virou e perguntou a Sally para dançar depois que você saiu com Jeffrey, e Sally quase babou por ele.

Cassie sorriu, mas seu coração ainda estava batendo. Ela e Adam tinham prometido não trair os seus sentimentos um pelo outro não, por palavra ou olhar ou ação, mas eles estavam fazendo uma bagunça horrível de coisas hoje à noite. Agora ela estava com medo de olhar para Adam, e ela não queria dançar mais. Ela não queria ser a Rainha do baile, ela não queria que todas as garotas aqui para ficassem furiosas com ela. Ela queria ir para a Diana.

Suzan chegou o peito arfando um pouco, ela estava extraordinária em seu vestido decotado. Ela sorriu para Cassie.

— Eu disse que sabia do que eu estava falando —, disse ela. — E aí, o que está achando?

— É maravilhoso —, disse Cassie, cavando as unhas na palma. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas só então, ela vislumbrou Sean andando em direção a ela. Seu rosto estava ansioso, seu passo propositalmente furtivo.

— Eu deveria ter avisado você —, Laurel disse em voz baixa. — Sean tem te perseguido a noite inteira, mas sempre um cara chegava antes.

— É capaz de ele te agarrar como se fosse um macaco —, acrescentou Suzan agradavelmente, remexendo em sua bolsa. — Oh, droga, eu dei o meu batom para Deborah. Onde ela está?

— Olá —, disse Sean, ao alcançá-las. Seus pequenos olhos negros caíram em Cassie. — Então você está finalmente livre.

— Não muito —, desabafou Cassie.

— Eu tenho que ir encontrar Deborah —, disse Suzan.

O que ela tinha que fazer para ficar longe de tudo isso por um tempo?

— Eu sei onde ela está, eu volto já — continuou Suzan para uma assustada Laurel.

— Eu vou junto —, Sean disse imediatamente, e Laurel abriu a boca, mas Cassie acenou para os dois em permissão.

— Não, não, vou sozinha. Não vai demorar um minuto —, disse ela. E então ela foi para longe deles, mergulhando no meio da multidão em direção às portas duplas.

Ela sabia onde era a sala da caldeira, ou pelo menos qual é a porta que dava a ela era. Ela nunca tinha estado realmente por dentro.

Uma escada descia para o porão da escola. Cassie lentamente desceu os degraus, segurando o corrimão de metal liso. Deus, é como ir para baixo em um túmulo, pensou ela. Quem iria querer gastar seu tempo aqui em vez de à luz e música no ginásio?

A sala da caldeira cheirava a óleo de máquina e cerveja. Não era muito legal, mas estava frio. E estava em silêncio, com exceção do constante gotejamento de água em algum lugar.

Um lugar terrível, pensou Cassie com voz trêmula. Tudo ao seu redor eram máquinas com mostradores gigantes, e havia tubos enormes de todos os tipos. Era como estar nas entranhas de um navio. E estava abandonado.

— Olá? Deborah?

Nenhuma resposta.

— Debby? Chris? É Cassie.

Talvez eles não podiam ouvi-la. Havia outro quarto atrás da sala da caldeira, ela poderia vislumbrá-lo através de um arco além das máquinas.

Ela foi em direção a ele, preocupada com óleo cair no vestido Pristine de Laurel. Ela olhou através da arcada e hesitou, tomada por uma apreensão estranha.

Gotejamento. Gotejamento.

— Tem alguém aí?

Uma grande máquina estava bloqueando seu caminho. Inquieta, ela enfiou a cabeça em torno dela.

No início, ela pensou que o quarto estava vazio, mas depois, ao nível dos olhos, ela viu algo.

Algo de errado. E nesse instante a garganta fechou e sua mente fragmentada, pensamentos piscando para ela como explosões de uma lâmpada.

Pés balançando.

Pés balançando onde os pés não deve estar. Alguém andando no ar. Voando como uma bruxa. Apenas, os pés não estavam voando. Eles estavam balançando, e para trás, em dois sapatos marrons escuros. Dois sapatos marrons escuros com borlas.

Cassie olhou para o rosto.

O incansável gotejamento da água continuou. O cheiro de petróleo e álcool obsoleto enjoava ela.

Não pode gritar. Não pode fazer nada, mas suspirou.

Gotejamento e oscilações.

Aquele rosto, aquele rosto horrível azul. Não mais um sorriso de matar. Eu tenho que fazer algo para ajudá-lo, mas como posso ajudar? O pescoço de ninguém fica contorcido daquele jeito quando está vivo.

Cada detalhe horrível era tão claro. A corda desgastada. A sombra balançando na parede de blocos de concreto. As máquinas com suas marcas e interruptores. E o silêncio terrível.

Gotejamento. Gotejamento.

Balançando como um pêndulo.

Com as mãos cobrindo a boca, Cassie começou a soluçar.

Ela recuou, tentando não ver o cabelo encaracolado castanho na cabeça que estava pendurada de lado. Ele não podia estar morto quando ela tinha acabado de dançar com ele. Ele tinha acabado de ter seus braços em volta dela, ele mostrou-lhe um sorriso presunçoso. E agora...

Ela recuou e mãos caíram em seus ombros.

Ela tentou gritar, em seguida, mas sua garganta estava paralisada. Sua visão escureceu.

— Calma, calma. Espere aí.

Era Nick.

— Respire devagar. Abaixe a cabeça.

— Um-nove-zero —, ela engasgou, e então, clara e distintamente, para que ele pudesse entender: — Ligue para o um-nove-zero, Nick. É o Jeffrey...

Ele lançou um olhar duro para os pés balançando. — Ele não precisa de um médico. E tu?

— Eu... — Ela estava agarrada em sua mão. — Eu descii para procurar a Deborah.

— Ela está no prédio de ciência antiga. Eles ficaram presos aqui.

— E eu o vi... Jeffrey...

O braço de Nick era reconfortante, sólido.

— Eu tenho a imagem —, disse ele. — Você quer se sentar?

— Eu não posso. É o vestido de Laurel.

Ela estava completamente irracional, ela percebeu. Ela tentou desesperadamente obter um controle sobre si mesma.

— Nick, por favor, deixe-me ir. Eu tenho que chamar uma ambulância.

— Cassie.

Ela não conseguia se lembrar dele sempre dizendo seu nome antes, mas agora ele estava a segurando pelos ombros e olhando-a diretamente no rosto. — Uma ambulância não vai fazer-lhe algum bem. Você entendeu? Agora é só se acalmar.

Cassie olhou em seus olhos, depois lentamente acenou com a cabeça. O engasgo estava sumindo. Ela estava grata por ter o braço em torno dela, embora algumas parte de sua mente estavam em descrença, Nick foi consolá-la? Nick, que odiava meninas e era friamente educado para elas na melhor das hipóteses?

— O que está acontecendo aqui?

Cassie virou para ver Adam no arco. Mas quando ela tentou falar, sua garganta estava completamente fechada e lágrimas quentes correram de seus olhos.

Nick disse:

— Ela está um pouco chateada. Ela acabou de encontrar Jeffrey

LoveJoy pendurado em um cano.

— O quê?

Adam se moveu rapidamente para olhar ao redor da máquina. Ele voltou parecendo triste e alerta, os olhos brilhando em prata, como sempre ficava em tempos de angústia.

— Quanto você sabe sobre isso? — ele perguntou a Nick ríspidamente.

— Eu desci para buscar algo que esqueci —, disse igualmente ríspido. — Encontrei-a prestes a desabar. E isso é tudo.

A expressão de Adam tinha amolecido um pouco.

— Você está bem? —, disse a Cassie. — Eu estive te procurando em todos os lugares para . Eu sabia que algo estava errado, mas eu não sabia o quê. Em seguida, Suzan disse que você tinha ido procurar Deborah, mas que você estava procurando no lugar errado.

Como se fosse a coisa mais natural do mundo, ele estendeu a mão para levá-la de Nick e Nick resistiu. Por um momento houve tensão entre os dois rapazes e Cassie olhou de um para o outro com surpresa e alarme.

Ela afastou-se de ambos.

—Estou bem — disse ela. E, estranhamente, dizendo assim se tornou quase verdade. Era em parte a necessidade e em parte alguma outra coisa, seus sentidos de bruxa dizendo-lhe algo. Ela tinha um sentimento de maldade, do mal. Das trevas.

— A energia sombria — , ela sussurrou.

Adam parecia mais aguçado e alerta.

— Você acha?

— Sim — , disse ela. — Sim, eu acho. Mas, se pudéssemos dizer com certeza...

Sua mente estava correndo. Jeffrey. O corpo de Jeffrey está balançando como um pêndulo.

— Normalmente usamos quartzo claro como um pêndulo ...

Ela arrebatou o colar Melanie e ergueu-o, olhando para a lágrima de cristal de quartzo.

— Se a energia sombria esteve aqui, talvez possamos rastreá-la —

disse ela, e disparou com a ideia. — Ver de onde veio ou para onde foi. Se vocês rapazes, ajudarem.

Nick estava parecendo cético, mas Adam o cortou antes que ele pudesse falar.

— É claro que vou ajudar Mas é perigoso. Nós temos de ter cuidado.

Seus dedos agarraram seu braço reconfortante.

— Então, temos que voltar lá —, disse Cassie, e antes que ela pudesse mudar de ideia, ela estava correndo para a sala onde os pés ainda balançavam. Nick e Adam estavam atrás dela. Sem deixar que se pensasse, ela segurou o cristal para o alto, e o viu brilhar na luz.

No início ele apenas girava em círculos. Mas então ele começou a girar violentamente, apontando para uma direção.



Cassie seguiu o movimento do cristal. Ele estava apontando para cima, ela decidiu ir à direção oposta que levou em uma parede. — É melhor sair ao ar livre, de qualquer maneira — , disse Adam. — Caso contrário, poderá não ser capaz de segui-lo.

Cassie assentiu. Ela e Adam estavam falando rapidamente, tensos — mas com calma. A causa das agitações violentas acontecia justamente sob a superfície, mantida para baixo por pura força de vontade. Ter alguma coisa para *fazer* foi o que *fez* a diferença, ela pensou enquanto subiam as escadas. Ela não podia se dar ao luxo de ter ataques histéricos agora, ela tinha que manter sua mente clara para rastrear assassino de Jeffrey. No corredor de fora do escritório do custodiante se depararam com Deborah e os irmãos Henderson.

— Adam, cara, o que está acontecendo? — Chris disse. Cassie viu que ele havia bebido. — Nós estávamos vindo para baixo para um tomar um pouco de ar fresco, sabe...

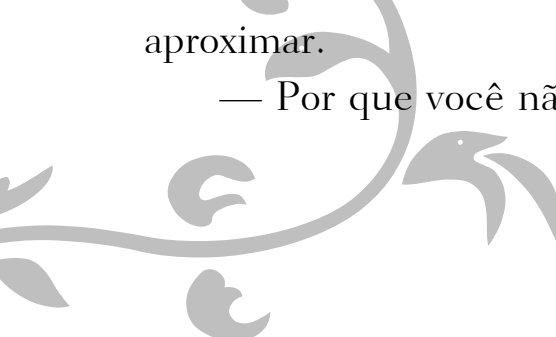
— Não lá em baixo —, Adam disse secamente. Ele olhou para Doug, que parecia menos embriagado. — Vá buscar Melanie — , disse ele. — E diga a ela para chamar a polícia. Jeffrey Lovejoy foi assassinado.

— Você está falando sério? — Deborah disse. Sua expressão era cruel. — Certo!

— Não —, disse Cassie antes que ela pudesse se conter. — Você não o viu. É terrível — e não há nada para se brincar com isso.

Adam colocou o braço na frente de Cassie quando Deborah tentava se aproximar.

— Por que você não nos ajuda ao invés de brigar com gente do nosso



time? Estamos tentando rastrear a energia sombria que o matou.

— A energia sombria —, Deborah repetiu com desdém.

Cassie respirou rápido, mas Nick estava falando.

— Eu não acredito nisso também —, disse ele calmamente. — Mas se *não for* a energia sombria, isso significa que *foi uma pessoa* quem fez isso, alguém que tinha um rancor profundo por Jeffrey.

Ele olhou para Deborah, seus olhos frios.

Deborah olhou de volta com arrogância. Cassie olhou para ela em seu vestido preto decotado, mais como um top sem mangas de um vestido e botas de camurça. Deborah estava beligerante, antagônica, hostil e forte. Pela primeira vez em muito tempo Cassie notou a tatuagem de uma lua crescente sobre clavícula de Deborah.

— Por que você não nos ajuda, Deborah? —, ela disse. — Este cristal está apontando algo no alto, desde antes de começarmos a conversar. Ajude-nos a encontrar o que está sendo rastreado.

E depois acrescentou inspirada por algum instinto inconsciente: — Claro, é provavelmente perigoso...

— E daí? Você acha que eu estou com medo? — Deborah exigia. — Tudo bem, eu estou voltando. Vocês, garotos, dêem um fora daqui — disse ela aos Henderson.

Para surpresa de Cassie, Chris e Doug saíram, provavelmente indo contar à Melanie.

— Tudo bem — Cassie disse, segurando o cristal novamente.

Ela estava com medo que ele não faria nada, agora que a sua concentração tinha sido interrompida.

E no início ele simplesmente parou no final da corrente, oscilando muito pouco. Mas então, enquanto os quatro deles ficaram olhando para ele, o balanço lentamente tornou-se mais pronunciado. Cassie prendeu a respiração, tentando impedir que a mão tremesse. Ela não queria influenciar o cristal de forma alguma.

Definitivamente era balançando agora. Em direção à sala de aquecimento e para fora na direção da frente da escola.

— Leste —, Adam disse em voz baixa.

Segurando o cristal no alto na mão esquerda, Cassie seguiu a direção do balançar pelo corredor.

Lá fora, a lua estava quase cheia, alta no céu, deixando-se cair a oeste por trás deles.

— A Lua de Sangue —, Adam disse suavemente. Cassie se lembrou de Diana dizendo que as bruxas contavam seus anos em luas, não em meses. O nome desse ano era terrivelmente apropriado, mas ela não olhou para trás novamente. Ela estava se concentrando no cristal.

No início, eles caminharam pela cidade, com lojas fechadas e edifícios vazios em cada lado deles. Nada ficou aberto à meia-noite em New Salem. Em seguida, as lojas tornaram-se menos frequentes, e havia algumas casas aglomeradas. Finalmente, eles estavam andando por uma estrada que ficava mais solitária a cada passo, e tudo que os cercavam eram os barulhos da noite.

Não havia nenhuma habitação humana aqui fora, mas a lua estava brilhante o suficiente para poder enxergar. Suas sombras ficavam esticadas na frente deles enquanto eles passavam. O ar estava frio, e Cassie estremeceu sem tirar os olhos do cristal.

Ela sentiu algo cair sob seus ombros. A jaqueta de Adam. Ela lhe deu um olhar agradecido, e rapidamente olhou para o cristal de novo; se ela vacilasse em sua concentração, isso poderia ser ruim, correndo o risco de perder a direção do crista. Nunca balançou tão vigorosamente quanto o peridoto tinha balançado por Diana, mas, em seguida, Cassie não era Diana, e ela não tinha um coven quase completo para apoiá-la.

Atrás dela ela ouviu Adam falar com firmeza: — Nick?

E depois a voz rouca de Deborah:

— Eu não aceitaria de qualquer forma. Eu nunca fico com frio.

Eles estavam em uma estrada de terra estreita agora, ainda rumo ao leste. De repente, Cassie teve um pensamento terrível.

Oh, meu Deus... A casa de Faye. É onde nos perdemos e é para onde estamos indo. Vamos rastrear algo diretamente para o quarto de Faye, e depois?

A frieza que passou por ela agora era mais profunda e mais

entorpecente que o vento da noite. Se a energia sombria que tinha explodido através do teto de Faye tinha matado Jeffrey, Cassie era tão culpada como Faye era.

Ela era uma assassina.

Então pare de rastreá-lo, uma voz fraca dentro dela sussurrou. Você está controlando o cristal; dê um giro para a direção errada.

Mas ela não parou.

Ela manteve os olhos no cristal em formato de lágrima, que parecia brilhar com uma luz leitosa na escuridão, e ela o deixou balançar do jeito que queria.

Se a verdade vier à tona, ele sai, ela disse a si mesma frieza. E se ela era uma assassina, ela merecia ser presa. Ela iria seguir essa trilha onde quer que desse.

Mas não parecia estar levando a Estrada Crowhaven. Eles ainda estavam indo para o leste, e não nordeste. E de repente a estrada estreita e esburacada que estavam começou a parecer familiar.

Lá na frente, ela vislumbrou uma cerca de arame.

— O cemitério — Adam disse suavemente.

— Espera — Deborah disse. — Você viu? Olha!

— O que, no cemitério? — Adam perguntou.

— Não! Naquela coisa, de novo! No alto da estrada.

— Não vejo nada — Nick disse.

— Você tem que ver. Olha, está se movendo e...

— Eu vejo uma sombra — Adam disse. — Ou talvez um gambá ou um...

— Não, é grande — Deborah insistiu. — Lá! Você não consegue ver?

Cassie olhou; ela não poderia ajudar. De primeira vista, a estrada solitária parecia sombria e parada, mas então ela viu algo. Uma sombra, ela pensou... Mas uma sombra do que? Não parecia mentira ser uma sombra. Parecia estar de pé, e estava se movendo.

— Não vejo nada — Nick disse novamente, áspero.

— Então você é cego — Deborah surtou. — Parece com uma pessoa.

Debaixo da jaqueta de Adam, Cassie sentia arrepios. Parecia com uma

pessoa — exceto que parecia se transformar a cada minuto, ora alto, ora baixo, ora gordo, ora magro. Às vezes desaparecia completamente.

— Ele está indo para o cemitério — Deborah disse.

— Não, olha! Está indo em direção ao galpão! — Adam gritou. — Nick, vamos!

Ao lado da estrada estava um galpão abandonado. Mesmo à luz do luar estava claro que estava caindo aos pedaços. A forma ofuscada parecia misturada para ela, se fundindo com a escuridão por trás do galpão.

Adam e Nick estavam correndo, Nick rosnava:

— Estamos correndo atrás de nada!

Deborah estava tensa e alerta, escaneando a estrada. Cassie olhou para a cerca com desânimo.

A concentração de todos tinha sido abalada, o cristal estava girando sem rumo.

Ela olhou para cima para dizer algo e inspirou fundo e rápido. — Está lá!

Ele reapareceu ao lado do galpão, e foi se movendo rapidamente. Ele atravessou a cerca de arame.

Deborah estava em um instante, correndo como um cervo. E Cassie, sem qualquer ideia do que ela estava fazendo, estava bem atrás dela.

— Adam! — ela gritou. — Nick, é por aqui!

Deborah chegou a cerca de altura da cintura e passou sobre ela, seu vestido tomara que caia não atrapalhou.

Cassie a alcançou um segundo depois, hesitante, então se posicionou na cerca, sacudindo suas saias para fora do caminho e ela impulsionou-se mais. Ela desceu com uma sacudida que machucou o tornozelo, mas não houve tempo para se preocupar com isso. Deborah estava correndo à frente.

— Eu consegui —, Deborah gritou. — Eu consegui!

Cassie podia ver apenas na frente de Deborah. Ele tinha parado em seu vôo em linha reta e foi pulando de um lado para outro como se estivesse procurando escapar. Deborah estava correndo, também, bloqueando-o como se fosse um protetor em um time de basquete.

Devemos estar loucas Cassie pensou, enquanto ela alcançou a outra menina. Ela não podia deixar que Deborah enfrente a coisa sombria sozinho, mas o que elas iriam fazer com ele?

— Há um feitiço ou alguma coisa para segurá-lo? — ela ofegou.

Deborah jogou-lhe um olhar assustado, e Cassie viu que ela não tinha percebido Cassie estava atrás dela.

— O que?

— Temos que prendê-lo de alguma forma! Existe um feitiço...

— Se abaixem! — Deborah berrou.

Cassie mergulhou para o chão. A sombra-coisa havia aumentado subitamente o dobro do seu tamanho, como um gato enfurecido, e então ele tinha se lançado contra elas. Diretamente para elas. Cassie sentiu que ele passou sobre a sua cabeça, mais frio do que gelo e mais negro do que o céu noturno.

E então desapareceu.

Deborah e Cassie se sentaram e se olharam;

Nick e Adam apareceram, correndo.

— Você está bem? — Adam exigiu.

— Sim — Cassie disse tremendo.

— O que vocês duas estavam fazendo? — Nick disse, olhando para elas em descrença. E até mesmo Adam perguntou: — Como você conseguiu pular a cerca?

Deborah deu-lhe um olhar de desprezo.

— Não quis dizer você — ele disse.

Cassie deu-lhe um olhar de desprezo.

— Garotas podem pular — ela disse.

Ela e Deborah se levantaram e começaram a arrumar o cabelo bagunçado uma da outra, trocando um olhar de cumplicidade.

— Sumiu, agora — Adam disse, sabiamente ao esquecer o tema das cercas. — Mas pelo menos sabemos agora como se parece.

Nick fez um som zombeteiro.

— Como que se parece?

— Você ainda diz que não viu — Deborah disse sem paciência. —

Estava aqui. Foi até Cassie e eu.

— Eu vi alguma coisa, mas o que te faz pensar que era a energia sombria?

— Nós o estávamos rastreando — Adam disse.

— Como que sabemos o que estávamos rastreando? — Nick rebate.
— Algo que estava perto do lugar onde LoveJoy foi assassinado, isso é tudo. Isso podia ser a “energia sombria” ou um fantasma de jardim qualquer.

— Um fantasma? — Cassie disse, assustada.

— Claro. Se você acredita, alguns deles rondam lugares onde ocorreu um assassinato.

Deborah falou ansiosamente.

— Sim, como a Mulher das Lamentações de Beverly, aquela senhora de preto que aparece quando alguém vai morrer pela violência.

— Assim como o navio fantasma de Kennybunk — o Isidoro. O que vem e mostra-lhe o seu caixão, se você vai morrer no mar — Adam disse, parecendo pensativo.

Cassie estava confusa.

Ela pensou que estavam caçando a energia sombria, quem diria?

— Ele acaba no cemitério —, disse ela lentamente. — O que parece ser um lugar lógico para um fantasma. Mas se não foi a energia sombria que matou Jeffrey, quem foi? Quem iria querer matá-lo?

Assim que ela perguntou, obteve a resposta. Vividamente em sua mente, ela viu Jeffrey entre duas garotas: uma alta, sombria, e perturbadoramente linda; a outra pequena e magra, com cabelo oxidado e um rosto belicoso.

— Faye ou Sally —, ela sussurrou. — Ambas estavam esta noite com ciúmes. Mas, oh, olha, mesmo se eram loucas o suficiente para matá-lo, nenhuma delas poderia ter realmente feito isso! Jeffrey era um atleta.

— Uma bruxa poderia ter feito isso —, disse Deborah com naturalidade. — Faye poderia ter feito ele se matar.

— E Sally tem amigos no time de futebol —, acrescentou Nick secamente. — É assim que ela conseguiu se votada para Rainha do Baile.

Se eles o estrangularam e depois o amarraram...

Adam estava parecendo perturbado com essa discussão a sangue frio.

— Você não acredita nisso de verdade.

— Hey, uma mulher desprezada, sabe? — Nick disse. — Eu não estou dizendo que nenhuma deles fez isso. Estou dizendo que qualquer uma delas poderia ter feito.

— Bem, não vamos descobrir isso permanecendo aqui —, disse Cassie, tremendo. A jaqueta de Adam tinha escorregado quando ela saltou por cima da cerca. — Talvez se a gente pudesse tentar rastreá-lo novamente...

Foi então que ela percebeu que não estava segurando o cristal.

— Desapareceu —, ela disse. — O cristal de Melanie. Eu devo ter perdido quando tivemos que correr. Deve estar aqui no chão, bem aqui. Tem que estar —, ela disse.

Mas não estava. Eles pararam para olhar, e Cassie verificou a grama com as mãos, mas não havia nada.

De alguma forma, este desastre final, incrivelmente minúsculo em comparação com tudo o que tinha acontecido naquela noite, trouxe Cassie às lágrimas.

— Estava na família de Melanie por gerações —, disse ela, piscando.

— Melanie vai entender — Adam disse-lhe suavemente. Ele colocou uma mão em seu ombro, não facilmente, mas com cuidado, em plena consciência de que eles estavam na frente de testemunhas.

— É verdade, porém, não há utilidade em ficar em pé aqui — disse ele para os outros. — Vamos voltar para a escola. Talvez tenham descoberto algo sobre Jeffrey lá.

Enquanto Cassie caminhava, os sapatos da Cinderela machucavam seus pés e o vestido prateado de Laurel está riscado de sujeira, ela encontrou-se olhando direto para a Lua de Sangue. Ela pairava sobre New Salem, como o Anjo da Morte, ela pensou.

Normalmente, na noite de lua cheia, o Círculo se reuniria e comemoraria. Mas no dia seguinte ao assassinato de Jeffrey Diana ainda estava doente, Faye estava se recusando a falar com qualquer pessoa, e

ninguém mais teve coragem de convocar uma reunião.

Cassie passou o dia se sentindo miserável. Ontem à noite no colégio a polícia não havia encontrado nenhuma pista quanto ao assassino de Jeffrey. Eles não disseram se ele tinha sido estrangulado e depois pendurado, ou se ele tinha acabado de ser enforcado. Eles não diziam muita coisa, e eles não gostavam de perguntas.

Melanie tinha sido gentil com o colar, mas Cassie ainda se sentia culpada. Ela usou-o para sair em que acabou por ser uma perseguição selvagem e depois que ela o perdeu. Mas muito pior era o sentimento de culpa por Jeffrey.

Se ela não tivesse dançado com ele, talvez Faye e Sally não teriam ficado tão zangadas. Se ela não tivesse deixado Faye ficar com a caveira, então a energia sombria não teria sido liberada. No entanto, ela olhou para ele, ela se sentia responsável, e ela não tinha dormido a noite toda para pensar nisso.

— Você quer conversar? — sua avó disse, olhando da mesa onde ela estava cortando a raiz de gengibre. A cozinha arcaica que parecia tão confusa para Cassie quando ela chegou a New Salem era agora uma espécie de paraíso. Havia sempre alguma coisa para fazer aqui, de corte ou de secagem ou preservar as ervas do jardim de sua avó, e muitas vezes havia um fogo na lareira. Era um lugar alegre, acolhedor.

— Oh, vovó — disse Cassie, depois parou. Ela queria falar, sim, mas como ela poderia?

Ela olhou para as mãos enrugadas da avó espalhando a raiz em um rack de madeira para a secagem.

— Você sabe, Cassie, que estou sempre aqui para você e a sua mãe também — a avó continuou.

Ela lançou um olhar súbito até a porta da cozinha, e Cassie viu que sua mãe estava lá.

Os grandes olhos escuros de Mrs. Blake estavam fixos em Cassie, e Cassie achava que havia algo triste neles. Desde que tinha vindo para estas "férias" de Massachusetts, a mãe parecia perturbada, mas estes dias houve uma espécie de melancolia em seu rosto cansado que intrigou Cassie. Sua

mãe era tão bonita, tão jovem e bonita, e o desamparo novo em sua expressão a fazia parecer ainda mais jovem do que nunca.

— E você sabe, Cassie, que se você está realmente infeliz aqui ... — sua mãe começou, com uma espécie de desafio em seu olhar.

A vó de Cassie ficou rígida e parou de espalhar as raízes.

— ... não temos de ficar. — sua mãe finalizou.

Cassie ficou estarelecida. Afinal, ela tinha passado as primeiras semanas em New Salem, depois de todas aquelas noites que ela queria morrer de saudade, agora a mãe dela disse que elas poderiam ir? Mas ainda mais estranho foi a forma como a avó Cassie estava encarando.

— Fugir nunca resolveu nada —, disse a mulher mais velha. — Você não aprendeu isso ainda? Não temos nós todos...

— Há duas crianças mortas —, a mãe de Cassie disse. — E se Cassie quer deixar aqui, nós o faremos.

Cassie olhou de uma para a outra em perplexidade. O que elas estavam falando?

— Mãe —, disse ela abruptamente — por que você me trouxe aqui?

Sua mãe e avó estavam ainda olhando para a outra, uma batalha de vontades, Cassie pensou. Então a mãe de Cassie olhou para longe.

— Vejo você no jantar — disse ela, e tão de repente como tinha aparecido, ela saiu da sala.

A avó de Cassie soltou um longo suspiro. Suas mãos tremiam um pouco enquanto ela pegou outra raiz.

— Há algumas coisas que você só pode entender mais tarde — disse a Cassie, depois de um momento. — Você vai ter que confiar em nós para isso, Cassie.

— Isso tem algo a ver com o porquê de você e mamãe foram afastadas por tanto tempo? Não é?

Uma pausa. Em seguida, a avó disse baixinho: — Você vai ter que confiar em nós...

Cassie abriu a boca, em seguida, fechá-la novamente. Não houve razão em pressioná-la ainda mais. Tal como ela já havia aprendido, sua família era muito boa em guardar segredos.

Ela iria ao cemitério, ela decidiu. Ela poderia aproveitar o ar fresco, e talvez se encontrasse cristal Melanie, ela iria se sentir um pouco melhor.

Uma vez lá, ela desejava que ela tivesse pedido a Laurel para ir junto. Mesmo que o sol de outubro fosse brilhante, o ar estava incisivo, e algo sobre o cemitério desanimados deixou Cassie desconfortável. Gostaria de saber se fantasmas saem durante o dia, pensou ela, enquanto ela localizou o lugar onde ela e Deborah tiveram de se jogar de bruços. Mas não apareceram fantasmas. Nada mudou, exceto as pontas da grama que ondulava na brisa.

Os olhos de Cassie escanearam o chão, à procura de qualquer lampejo de corrente de prata brilhante ou de quartzo claro. Ela passou pela área de polegada por polegada. A cerca tinha que estar aqui mesmo. . . mas não estava. Finalmente, ela desistiu e sentou-se sobre os calcanhares.

Foi quando ela percebeu o galpão novamente.

Ela havia esquecido de perguntar a sua avó sobre isso. Ela tem que se lembrar hoje à noite. Ela se levantou e caminhou até ele, olhando para ele com curiosidade.

À luz do dia, ela podia ver que a porta de ferro estava enferrujada. O cadeado estava enferrujado demais, mas parecia bastante moderno. O pedaço de cimento na frente da porta era grande, ela não viu como poderia ter chegado lá. Era certamente muito pesada para uma pessoa carregar.

E por que alguém queria levá-lo até lá?

Cassie se afastou do galpão. As sepulturas deste lado do cemitério eram modernas demais, ela as tinha visto antes. A escrita nas lápides era realmente legível. Eve Dulany, 1955-1976, ela leu. Dulany era o sobrenome de Sean, a qual deve ser sua mãe.

A próxima pedra tinha dois nomes: David Quincey, 1955-1976, e Melissa B. Quincey, 1955-1976. Pais de Laurel, Cassie pensou. Deus, deve ser horrível ter ambos seus pais mortos. Mas a Laurel não era a única criança na Estrada Crowhaven que tinha pais mortos. Aqui mesmo ao lado

da lápide Quincey estava outro indicador: Nicholas Armstrong, 1951-1976; Sharon Armstrong, 1953-1976. Mãe e pai de Nick.

Tem que ser.

Quando ela viu a terceira lápide, os pelos nos braços de Cassie começaram a formigar.

Linda Whittier, ela leu. Nascida em 1954, morreu em 1976. Mãe de Suzan.

Morreu 1976.

Bruscamente, Cassie se virou para olhar para a lápide dos Armstrong novamente. Ela tinha razão, tanto os pais de Nick tinham morrido em 1976 quanto os Quinceys ... Ela estava andando mais rápido agora. Sim. Em 1976 novamente. E Eva Dulany, também: morreu 1976.

Algo ondulava até espinha de Cassie e ela quase correu para as lápides do outro lado do monte. Mary Meade — a mãe de Diana morreu em 1976. Marshall Glaser e Glaser Sophia Burke. Os pais de Melanie. Morreram em 1976. Grant Chamberlain. Pai de Faye. Morreu em 1976. Adrian e Elizabeth Conant. Pais de Adam. Morreram em 1976.

Mil novecentos e setenta e seis. Mil novecentos e setenta e seis!

Houve uma agitação terrível no estômago de Cassie e os cabelos na parte de trás do pescoço dela estavam arrepiados.

O que em nome de Deus aconteceu em Salem em 1976?



— Um furacão — disse Diana.
Era segunda-feira, e Diana voltara para a escola, ainda fungando um pouco, mas em caso contrário estava bem. Estavam conversando antes da aula de história Americana; era a única chance que Cassie tinha de falar a sós com Diana. Ela não queria trazer o assunto à tona na frente dos outros.

— Um furacão? — ela disse agora.

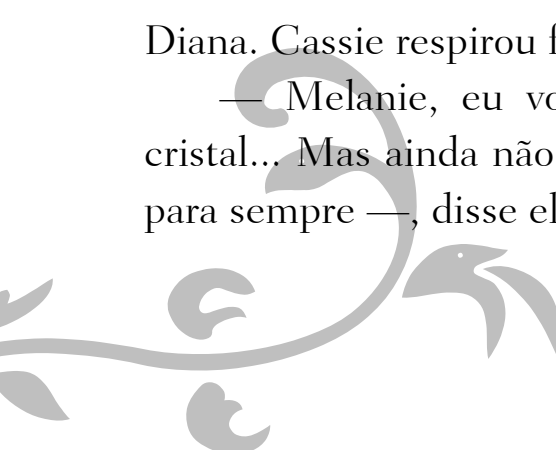
Diana acenou com a cabeça.

— Nós os temos de vez em quando. Aquele ano ele atingiu praticamente sem aviso e a ponte do continente fora inundada. Várias pessoas foram apanhadas na ilha, várias pessoas foram mortas.

— Eu sinto muito — disse Cassie. Bom, você vê: há perfeitamente uma explicação razoável no fim das contas, estava pensando. Como ela poderia ter sido tão idiota de ter surtado com isto? Um desastre natural explicara tudo. E quando Cassie tinha perguntado para sua avó sobre o túmulo no cemitério noite passada, a velha mulher olhou para ela, piscando, e finalmente dizendo, estava lá um velho túmulo cavado no chão? Se tiver, isso pode ser alguma espécie de *bunker* — um lugar para armazenar munição em uma das antigas guerras. Novamente, uma explicação simples.

Laurel e Melanie chegaram e se sentaram na frente de Cassie e Diana. Cassie respirou fundo.

— Melanie, eu voltei ao cemitério ontem para procurar pelo seu cristal... Mas ainda não o encontrei. Desculpe-me. Eu acho que ele se foi para sempre —, disse ela.



Os olhos cinza de Melanie estavam pensativos e sérios.

— Cassie, eu lhe disse àquela noite que isso não importa. A única coisa que eu queria era que você, Adam, Nick e Deborah não tivessem saído sem o resto de nós. Isso foi perigoso.

— Eu sei —, Cassie disse suavemente. — Mas até então, não parecia perigoso — ou no mínimo, parecia, mas eu não tinha tempo para pensar no quão perigoso aquilo realmente era. Eu só queria encontrar o que quer que tenha matado Jeffrey.

Ela viu Melanie e Diana trocarem um olhar.

Melanie surpresa e Diana um tanto presunçosa.

Cassie se sentiu vagamente desconfortável.

— Adam lhe disse alguma coisa sobre o que conversamos na nossa saída ao cemitério? — perguntou à Diana.

— Sobre Faye e Sally?

Diana afirmou.

— Sim. Mas isso tudo é ridículo, você sabe. Sally nunca faria algo assim, e quanto à Faye... Bom, ela pode ser difícil às vezes, mas certamente não é capaz de matar alguém.

Cassie abriu a boca, e encontrou a si mesma olhando para Melanie, a qual os olhos cinza agora refletiam algo como sacudir a cabeça com cinismo. Ela rapidamente olhou de volta para Diana e disse: — Não tenho certeza de que você esteja certa —, mas ela não estava. Melanie estava certa, Diana era muito confiante, muito ingênua. Ninguém sabia melhor que Cassie do que Faye era capaz.

Sr. Lanning estava começando a aula. Laurel e Melanie se viraram, e Cassie abriu seu livro e tentou manter sua mente na aula de história.

A semana toda na escola foi estranha. A morte de Jeffrey fizera algo com os alunos; foi diferente da outra morte. Kori tinha sido um membro do Clube, ou praticamente, e o mais importante: não tinha sido muito popular. Mas Jeffrey era um herói do futebol, um deles, um garoto que todos gostavam e admiravam. Sua morte perturbou as pessoas de uma maneira diferente.

Os sussurros começaram silenciosamente. Mas na quarta-feira, Sally

já estava dizendo abertamente que Faye e o Clube tinham matado Jeffrey. Tensão estava sendo construída entre os membros do Clube e o resto da escola. Apenas Diana parecia estar inconsciente disso, parecendo chocada quando Melanie sugeriu que o Círculo podia não ser bem-vindo ao funeral de Jeffrey.

— Nós temos que ir — ela disse, e eles foram, exceto Faye.

Quanto à Faye... Faye passou a semana silenciosamente furiosa. Ela não tinha perdoado Suzan e Deborah por ajudarem Cassie a se arrumar para o baile, não tinha perdoado Nick por tê-la esnobado, e ela não tinha perdoado o resto deles por terem testemunhado sua humilhação. As únicas pessoas com quem ela não estava furiosa eram os irmãos Henderson. Quando a morte de Jeffrey fora mencionada, ela pareceu firme e secreta.

Todos os dias, Cassie esperava receber um telefonema com alguma nova demanda bizarra, alguma nova chantagem. Mas, no momento, Faye parecia estar deixando-a em paz.

Era uma tarde de sexta-feira, indo pra casa de carro depois da escola, que Laurel mencionou o baile de Dia das Bruxas.

— É claro que você vai, Cassie — ela disse enquanto deixavam Cassie no Número Doze. — Você *tem que ir*. E você tem tempo de sobra, duas semanas, para pensar em quem convidar.

Cassie entrou na casa com suas pernas parecendo fracas. *Outro* baile? Ela não podia acreditar.

De uma coisa ela sabia: este não poderia ser como o último. Ela não deixaria ser. Ela faria como Laurel disse, encontraria alguém para ir com ela — então ela se colaria a ele o tempo inteiro. Alguém, qualquer pessoa. Sean, talvez. Cassie estremeceu. Bom, talvez não *qualquer pessoa*. Morto por atenção como ele estava, Sean podia acabar sendo um problema para si mesmo. Ela nunca poderia se livrar dele.

Não, Cassie precisava de algum garoto para ser um acompanhante e nada mais. Algum garoto que não teria absolutamente nenhum interesse por ela, sob quaisquer circunstâncias.

Um flash passou por sua mente, de olhos da cor de mogno, rico e profundo, e absolutamente frio. Nick. Nick nem sequer gostava de garotas.

E Faye não se importaria; Faye nem mesmo estava falando com ele. Nick poderia ser seguro — mas ele iria querer ir ao baile com ela?

Há só uma maneira de descobrir, ela pensou. Nick era primo de Deborah, e morava com os pais dela no Número Dois da Estrada Crowhaven. A cor de pêssego da casa estava desgastada, e a garagem era geralmente aberta, mostrando o carro que Nick trabalhava continuamente.

Adam tinha dito que era um '69 Mustang coupe, o qual era algo especial. No momento, pensou, parecia um esqueleto em cima de blocos.

Quando Cassie entrou no final daquela tarde, Nick estava inclinado sobre a bancada, seu cabelo escuro brilhando fracamente na luz da lâmpada pendurada nas vigas. Ele estava fazendo algo com uma chave de fenda em uma peça.

— Oi — disse Cassie.

Nick endireitou-se. Ele não parecia surpreso por vê-la, mas Nick nunca parecia surpreso. Ele não parecia particularmente feliz por vê-la também. Estava vestindo uma camiseta tão coberta de manchas de graxa que estava até difícil ler o slogan embaixo, mas Cassie pôde entender fracamente as palavras estranhas — *Amigos não deixam amigos dirigirem Chevys*.

Cassie limpou a garganta. Apenas entre e pergunte a ele, ela tinha pensado — mas agora estava provando ser impossível.

Depois de um momento ou dois olhando para ela, esperando, Nick olhou de volta para a bancada.

— Eu estava apenas caminhando até a casa de Diana —, Cassie disse brilhantemente. — E eu pensei que eu podia parar e dizer oi.

— Oi — Disse Nick, sem olhar para cima.

A boca de Cassie estava seca. O que a fez pensar que *poderia* convidar um garoto para um baile? E daí se vários garotos quisessem dançar com ela da última vez; aquilo provavelmente foi apenas sorte. E *Nick* certamente não tinha ficado ao redor dela.

Ela tentou fazer sua voz soar casual.

— Então, o que você está fazendo... — Ela queria dizer — para o baile de Dia das Bruxas mas sua garganta fechou e ela entrou em pânico.

Em vez disso, finalizou com um guincho — ... Agora?

— Reconstruindo o carburador — Nick respondeu brevemente.

— Oh — disse Cassie.

Ela procurava desesperadamente em sua mente por um novo tópico para a conversa. — Hum... — Ela pegou uma pequena bola de metal da bancada. — Então, isso é pra que?

— O carburador...

— Oh.

Cassie olhou para a pequena bola.

— Uh, Nick, sabe, eu estava apenas me perguntando — ela começou a jogar a bola para cima e para baixo — se você pode, hum, quer... oops.

A bola caiu para fora de seus suados dedos como uma semente de melancia, aterrissando com um ping para algum lugar debaixo da bancada e desaparecendo. Cassie olhou para cima, horrorizada, e Nick bateu a chave de fenda e soltou um palavrão.

— Eu sinto muito mesmo, Nick, me desculpe...

— Por que diabos você tinha que tocar nisso? O que você está fazendo aqui, aliás?

— Eu...

Cassie olhou para seu rosto irado e o resto de coragem a deixou.

— Me desculpe, Nick.

Ela ofegou novamente, e fugiu.

Fora da garagem e descendo a calçada. Sem pensar, virou à direita quando chegou na rua, voltando para sua casa. Ela não queria ir para a casa de Diana, de qualquer maneira — Adam provavelmente estava lá. Ela caminhou pela Estrada Crowhaven, seu rosto ainda queimava e seu coração estava acelerado.

Tinha sido uma ideia idiota desde o início. Suzan estava certa; Nick era um iguana. Ele não tinha nenhuma emoção humana normal. Cassie não esperava que ele fosse *querer* ir ao baile com ela, em primeiro lugar; ela apenas pensou que talvez ele não se importasse, pois ele havia sido gentil com ela na sala de caldeira aquela noite. Mas agora ele mostrara suas verdadeiras cores. Ela estava contente por não tê-lo convidado de

verdade antes de deixar a bola cair, isto teria sido a vergonha final.

Mesmo assim, no entanto, sentia seu peito apertado e quente e seus olhos estavam doloridos. Ela manteve sua cabeça cuidadosamente levantada quando passou pela casa de Melanie, e depois pela de Laurel. Ela não queria ver nenhuma delas.

O sol tinha se posto e a cor estava fazendo sumir tudo. Está escurecendo tão cedo durante esses dias, ela estava pensando, quando um rugido de motor lhe chamou a atenção.

Era uma Suzuki Samurai preta, com a placa *Me arremesse*. Os irmãos Henderson estavam nela, Doug estava dirigindo muito rápido. Logo que a viram, eles frearam e colocaram as cabeças para fora da janela, bradando.

— Hey, o que uma garota bonita como você faz em um bairro como esse?

— Você quer festejar, Cassie? — Vamos lá, baby, nós podemos te divertir! Eles estavam a assediando por a diversão, mas algo fez Cassie olhar para os olhos azul-esverdeados de Doug e dizer corajosamente:

— Claro.

Eles olharam para ela, perplexos. Chris então soltou uma risada.

— Legal, entre.

Disse ele e abriu a porta do lado do passageiro.

— Espere um minuto — Doug começou, mas Cassie já estava lá dentro, Chris a ajudou com o degrau alto. Ela não sabia o que a tinha possuído. Mas ela estava se sentindo selvagem e irresponsável, que ela adivinhou ser a melhor maneira de se sentir quando se estava com os irmãos Henderson.

— Pra onde estamos indo? — perguntou ela quando eles aceleraram. Chris e Doug se olharam cautelosamente.

— Vamos comprar algumas abóboras para o Dia das Bruxas. Disse Chris.

— Comprar abóboras?

— Bem, não *comprar*, exatamente — Disse Chris.

Por alguma razão, particularmente naquele momento, isso pareceu engraçado para Cassie. Ela começou a dar risada. Chris sorriu.

— Nós estamos descendo para Salem —, explicou ele. — Eles têm as melhores plantações de abóboras para atacar. E quanto mais cedo nós conseguirmos, nós podemos esconder no Witch Dungeon e assustar os turistas.

Witch Dungeon? Pensou Cassie, mas tudo o que disse foi — Tudo bem.

O chão do minijipe estava cheio de garrafas, pedaços de tubo, trapos, sacolas do Dunkin' Donuts, fitas cassetes desenroladas, e revistas obscenas. Chris estava explicando à Cassie como construir uma bomba quando chegaram à plantação de abóbora.

— Ok, agora, calem a boca —, disse Doug — Nós temos que dar a volta.

Ele acendeu as luzes e desligou o motor e cruzou.

A plantação de abóbora era um recinto cercado enorme cheio de abóboras, algumas empilhadas, algumas espalhadas pelo chão. Doug parou a Samurai atrás de uma grande pilha na cabine onde você paga pelas abóboras. Estava totalmente escuro agora, e a luz do recinto não chegou a alcançá-los.

— Acima da cerca — Doug gesticulou com os lábios, e para Cassie: — Fique aqui.

Cassie estava contente por ele não querer que ela suba isso; havia arame farpado no topo. Chris colocou sua jaqueta sobre a cerca e os dois rapazes invadiram facilmente.

Em seguida, eles calmamente começaram a distribuir abóboras por cima da cerca. Chris as deu para Doug, quem estava na pilha e as entregara para Cassie do outro lado, apontando para ela colocar no banco traseiro do jipe.

O que na terra eles *querem* com todas essas abóboras, afinal? Cassie estava se perguntando vertiginosamente, enquanto cambaleava para trás com carga após carga. Você pode fazer uma bomba com uma abóbora?

— Tudo bem —, Doug sibilou enfim — Isso é o suficiente.

Ele trepou de volta na cerca. Chris também começou a subir, mas bem naquele momento um latido frenético e um grande cão preto com

pernas duras apareceu.

— Socorro! — grasnou Chris. Ele estava pendurado em cima da cerca. O Doberman o pegara pela bota e a afligia furiosamente, rosnando. Um homem explodiu de dentro da cabine e começou a gritar com eles, apertando seu punho.

— Socorro! Socorro! — Chris gritou. Ele começou a rir e depois gritou — Ele está arrancando meu pé! Ow! Socorro!

Doug, seus estranhos olhos oblíquos brilhando descontroladamente, correu de volta ao jipe. — Vou *matar* esse cachorro —, disse ele sem fôlego. — Onde está a pistola do exército?

— Espere aí, Max! Segure-o até eu pegar minha espingarda! — o homem estava gritando.

— Ow! Ele está me mastigando! Isso dói, cara! — Chris berrou.

— Não o mate —, Cassie implorou freneticamente, pegando Doug pelo braço. Tudo o que ela precisava era que ele e o homem da abóbora atirassem um no outro. Doug continuou vasculhando o lixo do chão do jipe. — Não mate o cachorro! Nós podemos apenas o dar isso —, disse Cassie, subitamente inspirada. Ela pegou um saco de Dunkin' Donuts com várias rosquinhas velhas dentro dele. Enquanto Doug ainda estava à procura de uma arma, ela correu de volta para a cerca.

— Aqui, totó, totó bonzinho —, ela suspirou. O cão rosnou. Chris continuava berrando; o homem da abóbora continuava gritando. — Bom cachorro — Cassie disse ao Doberman desesperadamente. — Bom garoto, olha aqui, um donuts, viu? Quer um donut? — E, em seguida, surpreendendo-se completamente, gritou: — *Venha aqui! AGORA.*

Ao mesmo tempo, ela fez — não sabia o quê. Ela fez... Alguma coisa... Com sua mente. Ela podia sentir saindo dela, como uma explosão de calor. Isso bateu no cão e o mesmo soltou o pé de Chris, as patas traseiras em colapso.

Com a barriga quase no chão, ele se esgueirou até a cerca e se abaixou.

Cassie o achou alto e terrível.

Ela disse — Bom cachorro —, e jogou o saco de donuts sobre a cerca.

Chris estava pulando na outra direção, quase caindo de cabeça. O cão se deitou e começou a gemer lamentavelmente, ignorando os dunuts.

— Vamos embora —, gritou Chris. — Vamos, Doug! Não precisamos matar ninguém!

Entre eles, Cassie e ele aguentando os protestos de Doug no jipe e Chris acelerou. O vendedor de abóbora correu atrás deles com sua espingarda, mas quando chegaram à estrada, ele desistiu da perseguição.

— Ow —, disse Chris mexendo seu pé, e fazendo o jipe envergar. Doug murmurou para si mesmo.

Cassie se inclinou para trás e suspirou.

— Tudo bem —, disse Chris alegremente, — agora vamos para o Witch Dungeon.

O Museu Witch Dungeon de Salem se parecia com uma casa do lado de fora. Chris e Doug pareciam saber bem o plano, e Cassie os seguiu ao redor da casa, onde escorregaram numa entrada de fundo.

Através de uma porta, Cassie vislumbrou o que parecia ser um pequeno teatro. — É onde eles fazem os julgamentos de bruxas —, disse Chris. — Você, sabe, como uma peça de teatro para os turistas. Então, eles os levam até aqui.

Um lance de escadas estreitas mergulhado na escuridão.

— *Por quê?* — disse Cassie.

— É o calabouço. Eles dão um passeio. Nós nos escondemos nos cantos e saltamos e gritamos quando eles chegam perto. Alguns praticamente têm um ataque do coração. — Doug disse, com seu sorriso de louco.

Cassie podia ver como isso poderia acontecer. Enquanto eles faziam seu caminho descendo as escadas ficava cada vez mais escuro. Um odor, de mofo úmido agrediu suas narinas, e o ar estava muito legal.

Um corredor estreito se estendia em frente à escuridão, que fora quebrada apenas por pequenas luzes em intervalos longos. Pequenas celas

se abriram de ambos os lados do corredor. Todo o local tinha uma sensação pesada, subterrânea sentia isso.

É como a sala da caldeira, Cassie pensou. Seus pés pararam de se mover.

— Vamos lá, o que há de errado? — Doug sussurrou, virando-se. Ela mal podia vê-lo.

Chris voltou para o pé da escada e olhou para seu rosto, — Nós não temos de ir até lá ainda —, disse ele. — Podemos esperar aqui até eles descerem lá.

Cassie assentiu com a cabeça para ele, agradecida. Fora ruim o suficiente à beira desse lugar terrível. Ela não queria entrar lá até que seja absolutamente necessário.

— Ou...

Chris parecia estar envolvido em alguma façanha prodigiosa em seu pensamento. — Nós poderíamos apenas *ir embora*, sabe.

— Ir embora agora? Por quê? — Doug exigiu, correndo de volta.

— Por que...

Chris olhou para ele. — Por que... Porque eu estou dizendo!

— Você? Quem se importa com o que você diz? — Doug voltou com um sussurro e os dois começaram a brigar.

Eles não são realmente assustadores, afinal, Cassie pensou, um pouco atordoada. Eles são mais como os Meninos Perdidos do Peter Pan. Estranhos, mas do tipo fofo.

— Está tudo bem — disse ela, para parar a briga deles — Podemos ficar. Vou apenas me sentar na escada.

Sem fôlego, sentaram-se também, Chris massageando o bico da bota.

Cassie se inclinou contra a parede e fechou os olhos. Ela podia ouvir as vozes de cima, alguém falando sobre o julgamento das bruxas de Salem, mas apenas trechos da palestra chegaram até ela, estava absorvendo tudo o que aconteceu hoje, e este lugar terrível a fazia se sentir doente e vaga. Como se ela tivesse teias de aranha em seu cérebro.

Uma voz de mulher dizia: —... O governador real, Sr. William Phips, estabeleceu um tribunal especial para lidar com os casos. Até agora houve

tantas bruxas acusadas...

Tantas bruxas falsas, Cassie pensou vagamente, meio de escuta. Se essa mulher soubesse das reais bruxas à espreita de seu calabouço.

—... Em dez de junho, a primeira das bruxas fora condenada publicamente. Bridget Bishop, foi enforcada em Gallows Hill, perto de Salem...

Pobre Bridget Bishop, Cassie pensou. Ela teve uma visão súbita dos pés de Jeffrey balançando e uma onda de náusea passou por ela. Provavelmente os pés de Bridget tinham ficado balançando quando a penduraram, também.

— ... Até o final de setembro, outras dezoito pessoas tinham sido penduradas também. As últimas palavras de Sarah Goode...

Dezoito. Isso é um monte de pés balançando. Deus, eu não me sinto bem, Cassie pensou.

— ...e uma nona vítima fora pressionada até a morte. Pressionar era uma forma de tortura de Puritan em que uma placa era colocada no peito da vítima, e então pedras mais pesadas eram empilhadas em cima da placa...”

Ugh. Agora eu *realmente* não me sinto bem. Pergunto-me como deve ser ter rochas empilhadas em você até morrer? Acho que nunca saberei, desde que isso não acontece mais hoje. A menos que você seja pego em um deslizamento de terra ou algo assim...

Com um empurrão, Cassie se sentou direito, as teias de aranha sendo varridas para fora de seu cérebro como se fosse uma rajada de vento gelado.

Deslizamento de terra. Avalanche. Sr. Fogle, o diretor do colégio, havia descoberto o que é ter rochas empilhadas em você até morrer.

Estranha coincidência. Isso era tudo o que era. Mas...

Oh, meu Deus, pensou Cassie, de repente.

Ela sentiu como se seu corpo inteiro tivesse sido ligado a algo elétrico. Seus pensamentos foram caindo uns sobre os outros.

Deslizamento de terra. Pressionado até a morte. Mesma coisa, realmente. E enforcamento. As bruxas foram enforcadas...assim como

Jeffrey Lovejoy. Oh, Deus, oh, Deus. Tinha que haver uma conexão.

— Nunca se sabem quantos morreram na prisão. Em comparação com as condições lá, o esquecimento rápido de um pescoço quebrado pode ter sido misericordioso. Nosso passeio vai levá-los agora...

Pescoço quebrado. Um pescoço quebrado.

O pescoço de Kori havia sido quebrado.

Cassie pensou que fosse desmaiar.

As vozes de cima estavam ficando mais perto. Cassie não conseguia se mover; um manto cinza parecia ter envolvido seus sentidos. Chris estava puxando seu braço.

— Vamos, Cassie! Eles estão vindo!

Vagamente, Cassie ouviu de cima: — Se vocês se alinharem em fila única, nós desceremos uma escada estreita...

Chris estava puxando Cassie para fora da escada estreita.

— Hey, Doug, me dê uma mão aqui!

Cassie fez um esforço supremo.

— Temos que ir para casa —, disse ela urgentemente para Chris. Ela se empertigou e tentou falar com autoridade. — Tenho que voltar e contar à Diana algo agora mesmo.

Os irmãos se entreolharam perplexos, mas vagamente impressionados.

— Tudo bem— disse Chris, e Cassie respirou aliviada, o cinza lavando-se para fora dela novamente.

Com Doug se dirigindo para frente e Chris tentando escoltá-la, eles levaram-na rapidamente através da escuridão, passando pelos corredores sinuosos do calabouço. Eles pareciam tão confortáveis na escuridão como ratos, e a guiaram infalivelmente através das passagens até que um sinal de *neon* anunciou a saída.

Na unidade norte, as abóboras bateram e rolaram no assento de trás como um monte de cabeças decepadas. Cassie manteve os olhos fechados e tentou respirar normalmente. A única coisa que ela sabia e que não podia contar aos irmãos Henderson era o que ela estava pensando. Se eles descobrissem o que ela suspeitava sobre Kori, qualquer coisa poderia acontecer.

— Apenas me deixe na casa de Diana — ela disse quando eles finalmente voltaram à Crowhaven Road. — Não, você não tem que ir comigo. Obrigada.

— Tudo bem — disse Chris, e eles a deixaram ir. Então ele enfiou a cabeça para fora da janela. — Uh, ei-obrigado por tirar aquele vira-lata de mim — ele disse.

— Claro — disse Cassie calmamente. — Por nada.

À medida que eles chegaram, ela percebeu que eles nunca haviam sequer perguntado-a porquê ela precisava falar com Diana. Talvez eles estavam tão acostumados a fazer coisas inexplicáveis sozinhos que eles não se perguntavam quando outras pessoas faziam.

Sr. Meade atendeu a porta, e Cassie percebeu que devia ser tarde se ele estava em casa do escritório. Ele chamou Diana enquanto Cassie subia as escadas.

— Cassie! — disse Diana, pulando assim que viu o rosto de Cassie. — Qual o problema?

Adam estava sentado na cama; ele pulou também, parecendo assustado.

— Eu sei que está tarde — sinto muito, mas temos que conversar. Eu estava no Witch Dungeon...

— Você estava onde? Aqui, pegue isso; suas mãos estão como gelo. Agora comece tudo de novo, devagar — disse Diana, fazendo-a sentar e envolvendo-a num suéter.

Lentamente, falhando algumas vezes, Cassie contou-lhes a história: como Chris e Doug haviam a buscado e levado para o Salem. Ela omitiu a parte sobre o remendo da abóbora, mas disse que eles haviam ido ao Witch Dungeon e como, ouvindo a palestra, ela havia repentinamente visto a conexão.

Pressionado até a morte ou deslizamento de terra; enforcamento-pescoço quebrado.

— Mas o que isso quer dizer? — disse Diana quando ela havia terminado.

— Não sei exatamente —, admitiu Cassie. — Mas parece que há alguma conexão entre as três mortes e a forma com que os Puritanos costumavam punir as pessoas.

— A energia sombria é a conexão — disse Adam rapidamente. — Aquela caveira foi usada pela multidão original, que vivia no tempo em que bruxas eram julgadas.

— Mas isso não iria explicar o que houve com a Kori — protestou Diana. — Nós não ativamos a caveira até após Kori estar morta.

Adam estava pálido.

— Não. Mas eu encontrei a caveira um dia antes de Kori morrer. Eu tirei-o da areia...

Os olhos dele se encontraram com os de Cassie, e ela teve um sentimento terrível de receio.

— Areia. Manter o Mal Inofensivo — ela suspirou. — Isso está no seu Livro das Sombras. Queimar um objeto na areia ou terra para manter o mal nele inofensivo. Igual quando... —ela parou abruptamente e mordeu a língua. Deus, ela quase havia dito “Igual quando você queimou a caveira na praia para mantê-lo seguro”.

— Igual como eu encontrei-o — concluiu Adam para ela. — Sim. E você acha que quando eu o tirei, aquilo exclusivamente já o ativou. Mas isso significaria que a caveira teria que ser forte, tão poderosa...

A voz dele foi abaixando até desaparecer. Cassie podia ver que ele estava tentando lutar contra a ideia; ele não queria acreditar naquilo.

— Eu senti mesmo alguma coisa quando o tirei daquele buraco — ele completou calmamente. — Eu me senti tonto, estranho. Pode ter sido por causa da energia sombria que estava escapando.

Ele olhou para Cassie.

— Então você acha que aquela energia chegou à Nova Salem e matou Kori.

— Eu não sei o que pensar — disse Cassie miseravelmente. — Eu não sei porque ela chegaria. Mas não pode ser coincidência que cada vez que temos contato com a caveira, alguém morre em seguida, de uma forma que os Puritanos costumavam matar as bruxas.

— Mas você não percebe — disse Diana animada, — não é cada vez. Ninguém usou a caveira logo antes de Jeffrey morrer. Estava absolutamente seguro. Ela hesitou e então retomou rapidamente. — Bem, é claro que posso dizer à vocês — estava seguro na praia. Está ainda queimado lá. Eu venho checando-o por vários dias. Então não há uma conexão para cada um.

Cassie estava silenciosa.

O primeiro impulso dela foi deixar escapar, “Alguém usava a caveira também!”. Mas isso seria insano. Ela nunca iria contar à Diana sobre aquilo — senão ela estaria em desespero. Uma agitação estava começando dentro dela, no fundo. Ah, Deus, havia uma conexão para cada um. Era como o slogan *Use uma arma; vá para a cadeia*. Use a caveira, mate alguém. E ela, Cassie, foi responsável pela última vez que a caveira havia sido usada. Ela era responsável por matar Jeffrey.

Então ela teve outra terrível surpresa. Ela descobriu que os aguçados olhos azuis acinzentados de Adam estavam fixos nelas.

— Eu sei o que você está pensando — disse ele.

Cassie engoliu a seco, congelada.

— Você está tentando pensar num jeito de me proteger — disse ele. — Nenhuma de vocês gosta da ideia de que o fato de eu ter tirado a caveira da areia tenha alguma coisa a ver com a morte de Kori. Então vocês estão tentando desconsiderar a teoria. Mas não irá funcionar. Há obviamente uma comunicação entre a caveira e todas as três mortes — mesmo a de Kori.

Cassie ainda não conseguia se mexer. Diana tocou a mão dele.

— Se é verdade — ela disse, com os olhos verdes queimando intensamente, — então não é sua culpa. Você não tinha como saber que remover a caveira faria algum mal. Você *não tinha como saber*.

Mas eu sabia sim, Cassie pensou. Ou ao menos eu deveria ter sabido. Eu sabia que a caveira era perigoso, eu senti que era capaz de matar. E ainda assim deixei Faye levá-lo. Eu devia ter a repreendido mais duramente; eu devia ter feito algo para impedi-la.

— Se alguém é culpado — Diana estava indo em frente — sou eu. Eu

sou a líder do grupo, foi minha decisão usar a caveira na cerimônia. Se a energia sombria que derrubou Faye saiu e matou Sr. Fogle e em seguida Jeffrey, é minha culpa.

— Não, não é — disse Cassie. Ela não podia aguentar mais. — É minha — ou ao menos de todos...

Adam olhava de uma garota para outra, e então caiu numa tensa gargalhada e levou a mão à cabeça.

— Olhe para nós —, disse ele. — Tentando inocentar uns aos outros e levar a culpa para nós mesmos. Que graça.

— Muito patético — Diana concordou, tentando sorrir.

Cassie estava lutando contra as lágrimas.

— Eu acho que devíamos parar de pensar em quem a culpa é, e começar a pensar no que fazer — Adam seguiu em frente. — Se a energia sombria que escapou na cerimônia matou o Sr. Fogle e o Jeffrey, pode ainda estar lá fora. Pode fazer algo mais. Precisamos pensar em um jeito de impedi-la.

Eles conversaram por horas depois disso. Adam achou que eles deviam procurar pela energia escura, talvez fazer alguma perscrutação em torno do cemitério. Diana achou que todos deviam continuar vasculhando todos os Livros das Sombras, mesmo os indecifráveis, para ver se havia algum conselho sobre lidar com coisas desse tipo, e aprender mais sobre a caveira.

— E sobre John Black, também — sugeriu Cassie, mecanicamente, e Diana e Adam concordaram. John Black havia usado a caveira no começo, havia a “programada”. Talvez as intenções dele ainda estivessem afetando-o.

Mas o tempo todo em que eles estavam conversando, Cassie estava se sentindo no mundo da lua. Alienada. Adam e Diana realmente *eram* bons, ela pensou, assistindo-os conversando fervorosamente, estimulados pela discussão. Eles realmente agiam com a melhor das intenções. Ela, Cassie, era diferente. Ela era perversa.

Cassie sabia de coisas que eles não sabiam. Coisas que ela nunca poderia contá-los.

Diana foi gentil quando era a hora de Cassie ir embora.

— É melhor o Adam te levar até casa — disse ela.

E ele a levou.

Eles não falaram até que chegaram à casa de Cassie.

— Como você está indo? — ele disse calmamente.

Cassie não conseguia olhar para ele. Ela nunca havia querido tanto conforto, nunca havia querido se jogar nos braços dele tanto quanto ela queria agora. Ela queria contá-lo toda a história a respeito de Faye e a caveira e ouvi-lo dizer que estava tudo bem, que ela não iria que enfrentar aquilo sozinha. Ela queria que ele a apoiasse.

Ela conseguia sentir que ele queria aquilo também, apenas alguns centímetros de distância no banco do motorista.

— É melhor eu entrar — ela disse trêmula.

Adam estava agarrando o volante tão firmemente que parecia que ele queria quebrá-lo.

— Boa noite — ela disse suavemente, ainda sem olhar para ele.

Houve uma pausa realmente longa enquanto ela deixou Adam brigando consigo mesmo. Então ele disse “Boa noite, Cassie”, numa voz sem qualquer energia.

Cassie foi para dentro. Ela não conseguiu falar com a sua mãe ou avó sobre aquilo também, é claro. Ela poderia apenas imaginar: “Oi, Mãe; você lembra-se de Jeffrey Lovejoy? Bom, eu ajudei a matá-lo” Não, obrigada.

Foi um pensamento estranho, saber que você era perverso. Flutuava na mente de Cassie assim que ela se deitou na cama aquela noite, e apenas antes dela dormir, a mente dela ficou estranhamente misturada com visões dos olhos dourados de Faye.

Cruel, ela podia quase ouvir Faye rindo guturalmente. Você não é perversa, você é apenas *cruel*... como eu.

O sonho começou de forma bonita. Ela estava no jardim da avó, no verão, quando tudo estava florescendo. As melissas derramavam uma mina de ouro no jardim. Lavanda, lírio do vale, e jasmim estavam derramando perfumes tão doces no ar que Cassie se sentiu tonta.

Cassie se inclinou para arrancar a haste de madressilva, com suas

minúsculas e suaves pétalas.

O sol brilhou, esquentando seus ombros. O céu estava limpo e espaçoso. Estranhamento, embora este fosse o jardim da sua avó, não havia nenhuma casa por perto. Ela estava totalmente sozinha no brilho da luz do sol.

Então ela viu as rosas.

Elas eram grandes, aveludadas, vermelhas como rubis. Nenhuma rosa como aquela crescia sem cuidados humanos. Cassie deu um passo na direção delas, então outro. O orvalho levantava-se na ondulação da pétala de uma das rosas, tremendo fracamente. Cassie queria cheirar uma delas, mas estava com medo.

— Faye!

Faye sorriu lentamente.

— Vá em frente, cheire-as — ela disse. — Elas não vão te morder.

Mas Cassie balançou a cabeça negativamente.

— Ah, vamos lá, Cassie.

A voz de Faye era em tom de persuasão agora. — Olhe para lá. Não parece interessante?

Cassie olhou.

Atrás das rosas algo impossível acontecia. A noite havia caído, ainda que ainda fosse dia onde Cassie estava. Era uma noite de maneira preta-e-roxa, repleta de estrelas, mas sem nenhum traço de Lua.

— Venha comigo, Cassie — Faye falou persuasivamente outra vez. — São apenas alguns passos. Vou te mostrar o quão fácil é.

Ela caminhou atrás da roseira e Cassie olhou para ela. Faye estava parada na escuridão novamente, o rosto dela sombreado, com o cabelo glorioso se misturando com as trevas.

— Você pode também — Faye disse para ela suavemente, inexoravelmente. — Apesar de tudo, você é igual a mim — ou você esqueceu? Você já fez sua escolha.

A mão de Cassie deixou o spray de madressilva cair. Lentamente, ela alcançou e escolheu uma das rosas. Era de um vermelho tão vivo e tão suave.

Cassie olhou para baixo, na direção da rosa.

— Bonito, não é? —, murmurou Faye. — Agora traga aqui.

Hipnotizada, Cassie deu um passo. Havia uma linha de uma hesitante sombra no chão, entre a escuridão e o dia. Cassie deu outro passo e uma dor súbita no dedo a fez arfar.

A rosa havia furado ela. Sangue estava jorrando do pulso dela. Todos os espinhos nas rosas enrubesceram, como se eles estivessem banhados em sangue.

Horrorizada, ela olhou para Faye, mas ela apenas viu a escuridão e apenas ouviu uma risada de zombaria. “Talvez numa próxima vez”, a voz de Faye flutuou para fora das trevas.

Cassie acordou com o coração batendo intensamente, com os olhos fixos na escuridão do quarto. Quando ela ligou a luz, ela quase esperava ver sangue no braço. Mas não havia sangue, e nenhuma marca de nenhum espinho no dedo.

Obrigada, Deus, ela pensou. Era um sonho, somente um sonho. Ainda assim, demorou um bom tempo até que ela conseguisse pegar no sono novamente.

Ela acordou novamente com o toque do telefone.

Pela cor da luz contra janela do leste, ela sabia que havia dormido tarde.

— Alô?

— Alô, Cassie — uma voz familiar disse no ouvido dela.

O coração de Cassie pulou. Instantaneamente o sonho inteiro passou na mente dela como um *flash*. Em pânico, ela esperou que Faye começasse a falar asperamente sobre rosas e escuridão.

Mas a voz dela estava normal.

— É sábado, Cassie. Tem algum plano para hoje a noite?

— Ah... não. Mas...

— Porque Deborah, Suzan e eu vamos fazer uma pequena reunião. Achamos que você deveria vir.

— Faye... Eu achei que você estava brava comigo.

Faye riu.

— Eu estava um pouco zangada, sim. Mas já está acabado. Estou *orgulhosa* do seu sucesso com os caras. Isso mostra o que um pouco de feitiçaria fará, né?

Cassie ignorou aquilo, ela teve um pensamento abrupto.

— Faye, se você está planejando usar a caveira de novo, esqueça. Você quer saber o quão perigoso é?

Ela começou a contar para Faye o que ela havia descoberto no Witch Dungeon, mas Faye interrompeu.

— Ah, mas quem se importa mais com a caveira? — ela disse. — É uma *festa*. Então te veremos por aqui por volta das oito, tudo bem? Você *vai* aparecer, não vai, Cassie? Porque podem haver algumas lamentáveis consequências se não. Tchau!

Deborah e Suzan vão estar lá, Cassie disse para si mesma assim que andou até a casa de Faye aquela noite. Elas não irão deixar a Faye me matar. O pensamento a deu algum conforto.

E Faye, quando abriu a porta, parecia menos intimidadora que o normal. Os olhos de ouro estavam cintilando com alguma travessura e o sorriso dela estava quase divertido.

— Entre, Cassie. Todos estão na toca — ela disse.

Cassie podia ouvir a música na medida em que elas se aproximavam de uma sala fora do hall de entrada. Era decorado no mesmo estilo endinheirado e luxuoso do restante da casa. Barulho de uma enorme TV estava competindo com alguma música de Madonna que vinha de um magnífico estéreo. Com toda essa tecnologia, as dúzias de velas presas em vários tipos de suportes por volta do aposento parecia deslocado.

— Abaixе esse negócio — mandou Faye. Suzan, fazendo beicinho, apontou um controle remoto para o aparelho de som, enquanto Deborah deixava a TV muda. Aparentemente Faye havia as perdoado também.

— Agora — disse Faye, com um felino sorriso para Cassie — Vou explicar. A empregada está de folga, e minha mãe está doente e na cama.

— Como sempre — interrompeu Deborah, para Cassie. — A mãe dela passa 95% da vida na cama. Nervos.

Faye arqueou as sobrancelhas e disse:

— Sim, bem, é certamente conveniente, não? Em tempos como esses.
— Ela virou-se para Cassie e continuou: — Então, vamos ter uma pequena festa de pizza. Você vai nos ajudar a deixar as coisas prontas, não vai?

Cassie estava entorpecida de alívio. Uma festa de pizza. Ela estava imaginando todos os tipos de coisas estranhas. — Eu vou ajudar — ela disse.

— Então vamos começar. Suzan te mostrará o que fazer.

Cassie seguiu as instruções de Suzan. Elas iluminaram as rosas vermelhas e rosas e começaram um baixo e estalante fogo na lareira. Elas iluminaram os incensos, também, dos quais Suzan disse que eram compostos de raiz de gengibre, cardamomo, e laranja amarga. Era aflitivo, mas deliciosamente cheiroso.

Faye, entretanto, estava colocando cristais no aposento. Cassie os reconheceu — granada mineral e cornalina, opala de fogo e turmalinas rosa. E Suzan, Cassie percebeu, estava vestindo um cordão de cornalina que combinava com o cabelo morango-loiro dela, enquanto Faye estava vestindo mais do que o número usual de estrelas de rubi.

Deborah desligou as lâmpadas e foi mexer no aparelho de som. A música que começou a aumentar não era nada como as que Cassie já ouviu algum dia. Era baixo e palpitante, alguma batida primal que parecia tomar conta dela. Começou suave, mas parecia ficar quase imperceptivelmente mais alta.

— Tudo bem —, disse Faye, dando uma olhada para avaliar o trabalho delas. — Está bom. Vou pegar as bebidas.

Cassie olhou ao redor do aposento sozinha. Caloroso, parecia calor e convidativo, especialmente quando comparado com frio tempo de outubro lá fora. As velas e a lareira faziam um brilho rosado e a suave e a insistente música preencheu o ambiente. O incenso estava apimentado, inebriante e de alguma forma sensual, e a fumaça jogava uma leve névoa pelo ambiente.

Parece uma toca ópia ou algo assim, pensou Cassie, ao mesmo tempo fascinada e horrorizada, assim que Faye voltou com uma bandeja de prata.

Cassie olhou. Ela havia esperado, talvez, seis pacotes de soda ou também seis pacotes de algo mais, conhecendo Deborah. Ela deveria ter sabido que Faye nunca iria se sujeitar a algo tão deselegante. Na bandeja havia um *decanter* de cristal e oito pequenos copos de cristal. O *decanter* estava meio cheio de algum claro líquido da cor de rubi.

— Sente-se —, disse Faye, despejando o líquido e quatro dos copos. E então, no olhar de dúvida de Cassie, ela sorriu. — Não é alcoólico. Experimenta e veja. Vá em frente.

Cautelosamente, Cassie tomou um gole. Tinha um sutil e fraco sabor doce e isso a fez sentir-se tomada com calor até a ponta dos dedos.

— O que tem nisso — ela perguntou, olhando para dentro do corpo.

— Ah, isso e aquilo. É estimulante, não é?

— Mmm — Cassie tomou outro gole.

— E agora — Faye sorriu — podemos brincar de O Cara da Pizza!

Houve uma pausa e então Cassie disse:

— O Cara da Pizza?

— O cara que entrega a pizza — disse Suzan, rindo.

— Também conhecido como assistir caras fazendo papel de bobos — disse Deborah, sorrindo selvagenmente. Ela poderia ter continuado, mas Faye interrompeu.

— Não vamos *contar* à Cassie, vamos mostrá-la — ela disse. — Onde está o telefone? — Deborah a entregou um telefone sem fio.

Suzan exibiu as folhas amarelas, e após alguns momentos de manuseio e análise, leu um número.

Faye ligou.

— Alô? — ela disse agradavelmente. — Eu gostaria de pedir uma pizza grande, com pepperoni, azeitonas e cogumelos. — Ela deu o endereço e o número do telefone. — Isso mesmo, New Salem — ela disse. — Você pode me dizer quanto tempo vai demorar? Tudo bem, obrigada. Tchau.

Ela desligou, olhou para Suzan e disse: — Próximo.

E, então, para o crescente assombro de Cassie, ela fez tudo aquilo de

novo.

Seis vezes.

No final disso, Faye havia pedido sete pizzas grandes, todas com a mesma cobertura. Cassie, que estava se sentindo de alguma forma tonta pelo cheiro de incenso, se perguntou quantas pessoas Faye estava planejando alimentar.

— Quem está vindo para essa festa? Toda a *Mormon Tabernacle Choir*? — ela sussurrou para Suzan. Ela riu.

— Eu espero que não. Não é no coral de meninos que estamos interessadas.

— Chega — disse Faye. — Apenas aguarde, Cassie, e você verá.

Quando a campainha tocou pela primeira vez, Faye, Suzan e Deborah correram para o salão e olharam através da janela. Cassie seguiu-as e olhou também. A luz da varanda revelou um jovem homem segurando uma caixa de papelão gordurosa.

— Hmm — disse Faye. — Não é ruim. Não é fantástico, mas não é ruim.

— Eu acho que ele está bom — disse Suzan. — Olhe para aqueles ombros. Vamos pegá-lo.

Com Cassie atrás à direita, todas elas foram até o hall.

— Bem, olá — disse Faye, abrindo a porta. — Você se importa de entrar e coloca-la aqui? Deixei minha carteira em outro cômodo.

À medida que Cassie assistia com olhos bem abertos, elas escoltaram o cara para o calor da luxuosa e ricamente perfumada toca.

Cassie o viu piscar, e então viu uma expressão estupefata atravessar o rosto dele. Deborah pegou a pizza dele. “Você sabe”, disse Faye, mordendo a caneta que ela tinha equilibrado sobre um talão de cheque, “você parece um pouco cansado. Por que não se senta? Está com sede?”. Suzan estava derramando um copo cheio de líquido de rubi. Ela o segurou para ele com um sorriso. O entregador molhou os lábios, parecendo atordoado.

Cassie podia entender o porquê. Ela achava que não havia provavelmente nenhum cara no mundo que poderia resistir a Suzan, com o seu cabelo loiro morango e sua blusa decotada, segurando um copo de

cristal. Suzan se inclinou um pouco mais distante quando o ofereceu e o cara pegou a bebida.

Deborah e Faye trocaram um esperto olhar. — Eu vou lá levar o carro dele para outro lado — murmurou Deborah e saiu.

— Meu nome é Suzan — disse Suzan para o cara, assim que afundou no almofado sofá atrás dele. — Qual o seu?

Deborah mal havia retornado quando a campainha tocou novamente.



— **E**ca — disse Deborah, assim que olhou pela janela da sala novamente. Esse cara da entrega era magro, com cabelos lisos e com espinhas.

Faye já estava se movendo para a porta da frente.

— Pizza? Nós não pedimos nenhuma pizza. Eu não me importo para quem você ligou para confirmar, não queremos isso.

Ela fechou a porta em sua cara, e depois de alguns minutos parado na varanda, ele foi embora.

Enquanto sua van estava saindo, outra estava chegando. O rapaz alto e loiro com a caixa de papelão, ficava olhando atrás dele para seu rival recuado na van, enquanto caminhava até a porta.

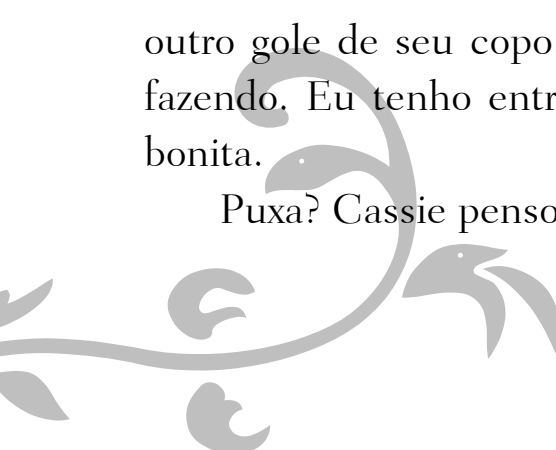
— Agora, esse é mais parecido com isso — disse Faye,

Quando elas trouxeram o loiro para a toca, Suzan e o musculoso estavam enroscados no sofá. O par se desembaraçando, o garoto ainda parecia enevoado, e Faye derramou uma bebida ao novo convidado.

Dentro da próxima hora, a campainha tocou mais quatro vezes e elas pegaram mais dois garotos de entrega. Suzan dividiu sua atenção entre o musculoso e um outro garoto com as maçãs do rosto salientes, que disse fazer parte do Nativo Americano. O outro rapaz novo, que parecia mais jovem que os outros, e tinha olhos castanhos, se sentou nervosamente ao lado de Cassie.

— Isso é estranho — disse ele, olhando ao redor da sala, e tomando outro gole de seu copo. — Isso é tão estranho... Eu não sei o que estou fazendo. Eu tenho entregas para fazer... Então ele disse — puxa, você é bonita.

Puxa? Cassie pensou. Poxa. Caramba. Oh, meu Deus.



— Obrigada — ela disse fracamente. E olhou ao redor da sala para obter ajuda.

Não havia ajuda. Faye, parecendo sexy e exalando sensualidade, estava correndo a longa unha carmesim para cima e para baixo na manga do rapaz loiro. Suzan estava afundada no sofá com um admirador em ambos os lados. Deborah estava sentada no braço de uma cadeira estofada, os olhos cerrados e com um tanto de desprezo.

— Posso colocar meu braço em seus ombros? — o garoto de olhos castanhos perguntou hesitante.

Garotos não são brinquedos, Cassie pensou. Mesmo esse que se parecia com um ursinho de pelúcia. Faye tinha trazido esses caras aqui para brincar, e isso estava errado... Não estava? Eles não sabiam o que estavam fazendo, eles não tiveram nenhuma *escolha*.

— Acabei de me mudar para cá no verão passado da Carolina do Sul — o garoto continuou. — Eu tinha uma garota lá... Mas agora estou tão solitário...

Cassie conhecia o sentimento.

Esse era um cara legal, da sua idade, e seus olhos castanhos — embora um pouco vidrados, eram atraentes. Ela não gritou quando ele colocou o braço ao seu redor, onde descansou calorosamente e um pouco sem jeito sobre seus ombros.

Ela sentiu-se tonta, algo sobre o incenso... Ou os cristais, pensou. A música parecia estar pulsando dentro dela. Ela devia estar envergonhada com o que estava acontecendo nesta sala — ela *estava* envergonhada, mas havia algo excitante nisso também.

Algumas das velas tinham se apagado, ficando mais escuro.

O calor em torno dos ombros de Cassie estava bom. Ela pensou na noite de ontem, quando ela queria muito alguém para confortá-la, abraçá-la. Fazer com que ela não se sentisse sozinha.

—Eu não sei porque, mas eu realmente gosto de você — o garoto de olhos castanhos estava dizendo. —Eu nunca me senti assim antes.

Por que não fazer? Ela já estava mal. E ela queria estar perto de *alguém*...

O garoto de olhos castanhos se inclinou para beijá-la.

Foi quando Cassie soube que era errado. Não do mesmo jeito de beijar o Adam, mas errado para *ela*. Ela não queria beijá-lo. Cada partícula de células de seu corpo estava protestando, em pânico. Ela se mexeu debaixo dele como uma enguia e saltou para cima.

Faye e o rapaz loiro também estavam de pé, saindo da sala. Então estava Suzan e seu incomparável par.

— Estamos apenas indo lá pra cima — disse Faye em sua voz rouca. — Há mais quartos lá em cima. Vários quartos, na verdade.

— Não — disse Cassie.

Uma insinuação de carranca apareceu na testa de Faye, então ela sorriu e foi até Cassie, falando em voz baixa. — Cassie, estou decepcionada com você — disse ela. — Depois da sua performance no baile, eu realmente pensei que você fosse uma de nós. E não é quase tão mau como algumas outras coisas que você fez. Você pode fazer o que quiser com esses caras, e eles vão gostar.

— Não — disse Cassie novamente. — Você me disse para vir e eu vim. Mas não quero ficar.

Seus olhos ardiam e ela tinha dificuldade em manter a voz firme.

Faye parecia exasperada.

— Oh, tudo bem. Se você não quer se divertir, não posso te obrigar. Vá.

Cassie foi tomada por alívio. Com um olhar de volta ao garoto de olhos castanhos, ela correu para a porta. Após o sonho na noite passada, ela estava tão assustada... Não tinha certeza do que Faye faria com ela. Mas ela estava fugindo.

A voz de Faye a parou na porta, e ela esperou até que tivesse toda a atenção de Cassie antes de falar.

— Talvez da próxima vez — disse ela.

Toda a pele de Cassie estava formigando quando saiu correndo da casa de Faye.

— Ei, espere um minuto — chamou Deborah, atrás dela.

Relutantemente, Cassie se virou e esperou. Ela estava se preparando

como se fosse levar um golpe.

Deborah chegou rapidamente, o seu passo de luz e controlado como sempre. Seu cabelo escuro estava caindo em ondas em torno de seu rosto pequeno e caído nos olhos. Seu queixo estava ligeiramente rígido, como de costume, mas sua expressão não era hostil.

— Eu estou indo também. Quer uma carona? — disse ela.

Imediatamente as memórias da última "carona" que ela aceitara, passou pela mente de Cassie. Mas ela não gostava exatamente de recusar Deborah. Depois das palavras de despedida de Faye, Cassie estava sentindo algo pequeno, macio e vulnerável, do tipo que poderia ser facilmente esmagado. E, além disso... Bem, não eram muitas as vezes que Deborah fazia uma gentileza dessas.

— Claro, obrigada — disse Cassie, após somente hesitar um pouco. Ela não perguntou se elas deviam estar usando capacetes. Ela não achava que Deborah iria gostar da pergunta.

Cassie nunca havia estado numa motocicleta antes. Parecia maior quando ela estava tentando subir nela do que teria parecido se estivesse apenas parada lá. Uma vez que ela estava em cima da mota, porém, parecia surpreendentemente estável. Ela não estava com medo de cair.

— Agarre-se em mim — disse Deborah. E então, com um barulho incrivelmente alto, elas estavam se movendo.

Era o sentimento mais emocionante — voar através do ar. Como bruxas numa vassoura, Cassie pensou. O vento rugia no rosto de Cassie, agitando o cabelo dela para trás. O vento levou com força o cabelo de Débora aos olhos de Cassie, de modo que ela não pudesse mais enxergar.

À medida que Deborah acelerava, se tornou assustador. Cassie tinha certeza de que ela nunca havia andado tão rápido antes. O vento estava gelado. Elas estavam correndo em direção à escuridão, demasiado rápido para a segurança numa estrada rural. As casas em Crowhaven haviam ficado bem para trás. Cassie não conseguia respirar, não conseguia falar. Tudo era o vento, a estrada e o sentimento de velocidade.

“Eu vou morrer”, Cassie pensou. Ela quase não se importava. Valia a pena morrer por algo tão eletrizante como aquilo. Ela estava certa de que

Deborah não iria conseguir chegar até a esquina seguinte.

— Relaxe! — gritou Deborah, com a voz atrapalhada pelo vento. — Relaxe! Não brigue contra a forma com que estou me inclinando.

“Como se consegue relaxar quando se está mergulhando na escuridão à 160 quilômetros por hora?”, pensou Cassie. Mas então ela descobriu como: você se entrega a isso. Cassie se conformou com seu destino, e deixou que o vento e a velocidade a guiassem. E, magicamente, tudo estava certo.

Ela estava consciente, afinal, que elas estavam voltando à Crowhaven Road, passado a casa de Diana, passado a casa dos outros. Elas ultrapassaram a casa de Cassie e passaram voando pelo lote vago no ponto da pequena península.

A poeira se espalhou pelo ar em ambos os lados. Cassie viu o penhasco se mover com rapidez ao lado dela e pôs sua cabeça nos ombros de Deborah. E então elas estavam se inclinando, estavam retardando, diminuindo de velocidade.

— Então — disse Deborah, quando o mundo se aquietou novamente. — O que você achou?

Cassie ergueu a cabeça e fez com que seus dedos parassem de se agarrar. Cada centímetro dela estava gélido, como se ela estivesse estado num congelador. O seu cabelo estava bagunçado, e seus lábios, ouvidos e nariz estavam entorpecidos.

— Foi maravilhoso — ela ofegou. — Como voar.

Deborah se pôs a rir, pulou da moto e deu um tapinha em Cassie nas costas. E então ela ajudou Cassie, que não conseguia parar de tremer.

— Olhe para cá — disse Deborah, passando por cima da borda do penhasco.

Cassie olhou. Bem lá embaixo, a água escura caiu e se espumou ao redor das pedras. Era um longo caminho lá para baixo.

Mas havia algo bonito, também. Ao longo da curva cinzenta do oceano, uma quase lua-cheia se suspendia, lançando uma indecisa trilha ao longo da água, puro prata na escuridão.

— Parece uma estrada — disse Cassie, suavemente, batendo os

dentes de frio. — Como se você pudesse andar sobre ela.

Ela olhou rapidamente para Deborah, não certa de como a garota motoqueira iria se levar por algo tão fantasioso. Mas Deborah deu um pequeno aceno com a cabeça, com o olhar estreito passando pelo caminho prateado.

— Isso seria o fim. Apenas andar até que você caia na borda. Eu acho que é isso que as bruxas antigas queriam — disse ela.

Cassie sentiu uma onda de calor através da tremedeira. Deborah sentiu o que ela mesma tinha sentido. E agora Cassie entendia porque Deborah andava de moto.

— Acho melhor irmos — disse Deborah abruptamente.

No caminho de volta à motocicleta, Cassie tropeçou, caindo de joelho. Ela olhou para trás e viu que ela havia tropeçado num pedaço de tijolo ou pedra.

— Esqueci-me de te contar; costumava existir uma casa aqui — disse Deborah. — Foi demolida faz muito tempo, mas há alguns pedaços da construção deixados para trás.

— Acho que eu acabei de achar um — disse Cassie.

Limpando o joelho, ela estava começando a se levantar quando notou algo além do tijolo. Era mais escuro que o solo, descansando sobre ele, e ainda brilhava fracamente à luz do luar. Ela o pegou e descobriu que era liso e surpreendentemente pesado. E ele brilhava *mesmo*; refletia a luz do luar como um espelho preto.

— É hematita — disse Deborah, que havia voltado para olhar. — A Melanie disse que é uma rocha poderosa, formada pela força do ferro.

Ela se pôs de joelhos, repentinamente, ao lado de Cassie, ajeitando o cabelo.

— Cassie! É seu cristal!

Uma emoção, que parecia ter vindo da rocha, tomou conta de Cassie. Segurando o pesado pedaço de hematita era como segurar um cubo de gelo, mas todas as coisas que Melanie tinha dito que aconteceria quando ela encontrasse seu próprio cristal estavam acontecendo agora. Cabia na mão dela, como se fosse natural de lá. Ela gostava do peso daquilo.

Pertencia à ela.

Exultante, ela levantou a cabeça para sorrir para Deborah, e na fria luz da lua, Deborah sorriu ferozmente de volta.

Foi quando ela estava deixando Cassie no Número Vinte que ela disse — Eu ouvi que você foi ver o Nick ontem.

— Sim — disse Cassie. Aquele encontro com o Nick na garagem parecia ter ocorrido há um século, não ontem. — Ah, eu não *fui* vê-lo —, ela gaguejou. — Eu só estava andando por aí e...

Deborah deu de ombros.

— De qualquer forma, vou te falar — ele fica com um péssimo humor às vezes. Mas isso não significa que você devia desistir. Tem horas que ele é legal.

Ela se debateu, completamente maravilhada.

— Bom, eu não quis... Quero dizer... Obrigada, mas eu realmente não...

Ela não conseguia encontrar uma maneira de terminar a frase, e Deborah não estava esperando por isso de qualquer forma.

— Tanto faz. Te vejo mais tarde. E não perca aquela pedra!

Com os cabelos negros voando, a garota motoqueira partiu.

No seu quarto, Cassie sentia as pernas fracas de tanta tensão, e ela estava mesmo cansada. Ela deitou na cama por alguns momentos e segurou a hematita na palma da mão, inclinando-a para trás e pra frente, apenas para ver o brilho. “Pela força do ferro”, pensou.

Não era como uma calcedônia rosa, estava não dava nenhuma sensação de calor ou conforto. Mas então a calcedônia rosa, estava toda misturada na mente dela com Adam e seus olhos azuis acinzentados. Diana tinha a pedra rosa agora, e Diana tinha Adam.

E Cassie tinha uma pedra que trouxe uma estranha calma para seus pensamentos, uma calma que parecia ir até seu coração. Pela força do ferro, ela pensou novamente. Ela gostava disso.

— E, então, é nisso que a Cassie acredita, que cada uma das mortes — até mesmo a de Kori — está ligada à caveira, e a formas puritanas de matar pessoas — disse Diana. Ela olhou através do círculo de rostos.

— Agora cabe à nós fazer algo a respeito disso.

Cassie estava observando Faye. Ela queria ver a reação naqueles olhos de ouro quando Diana explicou sobre a energia sombria que tinha escapado durante a cerimônia da caveira, matando Jeffrey. Com toda certeza, quando Diana chegou naquela parte, Faye deu uma olhada em Cassie, mas não havia nada apologético ou com culpado naquilo. Era um olhar intrigado. *Apenas eu e você sabemos*, dizia o olhar. *E eu não vou contar se você não contar*.

Não sou tão idiota assim, Cassie “telegrafou” de volta com raiva, e Faye sorriu.

Era uma noite de domingo e todos eles estavam sentados na praia. Diana não havia conseguido descobrir muito do próprio Livro das Sombras sobre como lidar com objetos diabólicos como a caveira, e ela estava pedindo a ajuda de todos.

Era o primeiro encontro total do Círculo em três semanas, desde o dia em que o senhor Fogle havia sido encontrado morto. Cassie escaneou os rostos acima das jaquetas grossas e suéteres — mesmo nativos da Nova Inglaterra tinham que vestir coisas que aquecessem nesse tempo — e se perguntou o que estava se passando nas mentes das bruxas.

Melanie estava sombria e pensativa como sempre, como se ela não acreditasse nem deixasse de acreditar na teoria de Cassie, mas estava a fim de testá-la cientificamente. Laurel apenas aparentava-se assustada. Suzan estava examinando a costura de suas luvas. Deborah estava franzindo as sobrancelhas, nem um pouco a fim de desistir da ideia de que pessoas de fora haviam matado Kori. Nick — bem, quem poderia dizer o que Nick pensava? Sean estava roendo suas unhas.

Os irmãos Henderson estavam agitados. Por um terrível momento Cassie achou que eles iriam depositar a energia em Adam, culpá-lo por Kori ter sido assassinado. Mas então Doug falou:

— Então por que estamos sentados aqui conversando? Deixa a caveira

comigo, que *eu vou* tomar conta dela — ele disse, mostrando os dentes.

— Sim, deixe o Doug ficar com ela — esbravejou Sean.

— Não pode ser destruída, Doug — disse Melanie pacientemente.

— Ah, é? — disse Chris. — Coloque-a numa bomba caseira e...

— E nada aconteceria. Caveiras de cristal não podem ser destruídas, Doug — repetiu Melanie. — Está tudo na cultura antiga. Você não iria nem mesmo arranhá-la.

— E não há nenhum lugar seguro para guardar isso — Diana disse. — Eu posso até dizer para vocês, eu tenho-a queimado em algum lugar, e ontem eu lancei um feitiço para me dizer se o lugar estava perturbado. É vital que a caveira *fique queimada*.

Cassie tinha uma sensação de mal estar no estômago. Diana estava olhando em volta do grupo, focando em Deborah, Faye e nos irmãos Handerson. Nunca ocorreria a ela olhar para mim, Cassie pensou, e de alguma forma isso a fazer sentir pior ainda.

— Por que não podemos levá-lo de volta à ilha? — disse Suzan, surpreendentemente, mostrando que ela estava ouvindo tudo.

Adam, que estava sentado em silêncio, respondeu com o seu rosto humorístico extraordinariamente mal-humorado.

— Porque a ilha não irá protegê-la mais — ele disse. — Não desde que eu peguei a caveira.

— Tipo uma daquelas tumbas egípcias tomadas por uma maldição — disse Laurel. — Uma vez que você invada a tumba, você não pode refazer o que tinha feito.

O lábio de Adam se contorceu.

— Certo. E nós não somos fortes o suficiente para lançar um novo feitiço de proteção que iria mantê-lo. Essa caveira é do *mal* — disse ele para todos do grupo. — É tão perversa que queimá-la na areia não fará nada além de evitar que ela seja ativada naquele momento. Não há forma de purificá-la — ele olhou para Laurel — E nenhuma forma de destruí-la — ele olhou para Doug e Chris — E nenhum lugar para mantê-la segura. — Ele olhou para Suzan.

— Então o que fazemos? — perguntou Deborah e Sean esbravejou:

— O que fazemos?

— Esquecer sobre isso — Faye sugeriu com um sorriso preguiçoso. Adam a fitou com um olhar sombrio. Diana interveio.

— Adam teve a ideia de procurar pela energia sombria novamente com a ajuda de um pêndulo, procurando por novas pistas — ela disse. Ela se virou para Cassie. — O que você acha?

Cassie afundou as unhas das mãos nas palmas. Se eles rastreassem a energia sombria e se isso os levasse direto de volta à casa de Faye, o lugar onde isso havia recentemente ocorrido... Faye estava olhando para ela bruscamente, esperando-a vetar a sugestão. Mas Cassie tinha uma ideia.

— Eu acho que devíamos fazer isso — ela disse à Diana calmamente.

O olhar de Faye ficou ameaçador, furioso. Mas não havia nada que ela pudesse dizer.

Diana acenou com a cabeça.

— Tudo bem. Nós podemos começar agora. É uma longa caminhada até o cemitério, então eu achei que devíamos tentar ir pela trilha por aqui. Nós vamos sair em Crowhaven Road e ver se não há nada para seguir.

Cassie podia sentir o peito tremer com as batidas do coração à medida que eles andavam fora da praia. Ela colocou uma mão no bolso para sentir o gélido, pesado pedaço de hematita. Força de ferro, isso era o que ela precisava agora.

— Você está maluca? — Faye sussurrou à medida que eles escalavam a ribanceira em direção à estrada. Ela agarrou os braços de Cassie num aperto de punição, segurando-o atrás dos outros. — Você sabe para onde essa trilha vai?

Cassie sacudiu o braço.

— Confia em mim — ela disse laconicamente.

— O que?

Cassie se virou para a garota mais alta.

— Eu disse, confie em mim! Eu sei o que estou fazendo e você não sabe.

E com isso ela começou a escalar novamente. Força de ferro, ela pensou vertiginosamente, impressionada consigo mesmo. Ela ainda achava

difícil respirar quando Diana se levantou no meio de Crowhaven Road — perto do Número Dois, a casa de Deborah — e elevou o cristal de olivina.

Cassie observou-a, sentindo a concentração de todas as mentes ao redor dela. Ela esperou que aquilo girasse em círculos.

E girou — no começo. A corrente girou primeiro de uma forma e depois de outra, como um gira-gira num *playground*. Mas então, para o horror de Cassie, a olivina começou a ir para cima e para baixo na estrada Crowhaven, como uma gangorra. Abaixo, o caminho que eles tinham viajado pela primeira vez, o caminho que eventualmente os levava ao cemitério, e acima, na direção da pequena península.

Na direção de Faye.

As pernas de Cassie pareciam como se estivessem afundando em algodão e ela seguiu o grupo. Faye não tinha nenhum problema em segurar os braços de Cassie. — Eu te falei — ela disse com veemência.

— E agora, Cassie? Se a trilha leva a minha casa, eu não vou me ferrar sozinha.

Cassie cerrou os dentes e se sentiu sufocada.

— Eu achei que não conseguiríamos rastrear isso à nível do solo. Que essa energia vinha através do teto do seu quarto no segundo andar, e não ia para cima. Eu achei que ia ser alto demais para seguir.

— Você obviamente pensou errado — Faye sibilou.

Eles estavam passando a casa vazia no Número Três. Eles estavam passando pela casa de Melanie. A casa de Laurel estava na frente deles, eles estavam passando por ela. A casa de Faye estava a frente. Cassie achou que iria desmaiar. Ela estava quase não consciente que ela estava apertando os braços de Faye tão forte quanto Faye estava apertando o dela. Ela esperou pelo cristal de olivina se desviar e levá-los todos ao degrau da porta da casa de Faye.

Mas Diana estava andando em frente.

Cassie sentiu uma onda violenta de alívio e surpresa. Onde eles estavam indo? Eles estavam passando o Número Sete, outra casa vazia. Passando a casa dos Henderson, passando a casa de Adam, passando a de Suzan. Eles estavam passando a de Sean — ah, Deus, Cassie pensou, nós

não estamos indo para *minha* casa?

Mas eles estavam passando o Número Doze também. Diana estava seguindo o balançar do pêndulo, levando-os ao fim da pequena península.

E então o cristal começou a girar em círculos novamente.

— O que está havendo? — disse Laurel, olhando ao redor em espanto. — O que estamos fazendo aqui?

Adam e Diana estavam olhando um para o outro. Então ambos olharam para Cassie, que veio lentamente na direção da retaguarda do grupo. Cassie encolheu os ombros para eles.

— Esse é o lugar onde o Número Treze costumava ficar — disse Diana. — Certo, Adam? A casa que foi demolida.

— Eu ouvi que ela foi queimada — disse Adam. — Antes de nascermos.

— Não, não foi há tanto tempo assim — disse Melanie. — Foi apenas dezesseis ou dezessete anos atrás — isso é o que eu ouvi. Mas antes disso, havia sido um lote vazio por séculos. Literalmente.

— Quantos séculos? — perguntou Cassie, alto demais. Por alguma razão ela achou os dedos fechados em torno do pedaço de hematita no seu bolso.

Os membros da multidão se viram para ela, olhando-a com olhos que pareciam brilhar fracamente na luz da lua.

— Mais ou menos três — disse Melanie. — Essa foi a casa do John Black. Ninguém viveu aqui depois que ele morreu em 1696.

A hematita queimou contra a palma de Cassie, como um fogo gélido.

— **T**udo isso me parece muito esquisito — falou Laurel, tremendo.

— Mas o que isso *quer dizer*? — perguntou Deborah num tom de desafio.

— É outra ligação com Black John — explicou Adam. — Tirando isso, nada.

— Então é um beco sem saída, como o cemitério — disse Faye, parecendo satisfeita.

Cassie teve a sensação de que eles estavam enganados, mas não conseguia explicar por que, então ficou quieta. Algo mais a preocupava terrivelmente. O pedaço de hematita agora parecia pesado como uma estrela de nêutrons em seu bolso... Ela viera das ruínas da casa de Black John. Pode até ter pertencido a ele. O que significava que ela precisava contar a Diana sobre isso.

As pessoas começaram a dispersar, reunindo-se em pequenos grupos. A reunião, para todos os fins, estava encerrada. Cassie respirou fundo e se aproximou de Diana.

— Não tive a oportunidade de falar com você mais cedo — disse ela.

— Mas quero te contar uma coisa que aconteceu ontem.

— Cassie, não precisa. Eu sei que não foi como a Faye disse.

Cassie piscou, perdendo o equilíbrio.

— O que a Faye disse?

— Não precisamos falar sobre isso. Eu sei que não é verdade.

— Mas o que ela *disse*?

Diana estava pouco à vontade.

— Ela disse... que você foi à casa dela ontem à noite para participar de... Bem, uma espécie de jogo.

— Homem da Pizza — disse Cassie distintamente. Quando Diana a olhou, ela explicou: — A Entrega do Homem da Pizza.

— Sei como se chama — disse Diana. Ela olhava o rosto de Cassie. — Mas tenho certeza de que você nunca...

— *Você* tem certeza? Não pode ter certeza — exclamou Cassie. Era demais; a insistência cega de Diana em sua inocência. Será que Diana não percebia que Cassie era má, era perversa?

— Cassie, eu *conheço* você. Sei que não faria nada desse tipo.

Cassie se sentia cada vez mais agitada. Algo dentro dela se preparava para morder.

— Bem, eu estive lá. E eu fiz isso também. E... — ela se aproximava da origem de sua angústia — você não sabe que tipo de coisas eu posso ou não fazer. Eu já fiz umas coisas...

— Cassie, calma...

Cassie recuou um passo, como se tivesse levado uma picada.

— Eu *estou* calma. Não me diga para me acalmar!

— Cassie, qual é o seu problema?

— Não tenho problema nenhum. Só quero que me deixe em paz!

Os olhos de Diana cintilaram, verdes. Ela estava cansada, Cassie sabia, e ansiosa. E talvez também houvesse chegado a um ponto de ruptura.

— Tudo bem — concordou Diana com um tom ríspido que não era comum em sua voz normalmente gentil. — Vou te deixar em paz então.

— Ótimo — disse Cassie com a garganta inchada e os olhos ardendo. Não queria brigar com Diana, mas toda aquela raiva e dor dentro dela tinham de ir para *algum lugar*. Cassie nunca soube o quanto era horrível as pessoas insistirem que você era boa quando você *não era*.

Seus dedos soltaram o pedaço de hematita e ela a soltou no bolso enquanto se virava e se afastava. Desceu a beira do penhasco para as ondas abaixo.

Faye andou ao lado dela, trazendo um cheiro doce de perfume

almiscarado.

— Me mostra.

— Hein?

— Quero ver o que está no seu bolso, que você anda segurando como se pudesse fugir.

Cassie hesitou, depois lentamente pegou a pedra pesada e lisa.

Ainda de frente para o mar, Faye a examinou.

— Um cristal de hematita. É raro. — Ela o ergueu à luz da lua e riu. — A Melanie já te contou de algumas propriedades mais... incomuns da hematita? Não? Bem, embora pareça preta, se você cortar em lâminas, elas são transparentes e vermelhas. E a poeira que sai da pedra deixa o líquido que esfria a roda de corte vermelho como sangue.

Ela devolveu a pedra a Cassie, que a segurou frouxa, olhando-a. Não importava de onde viesse, agora era o cristal *dela*. Soube disso desde o momento em que o viu. Como poderia abrir mão dele?

— Achei aqui, perto da fundação da casa — disse ela num tom sombrio.

As sobrancelhas de Faye se ergueram. Depois ela se recompôs.

— Hum. Bem... É claro que qualquer um pode ter deixado cair aqui nos últimos trezentos anos.

Uma estranha e excitante sensação de alívio passou por Cassie.

— Sim — disse ela. — É claro. Qualquer um. — Ela recolocou o cristal no bolso. Os olhos dourados e semife-chados de Faye brilhavam para ela e Cassie percebeu que assentia. Não precisava desistir do cristal.

Adam reunia o grupo novamente.

— Só uma coisa antes de todo mundo ir embora — falou ele. Parecia não ter notado o pequeno drama encenado entre Cassie e Diana alguns minutos antes.

— Eu tive uma ideia — disse ele, quando o Clube voltou a se reunir. — Sabe de uma coisa, acabo de perceber que tudo que tem relação com a energia maligna levou à morte, ao que está morto. O cemitério. Aquela figura fantasmagórica que Cassie, Deborah, Nick e eu vimos na rua; até mesmo este lugar... Uma casa em ruínas construída por um morto. E...

bem, o fim de semana que vem é o Samhain. Houve um murmúrio no grupo. Adam olhou para Cassie e disse:

— Sabe, o Halloween. Véspera de Todos os Santos, Véspera de Novembro, como quiser chamar. Mas não importa o nome, é a noite em que os mortos caminham. E eu sei que pode ser perigoso, mas acho que devemos fazer uma cerimónia, ou aqui ou no cemitério, no Halloween. Vamos ver o que podemos invocar. — Ele se virou para Diana. — O que você acha?

Desta vez a resposta foi o silêncio. Diana parecia preocupada, Melanie parecia ter dúvidas, Sean estava francamente apavorado. Doug e Chris com aqueles sorrisos selvagens e Deborah, assentindo com rigor. Faye estava com a cabeça tombada de lado, pensando; Nick, de braços cruzados com uma expressão pétrea. Mas foram Laurel e Suzan que falaram.

— Mas e *a festa*? — disse Laurel.

— Sábado à noite tem a festa de Halloween e eu já comprei meus sapatos — falou Suzan.

— Sempre damos uma festa no Halloween — explicou Melanie a Cassie. — É uma grande data festiva das bruxas. Mas este ano o Halloween cai no sábado e a festa da escola será na mesma noite. Ainda assim — disse ela devagar — não vejo por que não podemos ter as duas coisas. Podemos sair do baile lá pelas 11h30 da noite e ainda teremos muito tempo para uma cerimônia aqui.

— E eu acho que *deve* ser aqui — disse Diana — e não no cemitério. Isso é perigoso *demaís* e podemos invocar mais do que pedimos.

Cassie pensou na sombra que ela e Adam viram no cemitério. De forma um pouco agressiva demais, ela perguntou:

— O que pretende fazer com o que *nós podemos* invocar?

— Falar com eles — disse Adam prontamente. — Nos velhos tempos, as pessoas invocavam os espíritos dos mortos no Halloween e lhes faziam perguntas. Os espíritos têm de responder.

— E o dia em que o véu entre os mundos fica mais fino — esclareceu Laurel. — Os mortos voltam e visitam os parentes vivos. — Ela olhou o grupo. — Acho que devemos fazer a cerimónia.

O Círculo concordou, alguns hesitantes, outros entusiasmados. Mas todos assentiram.

— Muito bem — disse Adam. — Na noite de Halloween, então.

Cassie pensou que era incomum ele assumir a tarefa de líder do coven desse jeito, mas olhou para Diana depois. Ela parecia estar vivendo um turbilhão que mal conseguia manter sob controle. Por um momento Cassie se lamentou por ela, mas depois sua própria infelicidade e conflito a dominaram. Ela saiu da reunião rapidamente, sem falar com Diana.

Esfriou muito nas semanas antes do Halloween, embora as folhas ainda estivessem cor de bronze e carmim. O quarto de Cassie tinha cheiro de cânfora, porque a avó trouxera co bertores velhos do depósito para empilhar em sua cama. A última das ervas fora colhida e a casa estava decorada com flores de outono, calêndulas e áster roxo. Todo dia, depois da aula, Cassie encontrava a avó na cozinha, preparando rios de compota de maçã, até que toda a casa cheirava a polpa de maçã quente, canela e especiarias.

Misteriosamente, apareceram abóboras na varanda dos fundos de todos — mas só Cassie e os Heriderson sabiam de onde vieram.

As coisas não melhoraram com Diana. Uma parte culpada dentro de Cassie sabia o motivo. Ela não *queria* brigar com Diana — embora fosse muito mais fácil não ter de se preocupar com ela o tempo todo. Se nem sempre falasse com Diana, se não fosse à casa dela todo dia, não teria de pensar no quanto ela ficaria magoada se descobrisse a verdade. Os segredos vergonhosos dentro de Cassie não a incomodavam tanto quando Diana estava longe.

Então, quando ela tentou fazer as pazes, Cassie foi educada, mas um pouco fria. Um tanto... distante. E quando Diana perguntou por que Cassie ainda estava chateada, Cassie disse que *não estava* chateada e perguntou por que Diana não deixava as coisas como estavam? Após isso, Diana a deixou em paz.

Cassie sentia que uma concha fria e dura crescia em volta dela.

Pensou no que Deborah disse sobre Nick. *Ele às vezes fica de mau humor, mas isso não quer dizer que deva desistir dele.* É claro que, de jeito nenhum, Cassie voltaria atrás e convidaria Nick de novo. Pelo menos, não havia como a antiga Cassie ter feito isso. Mas agora parecia haver uma nova Cassie, mais forte e mais durona — pelo menos por fora. E ela precisava fazer *alguma coisa*, porque toda noite pensava em Adam e era doloroso; tinha medo do que podia acontecer se fosse à festa sem acompanhante.

Na véspera do Halloween, ela voltou à garagem de Nick.

O esqueleto de carro estava do mesmo jeito. O motor, inteiro, estava pousado numa espécie de mesa sem tampo feita de canos. Nick estava embaixo dela.

Cassie sabia muito bem que desta vez não devia perguntar o que ele fazia. Ela o viu olhar seus pés, viu seu olhar subir. Então saiu de sob a mesa e se levantou.

Seu cabelo preto estava arrepiado devido ao suor e ele enxugou a testa com as costas da mão suja de graxa. Não disse nada, só ficou parado ali, olhando para ela.

Cassie não se deu tempo para pensar. Concentrando toda sua atenção em uma mancha de óleo na camiseta dele, disse rapidamente:

— Vai à festa de Halloween amanhã?

Houve um silêncio muito longo. Cassie olhava a mancha de óleo enquanto Nick a encarava. Ela sentia cheiro de borracha e metal quente, além de graxa e um toque fraco de gasolina. Parecia estar suspensa no ar.

Então Nick falou.

— Não.

Tudo veio abaixo. Foi o que Cassie sentiu, e por algum motivo de repente conseguiu olhar para o rosto de Nick.

— Ah — disse ela monotonamente. Ah, idiota, *idiota*, pensava Cassie. A nova Cassie era tão burra quanto a velha. Nunca devia ter ido ali.

— Em primeiro lugar, não sei por que você quer saber — disse Nick. Depois acrescentou: — Tem algo a ver com o Conant, não tem?

Cassie ficou tensa.

— Adam? Do que você está falando? Por que um convite meu para ir à festa teria a ver com Adam? — disse ela, mas sentia o sangue subir a seu rosto.

Nick assentia.

— Foi o que eu pensei. Você não consegue esquecer. E não quer que ele saiba, então está procurando um substituto, não é? Ou está tentando provocar ciúmes nele?

O rosto de Cassie agora ardia, porém mais quente era a chama de fúria e humilhação dentro dela. Não ia chorar na frente de Nick, *não ia*.

— Desculpe ter incomodado você — disse ela e, sentindo-se constrangida e magoada, virou-se para ir embora.

— Espere aí — chamou Nick.

Cassie continuou andando e chegou à luz dourada do sol de outubro. Seus olhos estavam fixos nas folhas escarlate que desbotavam de um bordo vermelho do outro lado da rua.

— Espera — disse Nick de novo, mais perto. Ele a seguiu até a rua. — A que horas quer que eu te busque?

Cassie se virou e olhou em seu rosto.

Meu Deus, ele *era mesmo* bonito, mas tão frio... Mesmo agora parecia completamente desapaixonado, indiferente. O sol provocava um brilho azulado em seu cabelo escuro e seu rosto era como uma escultura de entalhe perfeito.

— Não quero mais ir com você — disse-lhe Cassie com tristeza e recomeçou a andar.

Ele passou para a frente de Cassie, bloqueando-a sem tocar nela.

— Desculpe por ter falado em tentar provocar ciúme no Conant. É que... — Ele parou e deu de ombros. — Eu não fiz por mal. Não sei o que está havendo e não é mesmo da minha conta. Mas gostaria de ir à festa com você.

Estou tendo uma alucinação, pensou Cassie. Só pode ser. Pensei ter ouvido Nick pedir desculpas... E depois dizer que *gostaria* de ir à festa comigo. Devo estar com febre.

— Então, a que horas eu devo te buscar? — disse Nick outra vez.

Cassie tinha dificuldade para respirar, então sua voz saiu fraca.

— Hum, lá pelas oito está bom. Vamos vestir as fantasias na casa de Suzan.

— Tudo bem. Vejo você lá.

Na noite de Halloween, na casa estilo grego de Suzan, as meninas da Crowhaven Road se arrumavam. Esta noite era diferente da noite do baile da escola. Primeiro, Cassie sabia o que estava fazendo. Suzan lhe ensinara a se maquiar sozinha, e em troca Cassie a ajudaria com sua fantasia.

Todas tomaram banhos com folhas frescas de sálvia; ordens de Laurel, para melhorar os poderes paranormais. Cassie também se banhou em leite de rosas — água de rosas e óleo de amêndoas doces — para amaciar a pele e se perfumar. A avó de Cassie a ajudou a planejar e fazer a fantasia, que consistia principalmente em cortes de gaze fina.

Quando terminou, Cassie se olhou no espelho de Suzan viu uma menina magra como uma chama de vela, vestida i algo que parecia névoa, com uma beleza esquiva e cin-ante. Seu cabelo parecia topázio cacheando-se em volta ! um rosto delicado e, ao olhar de Cassie, sombras rosadas pareceram em sua pele clara.

Ela parecia delicada, atraente e sensual, mas estava tudo

— em, porque estaria com Nick. Colocou perfume atrás das bréchas — não magnético, simplesmente essência de rosas

— e jogou o cabelo para trás. Bem, havia uma certa tristeza «tios olhos azuis de flores silvestres da menina, mas isso não podia ser evitado. Nada ia se curar, nunca.

Ela não usava nenhum cristal para atrair, só a hematita para a força de ferro num bolso por baixo da fantasia.

— O que você é? — disse Deborah, olhando no espelho para Cassie.

— Sou uma musa. E dos gregos antigos; minha avó me mostrou num

livro. Elas não eram deusas, só uma espécie de guias divinos. Inspiravam as pessoas com criatividade

— disse Cassie. Ela se olhou, insegura. — Acho que sou Calíope; ela era a musa da poesia. As outras eram musas da história e essas coisas. Melanie falou:

— As bruxas acreditavam que só existia uma musa antes de se dividir em nove. Ela era o espírito das artes, de todas elas. Então talvez esta noite você seja ela.

Cassie se virou para ver as fantasias das outras. Deborah era uma roqueira, cheia de pulseiras de prata, tachas e couro preto. Melanie era Sofia, o espírito bíblico da sabedoria, com um véu simples sobre o rosto e um xale de estreks prateadas no cabelo.

Suzan aceitou a sugestão de Cassie e se vestiu de Afrodite, a deusa do amor. Cassie tirou a ideia das gravuras de Diana e do livro sobre mitos gregos da avó.

—Afrodite supostamente nasceu do mar—dizia ela agora. — Por isso todas as conchas.

O cabelo de Suzan estava solto nos ombros e seu manto era da cor da espuma do mar. Lantejoulas iridescentes, pérolas e conchas mínimas decoravam a máscara que ela trazia na mão.

Laurel era uma fada.

— Um espírito da *natureza* — disse ela, girando para mostrar asas compridas e curvas de libélula. Usava uma guirlanda de folhas e flores de seda na cabeça.

— Todas estão ótimas — disse uma voz branda e Cassie se virou, perdendo o fôlego. Diana nem tinha se arrumado ainda, ou pelo menos só estava com os trajes cerimoniais, o que usava nos Círculos. Mas parecia envolta em sua própria luz e estava indescritivelmente linda.

Laurel falou em voz baixa no ouvido de Cassie.

— Ela não está debochando, sabe? O Halloween é nossa maior festa mágica no ano. Ela a está honrando.

— Ah — murmurou Cassie. Seus olhos caíram em Faye.

Faye, imaginou Cassie, era uma bruxa. Do tipo que os meninos

temem. Estava com um manto preto de mangas curtas, como uma paródia do manto branco que Diana usava nas reuniões do Círculo. Era aberto nas laterais até o quadril e cortado de modo a mostrar cada curva. O tecido brilhava como seda quando ela andava.

Haveria alguns corações partidos na festa de hoje, pensou Cassie.

A campainha tocou no primeiro andar e todas as meninas desceram em seus trajes leves e vestidos ondulantes para receber os meninos. O Clube iria a esta festa em grupo, da mesma forma que pretendia sair em grupo às Ilh30.

Nick era o acompanhante de Cassie, mas no primeiro momento só o que ela conseguia ver era Adam. Ele estava incrível. As pontas ramificadas de um chifre de cervo brotavam de uma coroa de folhas de carvalho em sua cabeça, e ele usava uma máscara de folhas e frutos de carvalho.

— Ele é Herne, o deus cornífero — disse Melanie. — Meio parecido com Pa, sabe, um deus da natureza. É o deus dos animais também... Por isso ele vai levar Raj.

Raj *estava mesmo* ali, tentando meter o focinho para dar a Cassie uma de suas recepções calorosas e constrangedoras. Adam — ou Herne (agoniava Cassie o quanto ele estava natural com os chifres e as folhas de carvalho) — deteve o

cachorro.

As outras meninas riam das fantasias dos meninos.

— Sean — disse Laurel —, você já é magro sem mostrar todos os seus ossos. — Ele estava vestido de esqueleto.

Chris e Doug tinham estranhos símbolos pintados no rosto; triângulos pretos e vermelhos, raios amarelos. O cabelo comprido dos dois estava mais embaraçado do que nunca.

— Somos Zax — disseram eles, e todos perguntaram “*Quem?*”.

Foi Chris quem respondeu.

— Zax, o mágico. Ele tira cigarros do ar.

— É de um programa de ficção científica que eles viram uma vez — explicou Suzan por fim.

A voz lenta e indolente de Faye se intrometeu.

— E o que você é por acaso, Nick? Um dos homens de preto do MIB?

Cassie olhou para Nick pela primeira vez. Ele não estava fantasiado, só vestia jeans e um pulôver pretos. Estava muito bonito e muito *cool*.

— Eu sou o acompanhante *dela* — respondeu calmamente e, sem olhar outra vez para Faye, estendeu a mão para Cassie.

Faye não pode se importar, pensou Cassie enquanto eles se dirigiam para a fila de carros do lado de fora. Faye não o quer mais; não deve se importar com quem ele vai. Mas havia um fio de mal-estar em seu estômago enquanto ela deixava que Nick a guiasse para o carro dos Armstrong. Deborah e Laurel foram no banco traseiro.

Nas varandas à volta deles, lanternas de abóbora tinham sorrisos ferozes e chamas dançantes nos olhos. Era uma noite de luar de cristal.

— A noite mal-assombrada — disse Laurel do banco de trás. — Esta noite os espíritos se reúnem em todas as janelas e portas, olhando para dentro. Sempre colocamos uma vela branca na janela para guiá-los.

— Ou um prato de comida para alimentá-los, assim eles não tentam entrar — disse Deborah numa voz seca.

Cassie riu, mas havia um tom falso no riso. Ela não queria espíritos olhando por suas janelas. E pelo que Laurel dissera duas semanas antes sobre os parentes mortos voltando para visitar os vivos — bem, Cassie também não queria isso. Não conheceu nenhum de seus parentes mortos, a não ser o pai, e ele não devia estar morto. Em geral, ela preferia deixar os mortos em paz.

Mas o Círculo pretendia fazer exatamente o contrário esta noite.

A decoração do ginásio tinha corujas, morcegos e bruxas voando por luas amarelas e gigantes. Enrolaram papel crepom preto e laranja nas vigas e nas cestas de basquete. Havia esqueletos dançantes, gatos sibilando de dorso arqueado e fantasmas parecendo surpresos nas paredes.

Tudo era divertido e inofensivo. Os alunos comuns que foram fantasiados à festa e bebiam o ponche roxo não tinham ideia das verdadeiras trevas que espreitavam do lado de fora. Nem aqueles que odiavam o Clube sabiam de toda a verdade. Diana e Adam chegaram juntos no que deve ter sido a entrada mais impressionante que a New

Salem High School já testemunhou. Diana, com seu manto branco e simples, o pescoço exposto e os braços parecendo novos como pele de bebê, a auréola de cabelos brilhantes caindo nas costas, parecia um raio de luar que entrou por acaso no ginásio.

E Adam — ele sempre tinha presença, sempre infundia naturalmente o respeito em todos com inteligência suficiente para olhar para ele. Esta noite, como Herne, estava mais atraente do que nunca. Parecia *ser* o deus da floresta, perigoso e malicioso, inspirando assombro, mas não crueldade. Parecia sobretudo selvagem. Não havia nada de domesticado ali; ele pertencia aos espaços abertos, correndo sob as estrelas. Raj ficou ao lado dele, parecendo mais um lobo do que um cão, e nenhum dos recepcionistas disse uma palavra

de protesto.

— Você sabe o que acontece esta noite — murmurou uma voz, um hálito quente no pescoço de Cassie.

— O quê, Faye? — disse Cassie sem se virar.

— Bem, os líderes do coven que representam a deusa Diana e o deus cornífero têm de fazer uma aliança. Eles têm de... — Faye fez uma pausa delicada. — Se fundir, digamos? Para representar a união de homem e mulher primordiais.

— Quer dizer que eles...?

— Pode ser feito simbolicamente—disse Faye com mansidão. — Mas não sei por que acho que Adam e Diana não ficarão só na simbologia, o que você acha?

Cassie ficou petrificada. Seu coração parecia um martelo hidráulico, mas era a única parte dela capaz de se mover. Adam e Diana... Eles *não podiam*. O problema é que podiam, é claro. Diana agora ria para Adam, jogando o cabelo liso e brilhante para trás. E embora Cassie não conseguisse ver os olhos de Adam por trás da máscara, os lábios eram sorridentes.

Cassie se virou, quase esbarrando em Nick, que lhe trazia um ponche, e fugiu correndo para as sombras.

Encontrou um canto escuro sob uma lanterna chinesa que tinha se apagado. Protegida por uma cortina de fitas pretas e laranja, ela ficou ali, tentando se controlar, tentando não ver as imagens que sua mente lhe mostrava.

Quando acordou de seu devaneio, sentiu cheiro de fumaça e da brisa do mar, junto com um aroma indefinível e fraco de animal e folhas de carvalho. Adam.

— Cassie — disse ele. Só isso, como se Herne a estivesse chamando dos sonhos, convidando-a a tirar a máscara no meio da noite e dançar sobre as folhas de outono.

E então, numa voz mais comum, ele falou baixinho:

— Cassie, você está bem? A Diana me falou que...

— Falou o quê? — perguntou Cassie de um jeito que seria violento se sua voz não estivesse tremendo.

— Ela só está preocupada que você não esteja bem.

— Eu estou muito bem! — Cassie se esforçava para impedir que as lágrimas escapassem. — E de qualquer maneira... Estou cansada das

peessoas falando de mim pelas costas. A Faye disse isso, Diana disse aquilo... Estou *cansada* disso.

Ele segurou as mãos de Cassie.

— Eu acho — disse ele numa voz controlada — que você só está cansada e ponto final.

Estou mesmo, pensou Cassie. Estou cansada de ter segredos. E estou cansada de lutar. Se já sou má, vou lutar por quê?

Neste momento, pensar era agir. Antes que soubesse o que estava fazendo, suas mãos se entrelaçaram com as de Adam. *Nem por palavras, olhares ou gestos*; que piada, pensou ela. Já rompemos esse juramento umas mil vezes. Por que não romper de vez? Assim pelo menos ela teria algo de concreto por que lamentar. Assim Diana não o teria primeiro.

Esse era o X da questão. Diana podia ter todo o resto, mas não teria Adam primeiro.

Eu posso fazer isso, pensou Cassie. De repente, sua mente trabalhava com frieza e racionalidade, distante de toda a dor no peito. Adam era vulnerável a ela porque era honroso, porque nunca sonharia que Cassie tramaria para tê-lo.

Se começasse a chorar agora... Se ela se aproximasse dele o bastante para ele abraçá-la, depois relaxasse em seu corpo, deixando-se amolecer em seus braços... Se ela pousasse a cabeça em seus ombros para sentir o cheiro de seu cabelo... Se ela suspirasse e deixasse a cabeça tombar para trás... Ele seria capaz de resistir a beijá-la?

Cassie achava que não.

Havia lugares mais escuros do que este canto. Lugares seguros na escola. A sala de economia doméstica com a tranca que ninguém conseguia arrombar, o depósito onde eram guardados os tapetes de ginástica. Se Adam a beijassem e ela retribuísse o beijo, alguma coisa poderia impedi-los de continuar a partir daí?

Cassie achava que não.

E Diana, a doce, inocente e *idiota* Diana, nunca saberia a diferença. Se Adam dissesse que tinha levado Cassie para uma caminhada a fim de acalmá-la, Diana acreditaria.

Não, não havia nada que impedisse Cassie e Adam... Ex-I ceto o juramento. Como era mesmo? *Que o fogo me queime, que o ar me sufoque, que a terra me devore e a água cubra meu túmulo.* Cassie não tinha medo disso. O fogo já ardia em seu corpo e o ar a sufocava — ela não conseguia respirar. Não havia nada que a detivesse. Ela se aproximou de Adam, a cabeça caindo como uma flor em um caule fino, sentindo as primeiras lágrimas. Ela ouviu a própria respiração estacar e sentiu os dedos dele se apertarem nos dela, preocupado e atento.

— Cassie... Meu Deus... — sussurrou ele. Uma onda feroz de triunfo tomou Cassie. Ele não podia se reprimir. Ia acontecer. *Carvalho e azevinho, f olhas e sarça/ toquem-no com o fogo que me abraça...* O que ela estava fazendo?

Usando magia em Adam? Fazendo-o cair em uma armadilha com palavras vindas de um poço de conhecimento oculto dentro de si? Era errado, indecoroso, e não só porque os membros do Clube não lançavam feitiços um no outro sem serem solicitados.

Era errado por causa de Diana.

Diana, que foi amiga de Cassie quando ninguém mais falava com ela. Que a defendeu contra Faye e toda a escola. Mesmo que agora Cassie não conseguisse ficar perto dela, a lembrança de Diana era como uma estrela brilhando em sua mente. Se traísse isso, trairia tudo o que tinha algum significado.

Má ou não, Cassie não podia fazer aquilo.

Ela afastou as mãos dos dedos fortes de Adam.

— Estou bem — disse, a voz suave e fraca, todos os ossos esmagados.

Ele tentava segurar suas mãos de novo. Era esse o problema da magia, nem sempre se podia deter o que se tinha começado.

— Adam, é sério — disse ela. Então, desesperadamente, acrescentou: — Diana está esperando.

Foi bom pronunciar o nome de Diana. Ele parou por um instante, depois a acompanhou de volta. Herne levando uma ninfa errante de volta ao Círculo. Cassie se aproximou de Laurel, por segurança. Nick não estava à vista. Bem, ela não o culpava.

Diana falava com Sally Waltman, que comparecera e parecia indiferente, apesar da perda de Jeffrey. Isso deixava Adam e Cassie com Laurel, Melanie e seus acompanhantes, Sean e Deborah. Um grupo alegre de bruxas. Perto deles havia um grupo de forasteiros.

Começava uma música lenta. O grupo de forasteiros se separou, indo para a pista. Todos menos uma.

Esta continuou parada ali, isolada, à margem do Clube. Era uma aluna do penúltimo ano que Cassie reconhecia vagamente da aula de francês, uma menina tímida; não era bonita, mas também não era feia. Agora fingia que não se importava de ser abandonada, que não dava a mínima.

O coração de Cassie se condeu por ela. Coitada. Antigamente, Cassie era igual.

— Quer dançar? — Era a voz de Adam, calorosa e simpática; mas ele não falava com Cassie, falava com a forasteira. Seu rosto se iluminou e ela foi com ele feliz da vida para a pista, cintilando as escamas de sua fantasia de sereia. Cassie os viu se afastar com uma pontada.

Mas não de ciúme. De amor — e respeito.

— O *parfit gentil knight* — elogiou Melanie.

— Hein? — disse Cassie.

— É de Chaucer. Aprendemos na aula de literatura inglesa. É o que o Adam é, o perfeito cavaleiro gentil — explicou Melanie.

Cassie pensou nisso por um tempo. Depois se virou para Sean.

— Ei, magrelo, quer sacudir os ossos? — disse ela.

O rosto de Sean se iluminou.

Bem, pensou Cassie enquanto ela e Sean começavam a se mexer no ritmo da música, de uma coisa eu tenho certeza: esta dança *não* era nada semelhante à última. Com Adam, o ginásio parecera um lugar de beleza e encantamento. Agora só o que ela via era papel cortado e canos expostos no alto. Pelo menos Sean-o-esqueleto-fluorescente não tentou puxá-la para mais perto.

Depois da dança, outros meninos se aproximaram dela, mas Cassie foi diretamente a Nick, que havia se rematerializado, e escondeu-se atrás

dele. Pelo menos essa parte de seu plano funcionava — os outros meninos se retiraram. Era estranho ser o que todos queriam e não podiam ter. Nick não perguntou por que ela havia fugido e ela não perguntou para onde ele desaparecera.

Eles dançaram algumas vezes. Nick não tentou beijá-la.

Chegou a hora de ir embora. Depois de se despedirem de seus acompanhantes confusos e ligeiramente indignados, os membros do Clube se reuniram na saída e nem a deusa Afrodite de cabelos arruivados se atrasou. Até os Zax idênticos, brilhando os olhos azuis esverdeados e oblíquos, esperavam junto à porta. Depois todos partiram para o escuro. A lua tinha baixado, mas as estrelas pareciam estar em brasa.

Fazia frio na extremidade do pontal. Eles se sentaram em pedaços da fundação da casa enquanto Deborah e Faye armavam uma fogueira no centro. Outras pessoas pegavam suplementos nos carros. Cassie esperava que todos fossem solenes, mas o Círculo estava num humor festivo, animado pela noite, rindo e brincando, desafiando o perigo do que estavam prestes a fazer em mais ou menos uma hora. Cassie curti a comemoração, sem pensar no futuro.

Havia muita comida. Sementes de abóbora torradas ("Sem sal", disse Laurel), pães de abóbora e biscoitinhos de gengibre assados por Diana, caixas de donuts de chocolate com cobertura de laranja de Adam, uma tigela de doces de Halloween mistos trazida por Suzan, refrigerantes e sidra, e um grande saco de papel que Chris sacudia.

— Avelãs! É! Para a virilidade! — gritou Doug aos outros meninos com um gesto grosseiro.

— A avelã simboliza a sabedoria — disse Melanie com paciência, mas os irmãos Henderson se limitaram a rir com escárnio.

E havia maçãs: verdes, Fuji, gala.

— Maçãs para o amor e a morte — disse Diana. — Especialmente no Halloween. Sabia que elas eram sagradas para a deusa Hera?

— Sabiam que as sementes contêm cianeto? — acrescentou Faye, sorrindo estranhamente. Ela sorria dessa forma para Cassie desde que a vira sair de trás da cortina de fitas com Adam na festa. Agora, inclinada

para pegar um biscoitinho de gengibre, ela murmurou no ouvido de Cassie: — O que houve lá atrás quando ele seguiu você? Aproveitou a oportunidade?

— Não é de bom tom mexer com meninos comprometidos — sussurrou Cassie, cansada, como se explicasse a uma menina de 5 anos.

Faye riu.

— De bom tom? É o que quer em seu epitáfio? "Aqui jaz

Cassie. Ela era... de bom tom"? Cassie virou a cabeça.

— Conheço um feitiço de maçã — dizia Laurel ao grupo. — Você descasca uma maçã numa espiral comprida, depois atira a casca sobre o ombro e, se ela não quebrar, forma a inicial do seu verdadeiro amor.

Eles tentaram isso, sem muito sucesso. As cascas se quebravam, Suzan se cortou com a faca de Deborah, e quando Diana conseguiu atirar uma casca sobre o ombro, só formou uma espiral.

— Bem, pelo menos está consagrada à deusa — disse Laurel, de cenho franzido. — Ou ao Cornífero — acrescentou ela maliciosamente, olhando para Adam.

Cassie tinha quebrado sua casca de propósito; toda essa história de ler a sorte a deixava angustiada. E não só porque Melanie falou com ânimo:

— Antigamente executavam as bruxas por esse tipo de adivinhação no Halloween.

— Eu tenho outra — disse Laurel. — Você atira uma avelã no fogo, diz dois nomes e vê o que acontece. Tipo Su-zan e David Downey — acrescentou ela, travessa. — Se a avelã estourar, eles foram feitos um para o outro. Se não, eles estão condenados.

— Se ele me ama, estoure e corra; se me odeia, queime e morra! — citou Suzan teatralmente enquanto Laurel atirava uma avelã na fogueira. A avelã pequena e redonda só chiou.

— Laurel e Doug. — Chris deu uma risadinha, atirando outra.

— Chris e Sally Waltman! — contra-atacou Doug.

— Cassie e Nick!

Deborah atirou uma, sorrindo, mas Faye visivelmente não sorria.

— Adam... — disse ela, segurando a avelã no alto entre as unhas

vermelhas e compridas, esperando ter a atenção de todos. Cassie a encarou, equilibrada na beira de seu tijolo. — ... e Diana — falou Faye por fim, jogando a avelã nas chamas.

Cassie, hipnotizada, observou a avelã nas brasas reluzentes. Não queria olhar; mas precisava.

— Existe um monte de outras tradições de Halloween — continuava Laurel. — É a hora de lembrar dos antigos, das pessoas que chegaram ao inverno de suas vidas... Ou assim dizia minha avó Quincey.

Cassie ainda olhava a avelã. Parecia dançar... mas será que ia estourar?

— Está ficando tarde — disse Adam. — Não acham que devemos começar?

Diana limpou os farelos de pão de abóbora das mãos e se levantou.

— Sim.

Cassie só tirou os olhos da fogueira por um instante, mas nesse momento houve um som de tiro. Duas ou três avelãs explodiram ao mesmo tempo e Cassie não conseguiu ver aquela que Faye havia atirado. Tinha estourado — ou ela perdeu seu rastro. Cassie não sabia.

Um segundo depois ocorreu-lhe o que tinha acontecido com a avelã de Deborah — para Cassie e Nick. Mas ela não sabia também.

— Muito bem — disse Diana. — Este será um tipo diferente de círculo. Será mais poderoso do que qualquer coisa que tenhamos usado antes, porque precisamos de mais proteção do que nunca. E vai exigir a ajuda de todos. — Depois disso ela lançou um olhar sério a Faye, que respondeu com um de completa inocência.

Cassie viu Diana traçar um círculo dentro da fundação em ruínas com sua faca de cabo preto. A fogueira estava no meio. Todos agora estavam sérios, os olhos seguindo o risco da faca, que cortava a terra, traçando um anel quase perfeito com uma única abertura no canto nordeste.

— Entrem todos, então vou fechar — disse Diana. Todos se colocaram dentro do círculo e se sentaram no perímetro. Só Raj ficou de fora, olhando ansiosamente e ganindo um pouco.

— Depois disso — prosseguiu Diana, fechando a abertura com um

movimento da faca — ninguém sai da proteção do círculo. O que vamos invocar aqui será perigoso, mas o que estará lá fora será ainda pior.

— Perigoso como? — disse Sean, nervoso. — O que está dentro, quero dizer.

— Ficaremos em segurança desde que não nos aproximemos do fogo nem toquemos nele — explicou Diana.

— Por mais forte que seja o espírito, ele não será capaz de se separar do fogo que usamos para invocá-lo. Muito bem — acrescentou ela de forma animada —, agora vou apelar à Sentinela do Leste. Poderes do Ar, protejam-nos!

De frente para o céu escuro e com o mar a leste, Diana ergueu um incenso aceso e o soprou para o lado leste do círculo.

— Pensem no ar! — disse ela aos membros do coven, e Cassie não só pensou nele como o sentiu, ouviu-o. Começou com uma brisa suave soprando do leste, mas ganhava intensidade. Tornou-se uma lufada, um vento ruidoso que batia no rosto de todos, soprando o cabelo comprido de Diana para trás como uma bandeira. Então mudou de rumo, fluindo pela circunferência do círculo, cercando a todos.

Diana tirou um graveto incandescente da fogueira e o levou para a frente de Cassie, que estava sentada no lado sul do círculo. Agitando o graveto sobre a cabeça de Cassie, ela disse:

— Agora estou apelando à Sentinela do Sul. Poderes do Fogo, protejam-nos!

Ela não precisou dizer *pensem no fogo*. Cassie já sentia o calor irradiando de suas costas; podia imaginar o pilar de chamas irrompendo atrás dela. Ele disparava em círculos como faísca pela pólvora, formando uma circunferência de chamas pouco além do círculo do vento.

Não é real, lembrou Cassie a si mesma. São apenas símbolos que estamos visualizando. Mas eram símbolos que pareciam tremendamente concretos.

Diana se mexeu de novo. Mergulhando os dedos, em um copo de papel, borrifou água pelo perímetro oeste, entre Sean e Deborah.

— Apelo à Sentinela do Oeste. Poderes da Água, protejam-nos!

Uma onda verde fantasma, de crista cada vez mais alta. A onda fluiu ao redor, envolvendo o círculo com uma muralha de água.

Por fim, Diana virou para o norte, ficando de frente para Adam, e espalhou sal pela linha norte.

— Sentinela do Norte — disse ela numa voz que tremia um pouco e mostrava o quanto isso exigia dela. — Poderes da Terra, protejam-nos!

O chão rugiu embaixo deles.

Isso pegou Cassie desprevenida, e o restante do grupo ficou ainda mais assustado. Não estavam acostumados com terremotos na Nova Inglaterra, mas Cassie era da Califórnia. Ela viu que Sean estava prestes a se levantar.

— Deborah, segure o Sean! — gritou ela.

Num instante, a motoqueira tinha agarrado Sean e o impedia à força de fugir. Os tremores ficaram cada vez mais violentos — e então, com um ruído de trovão, o chão se di vidiu. Um abismo se abriu em volta do círculo, emitindo um cheiro forte e sulfuroso.

Não é real, não é real, Cassie lembrava a si mesma. Mas ao seu redor ela via os fantasmas dos quatro elementos que Diana invocara, dispostos um depois do outro. Um círculo de vento furioso, depois um anel de fogo, em seguida uma muralha de água do mar, por fim um abismo na terra. Nada fora dali podia ultrapassar essas fronteiras — e Cassie sabia que nada dentro do círculo conseguiria sair em segurança.

Trémula, Diana foi se sentar em seu lugar, entre Nick e Faye.

— Muito bem — disse ela, quase num sussurro. — Agora vamos todos nos concentrar no fogo. Olhem dentro dele e deixem que a noite faça o resto. Vamos ver se surge alguma coisa que fale conosco.

Os olhos de Cassie se moveram para Melanie, ao lado dela.

— Mas se estamos protegidos do que está lá fora, quem vai falar conosco? — murmurou ela.

— Alguma coisa *daqui* — cochichou Melanie, olhando a terra árida dentro do círculo. Dentro das fundações da casa.

— Ah.

Cassie fitou as chamas, tentando clarear a mente, abrir-se ao que

estivesse tentando atravessar o véu entre o mundo invisível e este. Esta era a noite e a hora.

O fogo começou a soltar fumaça.

Só um pouco no início, como se a madeira estivesse úmida. Mas a fumaça ficou mais escura — ainda era transparente, porém mais escura. Fluía para o alto e ficou suspensa numa massa nebulosa acima da fogueira.

Então começou a mudar.

Girava, inchando, como nuvens de tempestade se juntando. Ao olhar de Cassie, com a respiração presa na garganta, começou a se moldar, a assumir uma forma. A forma de um homem.

Pareceu se formar de cima para baixo e usava roupas antigas, como se saído de um livro de história. Um chapéu de copa alta e aba dura. Um manto ou capa que pendia dos ombros largos, e um colarinho de linho largo e duro. Calças curtas presas abaixo dos joelhos. Cassie pensou distinguir sapatos de bico quadrado, mas às vezes as pernas se misturavam na fumaça da fogueira. Uma coisa ela notou: a figura esfumaçada nunca se desprendia da fogueira, à qual estava ligada por um fio ténue.

O homem flutuou ali, imóvel a não ser por redemoinhos dentro dele mesmo.

Depois vagou na direção de Cassie.

Era ela que parecia estar diretamente em frente à figura. Um pensamento súbito lhe veio. Quando Adam pegou a caveira de cristal na mochila na praia, a coisa parecia olhar diretamente para ela. E novamente — na cerimónia da caveira, ela se lembrou. Quando Diana puxou o tecido que o cobria, aquelas órbitas vazias pareciam estar olhando nos olhos de Cassie.

Agora a coisa a olhava da mesma maneira.

— Devemos lhe fazer uma pergunta — disse Melanie, mas mesmo sua voz calma vacilava. Havia um ar de ameaça na forma nebulosa, de maldade. Como a energia maligna dentro da caveira, só que mais forte. Mais iminente.

Quem é você?, pensou Cassie, mas sua língua estava paralisada, e, de qualquer maneira, ela não precisava perguntar. Não tinha dúvida nenhuma

de quem era a forma diante dela.

Black John.

E então veio a voz de Diana, clara e cuidadosamente calma.

— Nós o convidamos aqui porque encontramos um objeto seu — disse ela. — Precisamos saber como controlá-lo. Pode falar conosco?

Não houve resposta. Cassie pensou que a coisa se aproximava dela, mas talvez fosse só uma ilusão.

— Estão acontecendo coisas terríveis — disse Adam. — Elas precisam ser detidas.

Não era ilusão. Estava se aproximando dela.

— *Você* está controlando a energia maligna? — perguntou Melanie abruptamente, e a voz de Laurel se misturou a dela:

— Você está morto! Não tem o direito de interferir com os vivos.

— Qual é o seu problema afinal? — perguntou Deborah.

Rápido demais, pensou Cassie. Gente demais fazendo perguntas. A figura se aproximava de constantemente. Cassie se sentiu paralisada, como se corresse um perigo que ninguém mais via.

— Quem matou Kori? — rosnava Doug Henderson.

— Porque a energia maligna nos levou ao cemitério? — perguntou Deborah em seguida.

— E o que aconteceu com Jeffrey? — acrescentou Suzan.

O fio de fumaça que conectava a forma à fogueira estava esticado ao máximo, e o homem se encontrava bem na frente de Cassie. Ela estava com medo de olhar aquela face nebulosa e indistinta, mas precisava ver. Em seus contornos ela pensou reconhecer o rosto que vislumbrou dentro da caveira de cristal.

Levante-se, Cassie.

As palavras não eram reais, estavam na sua mente. E tinham algum poder sobre ela. Cassie se sentiu mudar de posição, começando a levantar.

Venha a mim, Cassie.

Os outros ainda faziam perguntas e Cassie ouvia um latido fraco ao longe. Porém muito mais alta era a voz em sua mente.

Venha, Cassie.

Ela se levantou. A sombra em turbilhão parecia agora menos transparente. Mais sólida. Estendia a mão sem forma.

Cassie estendeu a própria para segurá-la.



— Cassie, não!

Mais tarde Cassie soube que foi Diana quem gritou. Na hora as palavras lhe chegaram apenas através de uma névoa e soaram baixas e arrastadas. Nada significavam, assim como o latido enlouquecido e contínuo que vinha de algum lugar ao longe. As pontas dos dedos de Cassie roçaram as pontas de dedos negros e transparentes diante dela.

Na hora, ela sentiu um solavanco, como o arrepio que a hematita lhe provocara. Ela levantou a cabeça, chocada, olhando de sua própria mão para o rosto esfumaçado, e então reconheceu...

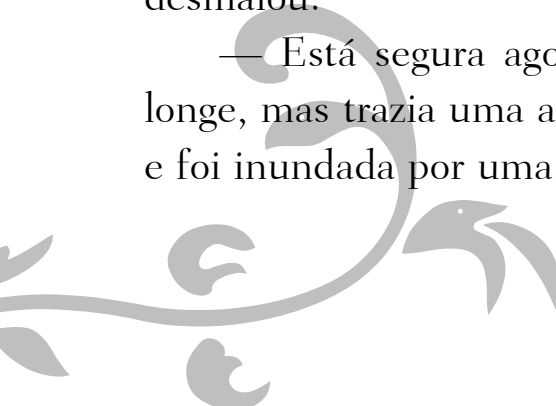
Depois tudo se espatifou.

Houve um barulho de água e gotas geladas espirraram da cabeça aos pés de Cassie. No mesmo instante ouviu-se o silvo de brasas vermelhas sendo subitamente ensopadas. O homem de fumaça mudou, mingando, dissolvendo-se, como se estivesse sendo sugado de volta à fogueira, a qual agora não passava de uma massa preta e molhada de gravetos carbonizados.

Adam estava de pé, do outro lado do círculo, segurando um cooler, cujo conteúdo tinha apagado o fogo. Raj estava atrás dele, com o pelo eriçado e os dentes à mostra.

Cassie olhou da própria mão estendida para os olhos arregalados de Adam. Ela se sentiu vacilar. Depois tudo pareceu ficar mole e cinza, e ela desmaiou.

— Está segura agora. Fique deitada. — A voz parecia vir de muito longe, mas trazia uma autoridade gentil. Diana, pensou Cassie vagamente, e foi inundada por uma forte saudade. Queria segurar a mão dela, mas era



muito difícil se mexer ou tentar abrir os olhos.

— Aqui está a água de lavanda — veio outra voz, mais leve e acelerada. Laurel. — Passe aqui, assim...

Cassie sentiu algo frio na testa e nos pulsos. Um cheiro doce e limpo clareou um pouco sua cabeça.

Agora ouvia outras vozes.

— ...talvez, mas ainda não sei como Adam fez isso. Eu não pude me mexer... Parecia que estava congelada. — Essa era Deborah.

— Eu também! Como se tivesse grudado no chão. — Sean.

— Adam, *por favor*, sente-se para Laurel dar uma olhada em você. Está machucado. — A voz era de Melanie, e de repente Cassie conseguiu abrir os olhos. Sentou-se, fazendo um pano frio e molhado cair da testa para seu colo.

— Não, não... Cassie continue deitada — disse Diana, tentando empurrá-la de volta. Ela olhou para Adam.

O cabelo maravilhoso e desgrenhado dele estava arrepiado. A pele tinha se avermelhado, como um esquiador com sérias queimaduras de vento, e as roupas pareciam tortas e molhadas.

— Eu estou bem — dizia ele a Melanie, que tentava fazê-lo sentar numa cadeira.

— O que houve? Onde estamos? — perguntou Cassie. Estava deitada num sofá numa sala de estar surrada que sabia que devia reconhecer, mas se sentia confusa.

— Trouxemos você para a casa de Laurel — disse Diana. — Não queríamos assustar sua mãe e sua avó. Você desmaiou. Mas Adam salvou sua vida.

— Ele passou através dos quatro círculos de proteção — disse Suzan, com um nítido tom de reverência na voz.

— Idiota — comentou Deborah. — Mas impressionante. E então veio a voz arrastada e indolente de Faye.

— Acho que foi uma atitude tremendamente devotada. Houve uma pausa de surpresa. Depois Laurel falou.

— Ah, bem, você conhece o Adam e seus deveres. Acho que ele é

devotado a isso.

— Eu teria feito o mesmo... e Doug também... se a gente conseguisse se levantar — insistiu Chris.

— E se tivessem pensado nisso... Coisa que vocês não fariam — disse Nick secamente, com certa severidade. Sua expressão era sombria.

Cassie via Laurel passar uma toalha molhada nas mãos e no rosto de Adam.

— Isso é aloé e casca de salgueiro — explicou Laurel. —

Vai evitar que as queimaduras piorem.

— Cassie — chamou Diana gentilmente —, lembra o que aconteceu antes de desmaiar?

— Hum... Vocês estavam fazendo perguntas... Perguntas demais. E depois... Não sei, uma voz começou a falar na minha cabeça. A coisa me encarava... — Cassie teve um pensamento repentino. — Diana... Na cerimônia da caveira na sua garagem, sabe quando você tirou o pano de cima da caveira? — Diana assentiu. — Ele estava virado de frente para algum ponto por baixo do tecido?

Diana ficou assustada.

— Na verdade, houve uma coisa ali que me preocupou. Eu coloquei a caveira de frente para mim no círculo... Mas quando tirei o tecido, ele estava virado para outro lado.

— Para mim — disse Cassie. — O que quer dizer que ou alguém mexeu nele... ou ele se mexeu sozinho. — Elas se olhavam, confusas e inquietas, mas comunicando-se. Cassie se sentia mais próxima de Diana do que em semanas. Agora era hora de fazer as pazes, pensou ela. — Diana — começou ela, mas então percebeu uma coisa.

A máscara de chifres e folhas de carvalho de Adam estava numa cadeira ao lado dela, e sua mão magra estava pousada sobre ela. Acariciando-a, procurando conforto. Era um gesto inconsciente... e inteiramente revelador. Um jato de ressentimento atravessou o coração de Cassie. Herne e a deusa Diana; eles pertenciam um ao outro, não é? E Diana sabia disso. Naquela noite, eles provavelmente fariam a pequena cerimônia sobre a qual Faye falara.

Cassie levantou a cabeça e viu que Faye a olhava, os olhos dourados caídos e irônicos. Ela abria um leve sorriso.

— O quê? — dizia Diana. — Cassie?

— Nada. — Cassie olhava o tapete violeta puído no piso de madeira. — Nada. Estou bem agora — acrescentou ela.

Era verdade, a desorientação quase passara. Mas a lembrança do rosto esfumaçado ainda estava com ela.

— Que jeito de terminar nosso Halloween — disse Laurel.

— Devíamos ter ficado na festa — comentou Suzan, sentando-se e cruzando as pernas. — Não aprendemos nada... e Cassie se machucou — acrescentou ela depois de pensar por um momento.

— Na verdade, aprendemos uma coisa. Que o fantasma de Black John ainda está por aqui... E que é malévolo — disse Adam. — Óbvio que não ia responder a nenhuma de nossas perguntas.

— E ele é forte — afirmou Diana. — Forte o suficiente para influenciar a todos nós, para não deixar que nos mexêssemos. — Ela olhou para Cassie. — Menos Cassie. Por que será?

Cassie sentiu-se desconfortável e deu de ombros.

— Não importa a força que ele tem — disse Melanie. — O Halloween termina daqui a algumas horas e então ele não terá qualquer poder.

— Mas ainda não sabemos nada sobre a caveira. Ou sobre Kori — disse Doug, incomunmente sério.

— E eu acho que sequer sabemos se Black John é... como você disse, Adam? Malévolo. — Veio a voz rouca e baixa de Faye. — Talvez ele só não estivesse com vontade de conversar.

— Ah, não seja ridícula — começou Laurel.

Antes que estourasse uma discussão, Diana interrompeu.

— Olha, é tarde e estamos todos cansados. Não conseguiremos resolver nada esta noite. Se Cassie está mesmo bem, acho que devemos todos ir para casa e descansar um pouco.

Houve uma pausa e todos assentiram.

— Podemos conversar na escola... Ou no aniversário de Nick —

sugeriu Laurel.

— Eu levo Cassie para casa — disse ele à porta.

Cassie olhou para Nick rapidamente. Ele não dissera muita coisa enquanto ela estava deitada no sofá — mas estava ali. Veio com os demais para saber se estava tudo bem.

— Então Deborah pode ir comigo — disse Melanie. — Ela pegou carona com você, não foi?

— Pode me levar também? Estou muito cansada — disse Diana, e Melanie assentiu tranquilamente.

Cassie mal percebeu o resto das despedidas. Notava que Adam estava saindo em seu Jeep Cherokee, indo para o norte, e Diana ia com Melanie e Deborah, para o sul.

Não vai haver cerimônia Herne-e-Diana esta noite, pensou Cassie, tomada por uma onda de alívio. Alívio... e certa alegria cruel. Era errado, era ruim... Mas foi o que sentiu.

Ao entrar no carro de Nick, ela viu Faye sorrindo com as sobrancelhas erguidas e, antes que se desse conta, sorriu também.

Quando saía de casa no dia seguinte, Cassie ficou paralisada de choque. Os bordos-açucareiros do outro lado da rua tinham mudado. As cores ardentes do outono que a lembravam do fogo não estavam mais lá. Assim como as folhas. Cada galho estava despido.

Parecia um esqueleto de Halloween.

— O Nick não vai deixar que a gente faça muita coisa para o aniversário dele amanhã — disse Laurel. — Queria planejar uma festa surpresa de verdade para ele. Deborah bufou.

— Ele iria embora na hora.

— Eu sei. Bem, vamos tentar pensar em alguma coisa que ele não ache infantil demais. E — Laurel se iluminou

— podemos compensar nos outros aniversários.

— Que outros aniversários? — disse Cassie.

Todas as meninas do Clube a olharam. Estavam sentadas na sala dos fundos do refeitório, tendo uma reunião especial enquanto os meninos mantinham Nick longe.

— Quer dizer que você não sabe da temporada de aniversários? — perguntou Suzan, incrédula. — A Diana não te contou?

Diana abriu e fechou a boca. Cassie imaginou que ela não sabia como dizer que as duas não andavam se falando muito, pelo menos não em particular.

— Vamos ver se consigo lembrar de todos — disse Faye com um riso baixo, olhando o teto. Começou a contar nos dedos de unhas compridas e escarlate. — Nick no dia 3 de novembro. Adam em 5 de novembro. Melanie em 7 de novembro. O meu... Ah, sim, de Diana também... no dia 10 de novembro...

— Está brincando? — interrompeu Cassie.

Laurel balançou a cabeça enquanto Faye continuava sem se abalar.

— Chris e Doug em 17 de novembro. Suzan no dia 24 e Deborah no dia 28. Laurel em, hum...

— Primeiro de dezembro — disse Laurel. — E Sean em 3 de dezembro; pronto.

— Mas isso... — A voz de Cassie falhou. Ela não conseguia acreditar. Nick era só um mês mais velho do que Sean? E todas as bruxas eram oito ou nove meses mais velhas do que ela? — Mas você e Sean são do penúltimo ano, como eu — disse ela a Laurel. — E meu aniversário é no dia 23 de julho.

— Nós perdemos a data de matrícula — explicou Laurel. — Todo mundo que nasceu depois do dia 30 de novembro precisou esperar mais um ano para ir à escola. Tivemos de ver todo mundo indo para o jardim de infância enquanto ficávamos em casa. — Ela enxugou lágrimas imaginárias.

— Mas ainda assim... — Cassie não conseguia se expressar. — Não acha que é inacreditável? Todos vocês nascendo no intervalo de um mês?

Suzan mostrou covinhas maliciosas.

— Foi um mês de abril muito úmido. Nossos pais ficaram dentro de casa.

— Parece mesmo estranho, admito — disse Melanie. — Mas o fato é que a maioria de nossos pais se casou na primavera anterior. Então não é

assim tão surpreendente.

— Mas... — Cassie ainda achava surpreendente, embora claramente todos os integrantes do Clube estivessem tão acostumados que não pensavam mais nisso. E por que eu não me encaixo no padrão?, pensou ela. Acho que é porque sou meio forasteira. Ela deu de ombros. Melanie devia ter razão; de qualquer modo, não tinha sentido se preocupar com isso. Ela deixou o assunto de lado e eles voltaram a planejar a festa de Nick.

Finalmente decidiram juntar todos os aniversários daquela primeira semana — os de Nick, Adam e Melanie — e dar uma festa no sábado, 7 de novembro.

— E — disse Laurel enquanto elas explicavam seus planos aos meninos — este será realmente diferente. Não perguntem agora... mas será único.

— Hum, não é nada com comida saudável, é? — perguntou Doug, desconfiado.

As meninas se olharam e reprimiram o riso.

— Bem... É saudável... Ou pelo menos assim as pessoas pensam — disse Melanie. — Terá de esperar para ver.

— Mas vamos morrer congelados — disse Sean, apavorado.

— Não com isso. — Laurel riu. Ela levantou a garrafa térmica.

— Laurel. — Adam tinha dificuldades para reprimir o riso. — Não me importa o quão quente esteja isso aí dentro... Não vai nos manter aquecidos ali.

Uma lua prateada, um pouco maior que a meia lua, brilhava sobre o mar, negro como obsidiana. Era para o mar que Adam apontava.

— Não é Ovo maltine — disse-lhe Deborah com impaciência. — E algo que nós preparamos.

Os cinco meninos estavam de frente para as meninas, que faziam fila atrás de Laurel. Havia uma fogueira na praia, mas, àquela distância, nada atenuava o vento gelado.

— É óbvio que eles não vão acreditar em nós — disse Faye.

— Acho que vamos ter de mostrar a eles — acrescentou Diana.

Laurel passou a garrafa térmica pelo grupo. Cassie respirou fundo e tomou um gole. O líquido era quente e tinha gosto medicinal — como um dos chás de ervas mais desagradáveis de Laurel —, mas no instante em que o engoliu um calor formigou por ela. De repente não precisava mais do suéter volumoso. Estava absolutamente quente na praia.

— Ao mar, os místicos — disse Melanie. Cassie não sabia bem o que significava mas, como as outras meninas, de ré-i pente se livrava das roupas desnecessárias. Os meninos riam.

— Eu quero uma festa de aniversário assim — disse. Sean rapidamente enquanto Faye abria o zíper do casaco vermelho. — Tá? Tá? Eu quero...

Os meninos ficaram meio decepcionados quando perceberam que as garotas tinham trajes de banho por baixo.

— Mas o que nós vamos fazer? — disse Adam, cheirando a garrafa térmica e sorrindo para as meninas de biquíni.

— Bem... — Faye sorriu. — Você pode improvisar.

— Ou — acrescentou Diana — pode olhar atrás da pedra grande. Talvez haja uma pilha de sungas ali.

— Ora, isso é mesmo diferente — disse Laurel, feliz, enquanto boiava na água até o queixo com Cassie algum tempo depois. — Uma festa na praia à meia-noite em pleno novembro. Isso é bruxesco.

— Seria mais bruxesco se estivéssemos todos pelados — comentou Chris, sacudindo a cabeça loura e desgrenhada como um cachorro molhado.

Cassie e Laurel se entreolharam, depois para Deborah, que boiava perto delas.

— Boa ideia — disse Deborah, assentindo para as outras meninas. — Que tal você primeiro, Chris?

— Peraí um pouquinho... Eu não quis dizer... Ei, Doug... socorro!

— Vamos, meninas — gritou Laurel. — O Chris quer nadar pelado, só que é meio tímido.

— Socorro! Cara, me ajuda!

Acabou sendo uma combinação de pique-pega e luta aquática. Todos

participaram. Cassie se viu sendo persegui-la por Nick e fugiu, chutando água para todo lado enquanto cortava as ondas atrás dela. Ele se aproximou o suficiente para agarrá-la.

— Socorro! — gritou Cassie, meio rindo, engolindo acidentalmente um pouco de água salgada. Mas não havia socorro algum à vista. Laurel e Deborah partiam num ataque os irmãos Henderson, e Adam e Diana estavam longe, as becas molhadas juntas ao balanço do mar.

Nick tirou dos olhos o cabelo molhado — mais negro do que o ônix à luz da lua — e sorriu para ela. Cassie nunca o vira sorrir.

— Renda-se — sugeriu ele.

— Nunca — disse Cassie, com a maior seriedade que conseguiu invocar enquanto a marola se quebrava nela. Nick era mesmo lindo, mas ela não queria que ele a agarrasse ali. Ele tentou pegá-la de novo e Cassie outra vez pediu ajuda aos gritos, então de repente uma onda surgiu entre eles.

— Anda! Sai daqui! — disse Faye. Seus olhos brilhavam de malícia sob os cílios longos e molhados. — Ou vamos ter que obrigar você? Cassie, pegue-o pelo pescoço enquanto eu tiro a sunga dele!

Ela não sabia como segurar um cara forte como Nick pelo pescoço, especialmente enquanto ria tanto, mas atacou. Faye mergulhou feito um golfinho e Nick girou e fez uma retirada apressada, nadando para longe o mais rápido que pôde.

Cassie olhou para Faye e descobriu que ela sorria torto para ela. Cassie abriu um sorriso duro.

— Obrigada — agradeceu ela.

— Disponha — disse Faye. — Sabe, é bom fazer coisas pelos amigos. E somos amigas, não somos, Cassie?

Ela pensou no assunto, mexendo-se no mar prateado.

— Acho que sim — respondeu finalmente, devagar.

— Que bom. Porque, Cassie, vai chegar uma hora que vou precisar de todos os meus amigos. Na terça, quando a lua estiver cheia, o Círculo terá uma reunião.

Cassie assentiu, sem entender por um momento. E claro que eles

teriam uma reunião. E outra festa; era o aniversário de Faye e Diana. As duas iam fazer 17 anos...

— A eleição da liderança! — exclamou Cassie, tomando de novo um gole involuntário de água. Ela olhou para Faye com uma apreensão súbita e terrível. — Faye...

— É isso mesmo — disse Faye. Ao luar, ela parecia uma sereia, flutuando sem esforço algum. Sua cabeleira gloriosa pendia ensopada nas costas como algas trançadas. Os olhos estavam fixos em Cassie. — Quero ser a líder deste coven, Cassie. Eu serei a líder. E você vai me ajudar.

— Não.

— Vai. Porque desta vez estou falando sério. Andei facilitando para você, deixando que seguisse sua vida, não te obriguei a seguir as regras. Mas agora acabou, Cassie. Esta é a única coisa que eu quero mais do que tudo no mundo, e você vai me ajudar. Se não... — Faye olhou para trás em direção a Adam e Diana, que ainda boiavam, longe delas. Depois se virou de novo.

— Se não, eu vou fazer aquilo — disse ela. — Vou contar a Diana... E não só dos amassos no penhasco. Vou contar sobre você e Adam se beijando no baile da escola... Acha que ninguém viu? E o verdadeiro motivo pelo qual Adam passou por quatro círculos de proteção para te salvar no Halloween. E — ela flutuou para mais perto de Cassie, fixando nela os olhos dourados e que não piscavam, como os de um falcão — vou contar a ela sobre a caveira. Que você o roubou e deu a mim, e assim acabamos matando Jeffrey.

— Não foi o que aconteceu! Se eu soubesse, nunca deixaria que você o pegasse...

— Tem certeza, Cassie? — Faye sorriu, um sorriso lento de conspiração. — Bem no fundo, acho que você e eu somos iguais. Nós somos... irmãs em espírito. E se não votar em mim na terça, vou contar a verdade sobre você a todo mundo. Vou contar a eles como você realmente é por dentro.

Má, pensou Cassie, olhando o mar. Refletia a lua como um espelho, como um pedaço de hematita, e a cercava. Ela não conseguiu dizer nada.

— Pense bem, Cassie — disse Faye num tom agradável.
— Tem até a terça à noite para decidir. — Então nadou para longe.

Era noite de terça-feira.

A lua cheia estava bem alta, o círculo tinha sido traçado. Os membros do Clube se sentavam em volta dele. Diana, que usava todos os símbolos da Rainha das Bruxas, apelara aos quatro elementos para protegê-los, mas agora estava em silêncio. Era Melanie quem promovia a votação, do mais velho ao mais novo.

— Nicholas — chamou ela.

— Eu já falei — disse Nick. — Não vou votar. Estou aqui porque vocês duas insistiram — ele olhou de Faye para Diana —, mas me abstenho.

Com uma sensação estranha de irreabilidade, Cassie olhou seu rosto bonito e frio. Nick se abstinha, por que não ela? Mas Cassie sabia que isso nunca satisfaria Faye, a não ser que já tivesse vencido. E Cassie não sabia ainda como votaria esta noite, da mesma forma que não sabia três dias antes. Se tivesse um pouco mais de tempo...

Mas não havia tempo. Melanie voltava a falar.

— Adam.

A voz de Adam era firme e clara.

— Diana.

De uma pilha de pedras vermelhas e brancas diante dela, Melanie posicionou uma branca à frente.

— Quanto a mim, voto também em Diana — disse ela, destacando outra pedra branca. — Faye? Faye sorriu.

— Voto em mim mesma.

Melanie separou uma pedra vermelha.

— Diana.

— Também voto em mim mesma — disse ela em voz baixa.

Uma terceira pedra branca. Então Melanie disse:

— Douglas.

O garoto abriu um de seus sorrisos mais selvagens.

— Vou votar em Faye, naturalmente.

— Christopher.

— Er... — Chris estava confuso. Apesar da cara fechada de Faye e das orientações frenéticas de Doug, ele apertava os olhos para o nada como se procurasse a solução para uma decisão difícil. Finalmente pareceu encontrá-la e olhou para Melanie. — Tá legal: Diana.

Todos no círculo o olharam. Ele os encarou de volta, em desafio. Os dedos de Cassie se fecharam no pedaço de hematita no bolso.

— Chris, seu frac... — começou Doug, mas Melanie o fez se calar.

— Nada de conversas — disse ela, colocando uma quarta pedra branca ao lado das duas vermelhas. — Suzan.

— Faye.

Três vermelhas, quatro brancas.

— Deborah.

— Quem você acha? — disse Deborah com rispidez.

— Faye.

Quatro vermelhas, quatro brancas.

— Laurel — disse Melanie.

— Diana sempre foi nossa líder e sempre será — disse Laurel. — Voto nela.

Melanie separou uma quinta pedra, com um leve sorriso pairando nos lábios.

— Sean.

Os olhos negros de Sean vagavam nervosamente.

— Eu... — Faye o encarava. — Eu... Eu... Faye — disse ele, e se curvou.

Melanie deu de ombros e destacou outra pedra vermelha. Cinco vermelhas, cinco brancas. Mas embora seus olhos cinzentos continuassem sérios, os lábios definitivamente se curvavam num sorriso. Todos os adeptos de Diana relaxaram e abriram sorrisos um para o outro.

Melanie se virou com confiança para a última integrante do coven e

disse:

— Cassandra.

Fez-se silêncio sob a lua prateada.

— Cassie — disse Melanie de novo.

Agora todos a olhavam. Cassie sentia o calor dos olhos dourados de Faye nela e sabia por que Sean tinha se encolhido. Aqueles olhos eram mais quentes do que o pilar de fogo que Diana invocara para protegê-los no Halloween. Como que obrigada, Cassie virou o rosto. Diana também a olhava. Os olhos dela eram um lago com folhas verdes. Cassie não conseguia desviar os olhos deles.

— Cassie? — chamou Melanie pela terceira vez. Sua voz estava tingida com a mais leve nota de dúvida.

Ainda incapaz de tirar os olhos de Diana, Cassie sussurrou:

— Faye.

— *O quê?* — exclamou Laurel.

— Faye — disse Cassie, alto demais. Ela agarrava o pedaço de hematita no bolso. A frieza dele parecia se infiltrar por seu corpo. — Eu disse Faye, está bem? — repetiu ela a Melanie, mas ainda olhava para Diana.

Seus olhos verde-claros estavam confusos. Então, de repente, a compreensão apareceu ali, como se uma pedra tivesse sido jogada no lago tranquilo. E quando Cassie viu isso, notou que Diana realmente entendia o que acabara de acontecer, e algo dentro dela morreu para sempre.

Ela não sabia mais por que votara em Faye. Não se lembrava de como tudo aquilo começara, como tinha tomado esse caminho. Só sabia que a frieza de sua mão e seu braço tomou todo o corpo e que dali em diante não havia mais volta.

Melanie estava imóvel, chocada, sem tocar na pilha de pedras vermelhas e brancas. Foi Deborah quem se curvou para a frente e pegou a sexta pedra vermelha, acrescentando à pilha de Faye.

E algo nesse ato, na visão das seis pedras vermelhas ao lado das cinco brancas, tornou tudo real. A eletricidade estalou no ar quando todos se curvaram para a frente.

Devagar, Melanie falou.

— Faye é a nova líder do coven.

Faye se levantou.

Nunca parecera tão alta nem tão linda.

Em silêncio, ela estendeu a mão para Diana.

Mas não era um gesto de amizade. A mão aberta de Faye, com as unhas compridas e vermelhas, era exigente. Em resposta a isso, bem devagar, Diana também se levantou. Abriu o bracelete de prata no braço.

Adam olhava, perplexo. Então se colocou de pé num salto.

— Espere um minuto...

— Não adianta, Adam — disse Melanie numa voz amortecida. — A eleição foi justa. Nada pode mudar isso agora.

Faye pegou o bracelete de prata com as inscrições rúni-cas misteriosas e o fechou ao redor do braço nu. Ele brilhou contra a pele clara como mel.

Os dedos de Diana tremiam enquanto ela soltava a liga. Laurel, murmurando algo e enxugando as lágrimas dos olhos com um gesto irritado, aproximou-se para ajudá-la, ajoelhando-se diante de Diana e puxando o aro de couro verde e seda azul. Ele se soltou e Laurel se levantou, parecendo que ia atirá-lo em Faye.

Mas Diana o pegou e colocou na mão de Faye. Ela estava com o manto preto e reluzente que usou no baile de Halloween, aquele aberto nas laterais até o quadril. Ela prendeu a liga na coxa esquerda.

Em seguida Diana colocou as mãos no cabelo e tirou o diadema. Finos fios de cabelo da cor do sol e da lua pendiam da coroa de prata enquanto ela a retirava.

Faye estendeu a mão e quase a arrancou dela. Ergueu o diadema no alto, como se mostrasse ao coven, aos quatro elementos, ao mundo.

Depois o colocou na cabeça. A lua crescente em seu centro brilhava contra a cabeleira preta. Houve um suspiro coletivo no Círculo. Cassie não sabia como se colocou de pé, mas de repente estava correndo. Fugiu do círculo e correu junto ao mar, afundando os pés na areia molhada. Correu até que algo a pegou por trás e a fez parar.

— Cassie! — disse Adam. Seus olhos estavam fixos nos dela, como se procurasse por sua alma. Ela tentou se livrar dele com um tapa.

— Cassie, eu sei que você não queria fazer isso! Ela te obrigou de algum jeito, não foi? Cassie, me conte!

Ela tentou se desvencilhar dele de novo. Por que a estava incomodando? De repente ela ficou furiosa, com Adam, Diana e toda a inabalável "ela" que eles tinham nela.

— Eu sei que ela te obrigou — disse Adam intensamente.

— Ninguém me obrigou a nada! — Cassie quase gritou. Depois parou de lutar e os dois ficaram se olhando, ambos respirando com dificuldade.

— É melhor você voltar para lá — disse Cassie. — Não podemos ficar a sós. Lembra? Lembra de nosso juramento? Mas é claro que você não *precisa* pensar muito nisso. Ultimamente é muito fácil mante-lo, não é?

— Cassie, o que está *havendo*?

— Não está havendo nada! Me deixa, Adam. Só... — Antes que pudesse se reprimir, Cassie pegou os braços de Adam e o puxou. Depois o beijou. Foi um beijo furioso e duro, e no instante seguinte, quando o soltou, ela estava tão confusa quanto ele.

Os dois se olharam sem dizer nada.

— Volte — disse Cassie, mal sendo capaz de ouvir a própria voz por causa da pulsação nos ouvidos. Estava acabado, tudo acabado. Ela sentia tanto frio... Não era só sua pele, mas por dentro, no fundo de seu âmago, ela congelava. Congelava como um gelo negro. Tudo era trevas em volta dela.

Cassie empurrou Adam e saiu em direção ao brilho distante da fogueira.

— Cassie!

— *Eu* vou voltar. Para dar os parabéns à nova líder.

O Círculo estava num caos. Laurel chorava, Deborah gritava, Chris e Doug se olhavam como dois gatos prestes a brigar e se xingavam. Sean pairava atrás de Faye para manter distância da desdenhosa Melanie. Suzan dizia a Chris e Doug para crescerem, enquanto Faye ria. De todos, só Nick e Diana estavam inteiramente imóveis. Nick fumava em silêncio, longe do restante do grupo, fitando-os pelos olhos semicerrados. Diana estava parada exatamente onde estivera quando Cassie a deixou. Não parecia enxergar nem ouvir a perturbação a sua volta.

— Vocês querem calar a boca? — gritava Deborah quando Cassie os alcançou. — Agora Faye está no comando.

— E isso mesmo — disse Suzan. Chris e Doug agora se empurravam. Suzan viu Cassie e disse num tom de apelo: — Não é verdade, Cassie?

Foi estranha a rapidez com que o silêncio caiu no grupo. Todos olharam para Cassie de novo.

— É verdade — disse Cassie numa voz dura como pedra. Chris e Doug pararam de se empurrar. Laurel parou de chorar. Ninguém se mexeu enquanto Cassie se aproximava por trás de Faye. Daquela posição ela poderia estar apoiando Faye — ou prestes a lhe dar uma facada nas costas. Se Faye teve medo, não demonstrou.

— Muito bem — disse ela aos outros. — Vocês ouviram. Eu sou a líder. E agora vou dar minha primeira ordem. — Ela virou a cabeça levemente para Cassie. — Quero que *você* pegue a caveira. Quanto ao resto de vocês... Vamos ao cemitério.

— O *quê*? — gritou Laurel.

— Eu sou a líder e *vou fazer* alguma coisa com meu poder em vez de só ficar parada. Existe energia presa na caveira, uma energia que podemos usar. Cassie, vá pegá-lo.

Todos agora falavam, discutiam, berrando uns com os outros. As coisas nunca foram assim quando Diana era a líder. Adam gritava com Faye, perguntando se ela enlouquecera. Só Nick e Diana continuavam quietos; Nick olhando, Diana encarando algo que só ela podia ver.

Melanie tentava restaurar a calma, mas sem sucesso. Uma parte distante e racional da mente de Cassie pensou que se Diana interferisse

agora, se Diana avançasse e assumisse a situação, o coven lhe daria ouvidos. Mas Diana não fez nada. E a gritaria ficava mais alta.

— *Vá pegar*, Cassie — rosnava Faye entre dentes. — Ou eu mesma farei isso.

Cassie sentia o Poder crescendo em volta dela. O céu se retesava como um tambor, tenso como urna corda de harpa esperando ser tocada. O mar atrás dela pulsava com uma força reprimida. Ela sentia na areia sob seus pés e via nas chamas que saltavam da fogueira.

Lembrou-se do que fez com o doberman no depósito de abóbora. Algum poder tinha irrompido dela, concentrado como um feixe de laser. Cassie sentiu que algo parecido se concentrava nela agora. Ela estava ligada a tudo, e era esperado que ela o liberasse.

— Black John nos deixará ter o poder dele... Vai nos *dar* seu poder, se pedirmos do jeito certo — gritava Faye. — Eu *sei* disso, me comuniquei com ele. Mas temos de ir até lá para pedir.

Comunicou-se com ele...quando?, pensou Cassie. Quando ela a deixou usar a caveira na primeira vez? Ou em algum momento depois disso?

— Mas por que o *cemitério*? — gritava Melanie. — Por que lá?

— Porque foi o que ele *disse* — rebateu Faye com impaciência. — Cassie, pela última vez! Pegue a caveira!

Os elementos se agrupavam atrás dela... Cassie olhou a nuca de Faye. Então se lembrou de uma coisa. A expressão

nos olhos de Diana quando Cassie votou contra ela... Ah, de que adiantaria matar Faye agora? Tudo estava acabado. Cassie se virou e foi para o lugar onde a caveira estava enterrado.

— Mas como é que ela sabe...? — começou Melanie, mas o riso de Faye a interrompeu.

Então isso também havia acabado, o segredo sobre Cassie roubar a caveira. Diana não contou a ninguém *exatamente* onde a caveira estava enterrado, nem mesmo a Adam. Cassie correu para não ter de ouvir mais nada.

Ela cavou no meio das pedras escuras até que a ponta dos dedos raspou o tecido que envolvia a caveira. Cavou em volta e o tirou da areia,

surpreendendo-se, como sempre, com seu peso. Cassie cambaleou ao pegar a caveira e voltar até Faye.

Deborah correu para se encontrar com ela.

— Por aqui — disse, parando Cassie antes que ela pudesse chegar ao grupo. — Venha! — Elas subiram o penhasco e Cassie viu a moto de Deborah.

— Faye planejou isso — disse Cassie. Ela olhou para Deborah, com a voz se elevando um pouco. — Faye tinha tudo planejado!

—Tinha. E daí? — Deborah parecia perplexa. Uma boa tenente acostumada a receber ordens de sua superiora. Que importava a Cassie se Faye tinha planejado? — Ela imaginou que teria dificuldades para convencer todos a virem, mas queria ter certeza de que a gente chegaria lá — explicou

Deborah.

— Não vejo como Faye vai conseguir que *qualquer um* dos outros venha — disse Cassie, olhando o grupo abaixo. Mas uma estranha loucura parecia ter tomado a todos; sempre que

Faye falava, todos entravam num frenesi. Suzan ia para o penhasco e Doug arrastava Chris. Faye empurrava Sean.

— São sete; Faye disse que só precisamos disso — falou Deborah, virando-se do penhasco. — Vamos!

A moto disparou como da última vez, naquela velocidade incrível, a lua brilhando cada vez mais. Porém desta vez Cassie não teve medo, embora só conseguisse se segurar em Deborah com um dos braços. O outro abraçava a caveira no colo. Elas chegaram ao cemitério e um minuto depois ouviram motores. O Samurai vinha com Chris, Doug e Suzan. Atrás dele, o Corvette de Faye. Ela desceu do carro, e Sean tropeçou para fora da porta do carona.

— Sigam-me — disse Faye.

Com o cabelo comprido balançando às costas, ela foi para o canto nordeste. A cada passo que dava, as pernas nuas e torneadas de Faye lampejavam, mostrando a liga na coxa e uma adaga de cabo preto presa. Quando o terreno começou a se elevar, ela parou.

Cassie também parou, com a caveira agarrado junto ao peito com os dois braços, consciente e com medo de onde estavam. Numa fileira, interrompida apenas pelo monte na terra, havia os túmulos dos pais de Faye, da mãe de Sean e de todos os outros pais mortos da Crowhaven Road. Sean agora se lamentava e só a mão firme de Deborah em seu braço o impedia de sair correndo.

Faye se virou para encarar o grupo. Mesmo nos piores momentos, a menina alta e estonteantemente bonita tinha uma autoridade natural, uma capacidade de intimidar as pessoas. Agora isso parecia aprimorado pelos símbolos da Rainha das Bruxas: o diadema, o bracelete, a liga. Uma aura de poder e glamour a cercava.

— Está na hora — disse Faye — de retomar a energia que pertencia ao coven original e que Black John armazenou na caveira. Black John quer que tenhamos esse poder, para usar contra nossos inimigos. E podemos consegui-lo de volta... *agora*.

Pegando a adaga de cabo preto na liga, Faye a desembainhou e traçou um círculo rápido e imperfeito na relva ressecada.

— Entrem — disse ela, e os outros assumiram seus lugares.

Ela os fez agir com tal rapidez que eles nem pensaram no que estavam fazendo, reparou Cassie. Ninguém questionava Faye; todos pareciam apanhados na urgência que ela criava. Até Sean tinha parado de se lamentar e olhava, extasiado.

Era uma visão impressionante a de Faye erguendo a adaga e tão logo apelando à proteção dos quatro elementos. Rápido demais, Cassie pensava — uma proteção muito leve quando todos os esforços do grupo no Halloween não foram suficientes. Mas ela não conseguia falar; todos estavam presos naquela montanha-russa e ninguém conseguia para-la. Muito menos Cassie, que estava tão entorpecida e com frio...

— Coloque a caveira no meio, Cassie — disse Faye. Sua voz estava sem fôlego e o peito subia e descia rapidamente. Ela parecia mais excitada do que ficara com Jeffrey, ou Nick, ou o cara da pizzaria que ela levou para o segundo andar.

Cassie se ajoelhou e colocou a coisa embrulhada em tecido no meio

do círculo mal-traçado por Faye.

— E agora — disse Faye naquela voz exultante de rainha, olhando o monte de areia entre seus pés — podemos reivindicar o poder que devia ser nosso há muito tempo. Apelo a todos os elementos que testemunhem...

— Faye, pare! — gritou Adam, ao aparecer correndo entre as lápides.

O resto do coven estava atrás dele, inclusive Diana, que ainda dava a impressão de andar como uma sonâmbula. Nick, em silêncio e atento como sempre, estava atrás.

Faye pegou a caveira coberto do chão e o aninhou nas mãos.

— Vocês tiveram sua chance — disse ela. — Agora é a minha vez.

— Faye, pare um minuto e *pense* — pediu Adam. — Black John não é seu amigo. Se ele realmente se comunicou com você, o que quer que tenha dito é uma mentira...

— Mentiroso é *você!* — gritou Faye.

— Chris, Doug... Essa caveira matou Kori. Se deixarem que a energia maligna escape novamente...

— Não dêem ouvidos a ele! — gritou Faye.

Ela parecia uma rainha bárbara de pé ali, com as pernas longas separadas, um brilho prateado contra o preto de seu vestido e o negro mais escuro do cabelo. Cassie percebeu que enquanto Adam falava com ela, Laurel e Melanie estavam formando um círculo, uma de cada lado.

Faye também notou isso.

— Não vou deixar que me detenham! Este é o começo de um novo Círculo!

— *Por favor*, Faye... — exclamou Diana, desesperada, parecendo enfim despertar.

— Pela Terra, pelo Ar, pelo Fogo, pela Água! — gritou Faye, e arrancou o tecido da caveira, segurando-o com as duas mãos no alto da cabeça.

Praia. A lua cheia brilhava no cristal e parecia arder nele, e era como se outro rosto estivesse suspenso acima do de

Faye; uma face nítida, abominável, esquelética. E então... a escuridão começou a verter dela. Algo mais negro do que o céu fluía das órbitas da

caveira, saindo pela abertura do nariz e entre os dentes sorridentes. Serpentes, pensou Cassie, olhando hipnotizada o que acontecia. Serpentes, vermes e dragões ancestrais, daqueles cujas escamas pesadas raspam o chão e que cospem veneno quando respiram. Tudo muito ruim, tudo de sombrio, tudo de repugnante, asqueroso e cruel parecia vazar daquela caveira, embora nada disso fosse real. Era só escuridão, só uma luz negra.

Houve um zumbido de abelhas, só que mais agudo, mais mortal. Ele crescia. Faye estava sob a cascata medonha de trevas e o som era como de duas picaretas de gelo entrando pelos ouvidos de Cassie, e em algum lugar um cachorro

latia...

Alguém precisa parar isso, percebeu Cassie. Não; *eu* preciso parar isso. *Agora*.

Ela estava se levantando quando a caveira explodiu.

Tudo ficou silencioso e escuro.

Cassie queria que continuasse assim.

Alguém gemeu ao lado dela.

Cassie sentou-se lentamente, olhando em volta, tentando entender o que tinha acontecido. O cemitério parecia um campo de batalha. Havia corpos espalhados por todo lado. Havia Adam, deitado com um braço esticado em direção ao círculo e Raj ao lado dele. Havia Diana com o cabelo brilhante nas folhas e na terra. Havia Nick, ficando de quatro e balançando a cabeça.

Faye estava deitada numa poça de seda preta, o cabelo negro cobrindo o rosto. As mãos com unhas vermelhas e compridas estavam em concha, abertas — mas vazias. Não havia sinal da caveira.

Alguém gemeu novamente e Cassie olhou, vendo que Deborah se sentava, esfregando o rosto com uma das mãos.

— Eles estão mortos? — perguntou com a voz rouca, olhando em volta.

— Não sei — sussurrou Cassie. Sua garganta doía. Todos aqueles corpos e o único movimento era o farfalhar do cabelo de Diana ao vento. E Nick, que cambaleava para o círculo.

Mas houve uma agitação — as pessoas começavam a se sentar. Sean gemia. Suzan também. Deborah engatinhou até Faye e colocou seu cabelo preto para trás.

— Ela está respirando.

Cassie assentiu; não sabia o que dizer. Adam se curvava sobre Diana. Cassie virou rapidamente para o lado oposto. Melanie e Laurel se levantaram, assim como Chris e Doug, parecendo bêbados brigões. Estavam todos vivos.

Então Cassie viu Laurel ofegar e apontar.

— Ah, meu *Deus*. O monte. Olhem o monte.

Cassie se virou... e ficou paralisada. Seus olhos foram de um lado a outro sem acreditar no que viam.

O monte que a avó lhe dissera que era para guardar munição estava arrombado. O cadeado enferrujado sumira e o porão de ferro estava jogado contra o bloco de concreto. Mas não era só isso. O alto do monte, onde crescia a relva escassa do cemitério, estava rachado como a casca de uma ameixa madura demais. Como o casulo de um inseto que tinha se libertado.

E na fila de túmulos junto à cerca, lápides estavam tombadas desordenadamente. As mais próximas do monte, aquelas com os nomes dos pais da Crowhaven Road, estavam partidas e espatifadas. *Fendidas*, pensou Cassie; a palavra antiga veio do nada, singularmente adequada.

Algo de dentro do monte cheirava mal.

— Preciso ir ver — murmurou Deborah.

Cassie nunca admirou tanto alguém quanto ela nessa hora, indo aos tropeços para o monte aberto. Deborah tinha mais coragem do que qualquer um que Cassie tivesse conhecido. Tonta, se levantou e se lançou ao lado dela, e as duas caíram de joelhos na beira da fissura que cheirava a maldade.

O brilho da lua ali dentro mostrava que estava vazia. Mas havia uma

camada de limo na terra embaixo.

E então uma luz e um movimento chamaram a atenção de Cassie.

Era no céu, a nordeste. Parecia uma aurora boreal, só que piscava intermitentemente e era toda vermelha.

— Está acima da Crowhaven Road — disse Nick.

— Ah, meu Deus, o que está acontecendo? — exclamou Laurel.

— Parece fogo — murmurou Deborah, ainda rouca.

— Seja o que for, é melhor irmos para lá — disse Nick.

Adam abraçava Diana, tentando reanimá-la. Suzan e Sean estavam juntos, Chris e Doug ainda pareciam bêbados. Mas Melanie e Laurel estavam de pé, embora trêmulas.

— Nick tem razão — disse Melanie. — Adam pode cuidar de tudo por aqui. Alguma coisa está acontecendo.

Cassie olhou para Faye, a líder caída, deitada no chão. Depois se virou e seguiu Melanie sem dizer nada.

Não importava que os cinco que partiram desequilibrados para a rua pouco antes estivessem em lados opostos de uma briga. Não havia tempo para pensar em nada tão mesquinho. Cassie subiu na garupa da moto de Deborah, e Melanie e Laurel entraram no carro de Nick. Os outros teriam de seguir quando pudessem — se quisessem.

O vento rugia nos ouvidos de Cassie como o som do mar. Mas a sensação de poder que ela teve antes, a ligação com os elementos, fora rompida. Ela não conseguia *pensar* — sua mente estava confusa e nebulosa, como se estivesse muito gripada. Só o que sabia era que tinha de chegar à Crowhaven Road.

— Não é fogo — gritou Deborah enquanto se aproximavam. — Não tem fumaça.

Passaram voando por casas escuras; pela de Diana, de Deborah. Pela casa georgiana desocupada no número 3. Pela de Melanie, Laurel, Faye. Pela casa vitoriana vazia. Pela dos Henderson, de Adam, de Suzan, de

Sean...

— E na sua casa, Cassie — gritou Deborah.

Sim. Cassie sabia que seria. Algo dentro dela sabia mesmo antes de partirem.

Um bordo apareceu como um esqueleto negro contra a luz vermelha que engolfava a casa do número 12. Mas o vermelho não era fogo. Era uma luz enfeitiçada, uma aura carmim de maldade.

Cassie se lembrou do quanto odiou essa casa quando a viu pela primeira vez. Odiou-a por ser imensa e feia, com as tábuas cinza descascando, os beirais arriados e as janelas sujas. Mas agora gostava da casa. Era o antigo lar de sua família; pertencia a ela. E o mais importante de tudo, a mãe e a avó estavam lá dentro.



Cassie saltou da moto e correu pela entrada. Mas assim que alcançou a luz vermelha, reduziu o passo. Algo na luz dificultava os movimentos, estava difícil até respirar. Era como se o ar tivesse ficado denso.

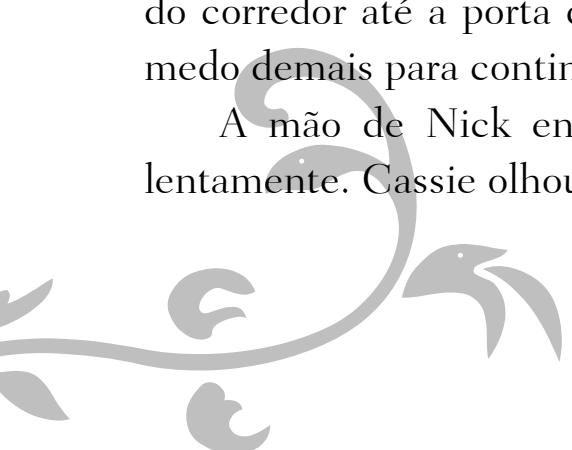
Em câmera lenta, Cassie traçou um caminho até a porta. Estava aberta. No interior da casa, as luzes comuns, as lâmpadas do corredor, pareciam fracas e inúteis contra o brilho vermelho que permeava tudo, como lanternas à luz do dia. E então Cassie viu algo que lhe tirou o fôlego. Pegadas.

Algo tinha deixado um rastro de lama pelo piso de pinho da avó. Só que não era lama. Era preto como piche e escorria um pouco, como uma podridão primitiva do inferno. As pegadas subiam pela escada e voltavam por ela. Cassie teve medo de avançar mais. — O que é isso? — gritou Nick, vindo por trás dela. Seu grito não foi de muito longe, mas parecia abafado e arrastado. Cassie se virou para ele e foi como se virar num sonho, onde cada movimento é mais lento.

— Vamos — disse Nick, puxando Cassie. Ela olhou para trás e viu Deborah, Melanie e Laurel na porta, também se movendo em câmera lenta.

Cassie deixou que Nick a guiasse enquanto eles lutavam para subir a escada. O brilho vermelho era mais intenso ali; ficava difícil ver as pegadas. Mas Cassie seguiu-as mais por intuição do que pela visão, através do corredor até a porta do quarto da mãe, e apontou para lá. Estava com medo demais para continuar.

A mão de Nick envolveu a maçaneta, girando-a. A porta se abriu lentamente. Cassie olhou a cama vazia da mãe.



— *Não!* — gritou ela, e a luz vermelha parecia pegar a palavra e prolongá-la interminavelmente.

Ela se esqueceu do medo e correu para a frente, devagar, em direção ao meio do quarto. A cama estava desfeita, fora usada, mas as cobertas tinham sido jogadas para trás e não havia sinal da mãe.

Cassie olhou o quarto deserto, angustiada. A janela estava fechada. Sentiu uma sensação de perda terrível, uma premonição. Aquelas pegadas escuras iam para o lado da cama da mãe. Alguma *coisa* estivera ali, ao lado dela, e depois...

— Vamos! Lá embaixo — gritava Nick da porta. Cassie se virou para ele... e gritou.

A porta se fechava lentamente. E nas sombras atrás dela havia uma figura pálida e espectral.

O segundo grito de Cassie foi interrompido quando a figura avançou, mostrando um rosto branco e abatido e o cabelo escuro caindo solto nos ombros magros. Estava com uma camisola comprida e branca. Era sua mãe.

— Mãe — gritou Cassie, atirando-se para a frente e lançando os braços ao redor da cintura dela. Ah, graças a Deus, graças a Deus, pensou Cassie. Agora tudo ficaria bem. A mãe estava segura, a mãe cuidaria de tudo. — Ah, mãe, estou com tanto medo — ofegou ela.

Mas havia algo errado. A mãe não a abraçava. Não havia reação alguma do corpo ereto mas sem vida na camisola. Ela simplesmente ficou parada ali e Cassie recuou, vendo que a mãe fitava o vazio.

— Mãe? Mãe? — chamou Cassie. Ela sacudiu a figura magra e branca. — Mãe! O que houve?

Os lindos olhos da mãe estavam vazios, como os de uma boneca. Sem ver. As olheiras escuras pareciam tragar os olhos. Os braços da mãe estavam flácidos ao lado do corpo.

— Mãe — disse Cassie de novo, quase chorando. Nick tinha aberto a porta.

— Precisamos sair daqui — disse ele a Cassie.

Sim, pensou Cassie. Ela tentou se convencer de que era a luz, que

talvez fora do brilho vermelho a mãe ficasse bem. Cada um segurou num braço sem movimento e levaram a figura, que não resistia, para o corredor. Melanie, Laurel e Deborah convergiam de diferentes lados.

— Olhamos em todos os cômodos deste andar — disse Melanie. — Não tem mais ninguém aqui em cima.

— Minha avó... — começou Cassie.

— Ajudem a levar a Sra. Blake lá para baixo — disse Nick.

No pé da escada as pegadas pretas viravam à esquerda e depois se entrecruzavam. Cassie teve uma ideia repentina.

— Melanie, Laurel, podem levar minha mãe lá para fora? Para longe da luz? Cuidem para que ela fique em segurança, por favor? — Melanie assentiu e Cassie continuou: — Vou sair assim que puder.

— Tenha cuidado — disse Laurel com urgência. Cassie as viu levarem a mãe para a porta, depois se obrigou a parar de olhar.

— Vamos — disse ela a Nick e Deborah. — Acho que minha avó está na cozinha.

Uma linha de pegadas levava até lá, mas não só isso, era uma sensação que Cassie tinha. Uma sensação terrível de que a avó estava na cozinha, e não estava só.

Deborah andava como uma caçadora à espreita, seguindo as marcas pretas pelos corredores sinuosos até a antiga ala da casa, construída pelas bruxas originais em 1693.

Nick estava atrás de Cassie e ela percebeu vagamente que os dois a protegiam, dando-lhe o lugar mais seguro na fila. Mas agora não havia lugar seguro na casa. Enquanto eles atravessavam a soleira para a ala antiga, a luz vermelha parecia ficar mais intensa e o ar ainda mais denso. Cassie sentiu o esforço dos pulmões.

Ah, meu Deus, parece fogo aqui dentro. A luz vermelha estava em toda parte e o ar queimava a pele de Cassie. Deborah parou e Cassie quase esbarrou nela. Esforçou-se para ver por cima do ombro de Deborah, mas seus olhos ardiam e lacrimejavam.

Ela sentiu Nick atrás dela, a mão segurando seu ombro com força. Cassie tentou focalizar os olhos, apertando-os para a luz vermelha e

espessa.

Ela estava vendo a avó! A velha estava deitada na frente da lareira, perto da mesa longa de madeira onde trabalhava com tanta frequência. A mesa estava de lado, e ervas e suportes de secagem estavam espalhados pelo chão. Cassie partiu em direção a ela, mas havia algo mais ali, algo que sua mente não queria apreender. Nick a abraçava pelas costas e Cassie olhou a coisa curvada sobre a avó.

Era queimada, escura, horrenda. Parecia que sua pele era dura e rachava. Tinha a forma de um homem, mas Cassie não conseguia ver olhos, roupas, ou cabelos. Quando a coisa levantou a cabeça para ela, Cassie teve uma breve e apavorante visão de uma caveira prateada brilhando pela escuridão de seu rosto.

Agora o homem tinha visto os três. Cassie sentiu que ela, Nick e Deborah eram um só; Nick ainda a abraçava e ela segurava Deborah. Queria fugir, mas *não podia*, porque a avó estava no chão. Cassie não podia deixar a avó sozinha com a coisa queimada.

Mas também não podia lutar. Não sabia como seria uma luta dessas. E não conseguia mais sentir qualquer ligação com os elementos; nesse forno terrível, parecia ter sido desligada de tudo que estava lá fora.

Que armas eles tinham? A hematita no bolso de Cassie não era mais fria; quando ela colocou a mão, a pedra queimou. Isso não era bom. Ar, fogo e terra estavam todos contra eles. Precisavam de algo que esta criatura não pudesse controlar.

— Pensem na água — gritou ela a Nick e Deborah. Sua voz era abafada no ar causticante e opressivo. — Pensem no mar... Em água fria... Gelo!

Ao dizer isso, ela própria se concentrou, tentando se lembrar de como era a água. Fria... Azul... Infinita. De repente ela se lembrou de quando olhou assim do alto do penhasco na casa da avó, vendo um azul tão intenso que lhe tirou o fôlego. O mar, inimaginavelmente vasto, estendia-se diante dela. Cassie agora podia imaginá-lo; azul e cinza como os olhos de Adam. O sol brilhava nas ondas, e os olhos de Adam cintilavam, rindo...

O vento sacudia as janelas e a torneira da pia começou a tremer.

Houve um vazamento em algum lugar em sua base e de lá saiu um jato fino de água branca. Algo explodiu também no lava-louças e a água se derramava no chão. O líquido saía silvando do cano debaixo da pia.

— Agora! — gritou Deborah. — Vamos, peguem a coisa agora!

Cassie sabia que era um erro assim que Deborah falou. Eles não tinham tanto poder, nem eram fortes o suficiente para lidar diretamente com a coisa. Mas Deborah, sempre descuidada com o perigo, avançava e não houve tempo para gritar um alerta ou tentar impedi-la. O coração de Cassie falhou e suas pernas ficaram fracas no meio da correria para a coisa escura.

Aquilo os mataria — um toque daquelas mãos calcinadas e endurecidas podia matar —, mas ela recuava diante deles. Cassie nem acreditava que ainda estavam vivos, se mexiam, mas era o que acontecia. A coisa recuava, agachava-se, fugia. Virou-se e passou pelo que um dia foi a antiga porta da frente, deixando a maçaneta preta ao sair. Foi para a escuridão e desapareceu.

A porta ficou aberta, batendo com o vento. A luz vermelha sumiu. Pela soleira, Cassie via o brilho azul-prateado da lua.

Ela inspirou profundamente, grata por ser capaz de respirar sem sentir dor.

— Conseguimos! — Deborah ria. Ela deu um soco no braço e nas costas de Nick. — Conseguimos! É isso aí! O cretino fugiu!

Ele *saiu*, pensou Cassie. Saiu, deliberadamente. Não vencemos nada. Virou-se rapidamente para Nick.

— Minha mãe! E Laurel e Melanie... Elas estão lá fora...

— Vou ver. Mas acho que por enquanto passou — disse ele.

Por enquanto. Nick sabia o mesmo que Cassie. Não estava derrotado; tinha batido em retirada.

Com as pernas tremendo, Cassie se ajoelhou ao lado da senhora no chão.

— Vó? — disse ela. Teve medo de que ela estivesse morta. Mas não, a avó respirava com dificuldade. Então Cassie teve medo de que, se as pálpebras enrugadas se abrissem, os olhos por baixo estivessem vazios

como os de uma boneca; mas agora eles se abriam e a viam, a reconheceram. Os olhos da avó estavam escuros de dor, mas eram racionais.

— Cassie — sussurrou ela. — Pequena Cassie.

— Vovó, vai ficar tudo bem. Não se mexa. — Cassie tentou pensar em algo mais que tinha ouvido sobre pessoas feridas. O que fazer? Mantela aquecida? Manter seus pés elevados? — Fique quietinha aí — sussurrou ela a avó, e então para Deborah: — Chame uma ambulância, rápido!

— *Não* — disse a avó. Ela tentou se sentar e seu rosto se contraiu de dor. A mão nodosa se agarrava ao robe fino da camisola. Sobre o coração.

— Vovó, não se mexa — pediu Cassie freneticamente. — Vai ficar tudo bem, vai dar tudo certo...

— Não, Cassie — disse a avó. Ela ainda respirava daquele jeito sofrido, mas sua voz era surpreendentemente forte. — Nada de ambulância. Não há tempo. Você precisa me ouvir; tenho uma coisa a lhe dizer.

— Pode me dizer depois. — Cassie agora chorava, mas tentou manter a voz firme.

— Não haverá um *depois*. — A avó arfou, mas depois se acalmou, deixando a respiração cautelosa e lenta. Ela falou distintamente, passando a mão de Cassie pela dela. Seus olhos estavam tão escuros, tão angustiados... E tão gentis.— Cassie, não me resta muito tempo e você precisa me ouvir. Isto é importante. Vá até a lareira e procure um tijolo solto do lado direito. Fica mais ou menos no nível do consolo. Puxe e me traga o que está no buraco.

Cassie foi cambaleando até a lareira. Um tijolo solto — ela não conseguia *enxergar*, estava chorando muito. Tateou, arranhando a argamassa, então algo se mexeu.

Este tijolo. Ela cravou as unhas na argamassa esfarelada em volta dele e empurrou e puxou até que se soltasse. Cassie o deixou cair e estendeu a mão para o buraco escuro e frio agora exposto.

Seus dedos encontraram algo macio. Ela o trouxe mais para perto com

as unhas. Depois o segurou e puxou.

Era um Livro das Sombras.

Aquele de seu sonho, aquele com a capa vermelha de couro. Cassie o levou à avó e se ajoelhou de novo.

— Ele não conseguiu me obrigar a dizer onde estava. Não conseguiu me obrigar a falar nada — disse a avó, e sorriu. — Minha avó me mostrou que era um bom lugar para esconder. — Ela afagou o livro, depois sua mão com manchas da idade apertaram a de Cassie. — E seu, Cassie. De minha avó para mim e de mim para você. Você tem a visão e o poder, como eu tinha, como sua mãe tem. Mas não pode fugir como fez sua mãe. Precisa ficar aqui e enfrentá-lo.

Ela parou e tossiu. Cassie olhou para Deborah, que ouvia atentamente, depois voltou a atenção à avó.

— *Vovó, por favor*, deixa a gente chamar uma ambulância. Não pode desistir...

— Não estou desistindo! Estou dando tudo a *você*. A você, Cassie, para que continue a luta. Deixe-me fazer isso antes de morrer. Caso contrário nada terá significado, nada. — Ela tossiu de novo. — Não devia ser assim. Essa menina... Faye... me enganou. Não pensei que ela agiria tão rápido. Pensei que teríamos mais tempo... Mas não temos.

Então, escute.

Ela respirou dolorosamente, os dedos segurando com tanta força os de Cassie que doía, e seus olhos velhos e escuros se fixaram nos da neta.

— Você vem de uma longa linhagem de bruxas, Cassie. Você sabe disso. Mas não sabe que nossa família sempre teve a visão mais clara e mais poder. Somos a linhagem mais forte e podemos ver o futuro... Mas os outros nem sempre acreditam nisso. Nem entre nossa própria espécie.

Seus olhos vagaram para Deborah.

— Vocês, jovens, pensam que inventaram tudo, não é? — Seu rosto vincado se enrugou numa risada, embora não saísse som algum. — Não têm respeito pelos mais velhos, nem mesmo por seus pais. Pensam que passamos a vida sem fazer nada, não é?

Ela está divagando, pensou Cassie. Não sabe o que está dizendo. Mas então ela continuou.

— Sua ideia de resgatar os antigos livros e reviver antigas tradições... Vocês pensam que foram os únicos a pensar nisso, não pensam?

Cassie balançou a cabeça com desânimo, mas Deborah, com as sobrancelhas unidas numa expressão de raiva, falou.

— Bem, e não é assim?

— Não. Ah, minhas queridas, não é. No meu tempo, quando eu era pequena, brincávamos com isso. As vezes tínhamos reuniões: os que tinham visão tomavam nota do que viam, os que tinham o toque de cura falavam de ervas e coisas assim. Mas foi a geração de seus pais que formou um verdadeiro coven.

— Nossos *pais*? — perguntou Deborah, incrédula. — Meus pais tinham tanto medo da magia que praticamente vomitavam se a gente falasse nisso. Os *meus* pais *nunca*...

— Isso é agora — disse a avó de Cassie suavemente, enquanto a neta tentava acalmar Deborah. — Isso é agora. Eles se esqueceram... Se obrigaram a esquecer. Tiveram de fazer isso, sabe. Para sobreviver. Mas as coisas pareciam diferentes quando eles eram jovens. Eles só eram um pouco mais velhos do que vocês, as crianças da Crowhaven Road. Sua mãe devia ter 19 anos, Deborah, e a de Cassie tinha

apenas 17. Foi quando o Homem de Preto veio para New Salem.

— Vó... — sussurrou Cassie. Arrepios gelados subiam e desciam por sua espinha. Esta sala, que foi tão quente, agora a fazia tremer. — Ah, vovó, por favor...

— Você não quer saber. Eu sei. Eu entendo. Mas precisa ouvir, as duas precisam. Vocês precisam entender o que estão combatendo.

Com outra tosse, a avó de Cassie mudou um pouco de posição, os olhos desfocando com as lembranças.

— Era o outono de 1974. O novembro mais frio que tivemos em décadas. Nunca vou me esquecer dele na porta, chutando a neve das

botas. Ele mudaria para o número 13, disse, e precisava de fósforos para acender a lenha que carregava. Não havia outro tipo de aquecimento naquela casa velha; estava vazia desde que ele saíra da primeira vez.

— Desde *o que?* — disse Cassie.

— Desde 1696. Desde que ele fora embora da primeira vez para o mar e se afogara quando o barco virou. — A avó assentiu sem olhar para Cassie. — Ah, sim, era Black John. Mas na época não sabíamos disso. Quanto sofrimento teríamos evitado se *tivéssemos...* Mas de nada adianta pensar nisso agora. — Ela afagou a mão de Cassie. — Emprestamos os fósforos a ele, e as meninas e os jovens da rua o ajudaram a reformar a velha casa. Ele era alguns anos mais velho e eles o visitavam. Admiravam-no, a ele e a suas viagens... Ele contava histórias maravilhosas. E era bonito... Bonito de um jeito que não mostrava seu coração sombrio por dentro. Todos fomos enganados, todos caímos sob seu feitiço, até eu.

"Não sei quando ele começou a falar com os jovens sobre os velhos tempos. Acho que não demorou muito; ele trabalhava rápido. E eles estavam prontos para ouvir. Pensavam que nós, os pais, éramos velhos e chatos se nos opúnhamos a eles. E para falar a verdade, não foram muitos de nós que fizeram muita objeção. Havia bondade nos velhos tempos e não sabíamos o que ele estava aprontando."

Tremores agora tomavam o corpo de Cassie, mas ela não conseguia sair do lugar. Só podia ouvir a voz da avó, o único som além do silvo agudo da água na cozinha silenciosa.

— Ele uniu os jovens mais parecidos e formou casais. Sim, chegou a esse ponto, embora nós, os pais, não soubéssemos na época. Ele fez combinações, dando uma menina a um rapaz, e aquele rapaz a outra menina, e de algum modo conseguiu que tudo lhes parecesse razoável. Até rompia casais que pretendiam se casar... Sua mãe, Deborah, ia se casar com o pai de Nick, mas ele mudou isso. Passou-a de um irmão a outro e eles deixaram. Tinha tanto poder sobre os jovens que todos teriam deixado que fizesse qualquer coisa.

"Eles fizeram os casamentos à moda antiga, uma cerimônia paga. Dez casamentos em março. E todos comemoramos, como idiotas que éramos.

Todos aqueles jovens tão felizes, e nunca havia uma rixa entre eles, pensávamos; que sorte tinham! Eram como um grande grupo de irmãos e irmãs. Ora, o grupo era grande demais para um coven, mas não pensamos nisso.

"Também era bom ver o respeito deles pelas velhas maneiras. Tinham o Festival de Beltrane em maio e no meio do verão colhiam erva-de-são-jão e visco. Em setembro eu me lembro de todos rindo e gritando enquanto faziam um John

Barleycorn de palha para representar a colheita. Eles não sabiam o que o outro John estava planejando.

"Sabíamos que os bebês logo viriam, e este era outro motivo para comemorar. Mas foi em outubro que algumas mulheres mais velhas começaram a se preocupar. As meninas estavam todas pálidas demais e as gestações pareciam sugar muito delas. A coitada da Carmen Henderson era pele e ossos, a não ser pela barriga, que dava a impressão de que ela carregava gêmeos de elefantes. Não havia muito o que comemorar no Samhain, todas as meninas pareciam doentes. "E então, em 3 de novembro, começou. Seu tio Nicholas, Deborah, o que você não conheceu, me chamou para ver a esposa ao leito. Ajudei Sharon a ter seu pequeno Nick, seu primo. Ele era um lutador desde o primeiro minuto; nunca vou me esquecer de como gritava. Porém havia algo mais, algo que eu nunca vira nos olhos de um bebê, e fui para casa pensando nisso. Havia um poder ali que eu nunca vira na vida. "E dois dias depois aconteceu de novo. Elizabeth Conant teve um menino, com o cabelo como o vinho de Baco e os olhos como o mar. Este bebê olhou para mim, e eu senti seu poder."

— Adam — sussurrou Cassie.

— Isso mesmo. Três dias depois Sophie Burke entrou em trabalho de parto... Ela conservou o próprio nome, mesmo depois de se casar. Sua filha, Melanie, era como os outros. Parecia duas semanas mais velha quando era recém-nascida e me viu com a mesma clareza com que eu a via.

"Os nascimentos mais estranhos foram os de Diana e Faye. As mães

eram irmãs e tiveram os bebês no mesmo instante, em duas casas separadas. Uma menina era luminosa como o sol e a outra escura como a noite, mas as duas estavam ligadas de alguma maneira. Era possível saber já naquela idade."

Cassie pensou em Diana e isso lhe doeu, mas ela afastou o sentimento e continuou ouvindo. A voz da avó parecia ficar mais fraca.

— Pobrezinhas... Não era culpa delas. Não é culpa de *vocês* — disse a velha, concentrando-se subitamente em Deborah e Cassie. — Ninguém pode culpar vocês. Mas em 3 de dezembro *onze* bebês tinham nascido, e eram todos estranhos. As mães não queriam admitir isso, mas em janeiro não havia como negar. Aqueles bebês mínimos podiam apelar aos Poderes, e podiam assustar as pessoas se não conseguissem o que queriam.

— Eu sabia — sussurrou Cassie. — Eu sabia que era esquisito demais que todas aquelas crianças tivessem nascido no intervalo de um mês... Eu *sabia*.

— Os pais também sabiam, mas não entendiam o que significava. Creio que foi o pai de Adam que juntou as peças. Onze bebês, disse ele... E deduziu que, com mais um, formariam um coven. E quem era esse décimo segundo? Ora, o homem que fez com que todos os bebês nascessem, o homem que iria liderá-los. Black John voltara para fazer o Círculo mais forte que este país já viu... Não com esta geração, mas com a seguinte, disse o pai de Adam. Com os bebês.

"No início, ninguém acreditou na história. Alguns pais ficaram com medo e outros eram simplesmente estúpidos. E muitos nem viam como Black John podia voltar dos mortos depois de todos aqueles anos. Este é um mistério que ainda não foi resolvido.

"Mas aos poucos alguns do grupo se convenceram. O pai de Nick, que perdeu a noiva, viu-a se casar com o irmão mais novo... Ele deu ouvidos. E Mary Meade, mãe de Diana; ela era tão inteligente quanto bonita. Até o pai de Faye, Grant Chamberlain... Ele era um homem frio, mas sabia que sua filha podia atear fogo nas cortinas sem tocá-las, e ele sabia que isso não era certo. Eles convenceram alguns outros e numa noite fria, em primeiro de fevereiro, o grupo se reuniu para falar com *ele* sobre isso."



A avó de Cassie balançou a cabeça. — Conversar! Se tivessem nos procurado, se viessem às mulheres mais velhas, teríamos os alertado. Eu e a avó de Laurel, a avó de Adam e a tia-avó de Melanie, Constance... Nós teríamos contado algumas coisas a eles, talvez os tivéssemos salvado. Mas eles foram sozinhos, sem contar a ninguém. No Imbolc, o primeiro de fevereiro, mais da metade do grupo que *e/le* tinha reunido foi desafiá-lo. E ninguém voltou.

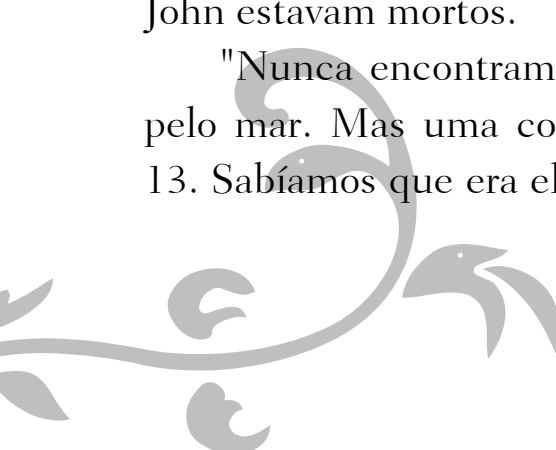
As lágrimas escorriam lentamente pelo rosto enrugado e idoso.

— Então vejam vocês, foram os corajosos, os fortes que foram lá e morreram. Ficaram os que são medrosos ou estúpidos demais para enxergar o perigo... Desculpe, Deborah, mas é a verdade. — Cassie se lembrou que os pais de Deborah estavam vivos. — Os melhores da Crowhaven Road foram combater Black John naquela noite de Imbolc — disse a avó.

— Mas *como?* — sussurrou Cassie. Ela pensava na fila de lápides do cemitério. — Como eles morreram, vovó?

— Não sei. Duvido que alguém vivo saiba, a não ser... — A avó se interrompeu e balançou a cabeça, murmurando. — Houve fogo no céu, depois veio uma tempestade. Um furacão do mar. As mulheres mais velhas reuniram os bebês que ficaram com elas e os jovens pais que não foram com o grupo, e conseguimos salvá-los. Mas no dia seguinte a casa do número 13 era uma ruína incendiada e todos os que foram desafiar Black John estavam mortos.

"Nunca encontramos a maioria dos corpos. Creio que foram levados pelo mar. Mas uma coisa encontramos: o cadáver queimado no número 13. Sabíamos que era ele pelo anel que usava, uma pedra preta e brilhante



que costumávamos chamar de magnetita. Esqueci seu nome atual. Nós o levamos ao antigo cemitério e o colocamos no bunker. Charles Meade, pai de Diana, colocou o bloco de concreto na frente. Imaginamos que, se ele voltara uma vez, podia tentar novamente um dia, e pretendíamos impedir que ele conseguisse. Depois disso os pais que sobreviveram esconderam seus Livros das Sombras e fizeram o possível para afastar os filhos da magia. E é estranho, mas a maioria esqueceu o que pôde. Acho que porque eles não conseguiriam se lembrar, e continuar bem. Ainda assim, é estranho o quanto eles esqueceram."

A voz ficava cada vez mais fraca, mas a avó de Cassie apertou com força o pulso da neta.

— Agora me escute, criança. Isto é importante. Alguns de nós não se esqueceram, porque não poderíamos. Eu dei a minha filha o nome de uma profetiza e ela fez o mesmo com a filha dela, porque sempre tivemos vidência. Sua mãe não suportou seu dom e fugiu de New Salem; fugiu até o outro lado do país. Mas eu fiquei e vi minhas premonições se realizarem, uma por uma. Os bebês que nasceram na Crowhaven Road naquele mês cresceram de forma diferente, apesar de tudo o que os pais fizeram. Desde o começo foram atraídos aos Poderes e às antigas maneiras. Todos ficaram fortes... E alguns ficaram maus.

"Eu vi isso acontecer e em minha mente ouvia o riso de Black John. Eles queimaram seu corpo, mas não seu espírito, e ele sempre esteve aqui, esperando, pairando pelo antigo cemitério e pelo terreno baldio do número 13. Ele esperava por esse coven, aquele que ele planejou, o que ele criou. Esperou que eles chegassem à maioridade. Esperou que o trouxessem de volta.

"Eu sabia o que ia acontecer... E sabia que só uma coisa podia enfrentá-lo quando ele conseguisse. E é você, Cassie. Você tem a força de nossa família, tem a visão e o poder. Implorei a sua mãe para voltar para casa porque eu sabia que sem você as crianças da Crowhaven Road estariam perdidas. Elas se voltariam para ele, como fizeram os pais, e ele seria seu líder e mestre. Você é a única que pode impedir que ele as domine agora."

— E foi por isso que a senhora e a mamãe brigaram — disse Cassie, assombrada. — Por mim.

— Brigamos por uma questão de coragem- Ela queria proteger você e eu sabia que assim nós perderíamos todos os outros. Você possuía um destino antes mesmo de nascer. E o pior era que não podíamos lhe contar sobre isso... Era o que dizia a profecia. Você precisava vir para cá sem saber e descobrir sozinha, como um sacrifício inocente. E descobriu. Você fez tudo o que poderíamos querer. E chegava a hora de explicarmos tudo a você... Mas ela nos enganou, aquela Faye. Aliás, como ela conseguiu isso?

— Eu... — Cassie não sabia o que dizer. — Eu a ajudei, vovó — confessou por fim. — Achamos a caveira de cristal que pertenceu a Black John e ele estava cheio de energia maligna. Todas as vezes que o usamos, alguém morreu. E depois... — Cassie respirou fundo e entrecortado. — Então, hoje à noite, Faye nos disse para levar a caveira ao cemitério. E quando ela o descobriu ali... Não sei... Toda aquela escuridão saiu...

A avó de Cassie assentiu.

— *Ele* era o mestre das coisas sombrias. Como o verdadeiro Homem de Preto, o senhor da morte. Mas Cassie, você entende realmente? — Com um esforço supremo, a velha tentou se sentar para olhar no rosto da neta. — Quando vocês tiraram a caveira de onde estava enterrado e deixaram a energia sair, foi o suficiente para trazê-lo de volta. Ele agora está *aqui*; ele voltou. Não como fantasma ou espírito, mas um homem. Um homem que respira e anda. Ele terá uma aparência diferente da próxima vez que o virem; depois de ter a chance de se embelezar. E ele tentará enganar vocês. — Ela arriou de novo, cansada.

— Mas, ah, vovó... Eu ajudei a libertá-lo. Desculpe. Eu sinto muito... — As lágrimas encheram os olhos de Cassie.

— Você não sabia. *Eu* a perdoo, criança, e o que está feito está feito. Mas você precisa se preparar para ele... — Os olhos da avó de Cassie se fecharam e sua respiração tinha um som assustador.

— Vovó! — disse Cassie, sacudindo-a, em pânico.

Os velhos olhos se abriram, devagar.

— Pobre Cassie. É muito para encarar. Mas você tem força, se

procurar por ela. E agora tem isto. — Fraca, ela apertou o Livro das Sombras nas mãos de Cassie. — A sabedoria de nossa família, e as profecias. Leia. Aprenda. Ele responderá a algumas perguntas que não tenho tempo para responder. Você encontrará seu caminho...

— Vovó! *Vovó, por favor...*

Os olhos da avó ainda estavam abertos, mas mudavam, desfocando-se, como se não a enxergassem mais.

— Não me importo de ir, agora que contei a história... Mas há mais uma coisa. Algo que você precisa saber...

— Cassie! — A voz veio da porta e assustou tanto Cassie que ela teve um sobressalto e olhou para cima. Laurel estava parada ali, o rosto travesso branco de preocupação. — Cassie, o que está *havendo*? Você está bem? Quer um médico? — Ela olhava a avó de Cassie no chão.

— Laurel, agora não! — ofegou Cassie. Ela chorava, mas segurou com mais força as mãos nodosas da avó. — Vovó, por favor, não vá. Estou com medo, vó. Eu *preciso* da senhora!

Os lábios da avó estavam se mexendo, mas deles saíam sons muito fracos.

— ... Nunca tenha medo, Cassie. Não há nada de assustador nas trevas, se você as enfrentar...

— Por favor, vovó, por favor. Ah, *não...* — Cassie tombou a cabeça no peito da avó e chorou. As mãos nodosas não seguravam mais as delas. — Você disse que tinha mais uma coisa a me dizer. — Ela chorava. — Não pode ir...

Uma respiração quase inaudível saiu do peito da avó. Cassie pensou ouvir a palavra "John". E depois, "nada morre para sempre, Cassie...".

O peito contra a testa de Cassie subiu e desceu uma vez e então ficou imóvel.

Do lado de fora, uma lua amarela estava baixa no céu.

— A Lua Fúnebre — disse Laurel em voz baixa. — Assim esta era

chamada.

Parecia adequado, pensou Cassie, agora com os olhos secos. Havia mais lágrimas dentro dela, acumulando-se, mas teriam de esperar. Tinha uma coisa que precisava ser feita antes que ela pudesse descansar e chorar. Mesmo depois da história da avó, Cassie tinha tantas perguntas, tanto a entender — mas antes precisava fazer uma coisa.

Vários carros estavam estacionados na rua. O restante do coven estava ali — mas nem todos. Cassie viu Suzan, Sean e os Henderson, e Adam e Diana. Mas não viu a pessoa que procurava.

— Melanie e Nick levaram sua mãe para a tia Constan-ce, de Melanie — disse Laurel, hesitante. — Acharam que era o melhor lugar para ela esta noite. Ela ainda está meio desligada... Mas sei que vai ficar bem.

Cassie engoliu em seco e assentiu. Não *tinha* certeza; não tinha certeza de nada. Só sabia o que precisava fazer naquele exato momento.

Nunca tenha medo, Cassie. Não há nada de assustador há trevas, se você as enfrentar.

Enfrentar. Encará-las e enfrentá-las.

Então Cassie viu o que procurava.

Faye estava nas sombras, além dos faróis dos carros. Seu vestido preto e o cabelo se misturavam com o escuro, mas a palidez de seu rosto e os ornamentos prateados que usava se destacavam.

Cassie andou até ela sem hesitar. Nesse momento, poderia bater em Faye, estrangular a garota, matá-la. Mas só o que fez foi dizer:

— Acabou.

— O quê? — Os olhos de Faye cintilaram um pouco, amarelos ao luar. Ela parecia enjoada e instável; e perigosa. Como uma pilha de dinamite prestes a explodir.

— Acabou, Faye — repetiu Cassie. — A chantagem, as ameaças... Acabou tudo. Não sou mais sua prisioneira. As narinas de Faye inflaram.

— Estou te avisando, Cassie, não é hora de me pressionar. Ainda sou a líder do coven. A eleição foi justa. Não pode fazer nada para mudar isso...

— Não estou tentando mudar isso... *agora*. Neste momento só estou dizendo que você não tem mais poder sobre mim. Acabou.

— Acaba quando eu digo que está acabado! — rosnou Faye. Cassie percebeu o quanto Faye estava perto de estourar, como o estado de espírito dela era perigoso. Mas não importava. Talvez fosse melhor assim, acabar com tudo de uma vez. — Não estou brincando, Cassie — continuou Faye com raiva. — Se você se virar contra mim, posso fazer o mesmo com você...

Cassie respirou fundo e disse:

— Pode fazer.

Não há nada de assustador nas trevas, se você as enfrentar.

— Tudo bem — disse Faye entre dentes. — Eu farei.

Ela se virou e andou até onde Diana e Adam estavam, de braços dados. Adam praticamente escorava Diana, Cassie notou, e por um momento seu coração enfraqueceu. Mas precisava ser feito. Apesar do juramento, apesar da dor de Diana, precisava ser feito.

Faye se virou para olhar Cassie. Um olhar que dizia claramente, *Você vai se arrepender disso*. Cassie se perguntou, num pânico súbito, se seria verdade. Ela se arrependeria? Afinal estava agindo mal, desafiando Faye na hora errada? Não seria melhor esperar, pensar no assunto...

Mas Faye se voltava para Diana, com um triunfo malicioso estampado no rosto. O coven não estava feliz com Faye esta noite, mas ela ainda era a líder e nada mudaria este fato. Agora Faye ia começar a reinar se vingando das pessoas que mais odiava.

— Diana — disse ela —, tenho uma surpresinha para você.

FIM

Continua em *The Power*